



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

RICARDO FREIRE DA SILVA

**ANÁLISE SOCIOFUNCIONAL DAS FORMAS DE TRATAMENTO *TÚ, VOS E*
USTED EM OBRAS TEATRAIS ARGENTINAS E URUGUAIAS NO INÍCIO
DO SÉCULO XX**

FORTALEZA

2021

RICARDO FREIRE DA SILVA

ANÁLISE SOCIOFUNCIONAL DAS FORMAS DE TRATAMENTO *TÚ, VOS* E
USTED EM OBRAS TEATRAIS ARGENTINAS E URUGUAIAS NO INÍCIO DO
SÉCULO XX.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Centro de Humanidades I da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S583a Silva, Ricardo Freire da.

Análise sociofuncional das formas de tratamento tú, vos e usted em obras teatrais argentinas e uruguaias do início do século XX / Ricardo Freire da Silva. – 2021.
118 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes.

1. Sociofuncionalismo. 2. Obras teatrais. 3. Formas de tratamento. I. Título.

CDD 410

RICARDO FREIRE DA SILVA

ANÁLISE SOCIOFUNCIONAL DAS FORMAS DE TRATAMENTO *TÚ, VOS* E
USTED EM OBRAS TEATRAIS ARGENTINAS E URUGUAIAS NO INÍCIO DO
SÉCULO XX.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Centro de Humanidades I da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 31/08/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^o. Dr. Leandro Silveira de Araújo (1^o Examinador)
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof^a. Dra. Hebe Macedo de Carvalho (2^a Examinadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Aluiza Alves de Araújo (Suplente externo)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^a. Dra. Márluce Coan (Suplente interno)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

A meus pais, Lourdes e Sebastião, que são tudo na minha vida e a razão do meu viver.

Aos meus amigos, Alessandro, Lilian, Andreia, Ana Alice, Natan e Nagyla.

À minha cachorrinha Lolita, minha vida de 4 patas.

Dedico a eles que são meu maior tesouro.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar forças, por toda a sabedoria e a perseverança num momento tão difícil que estamos passando, nesse período de pandemia. E por me levar além do que eu imaginava e não acreditava ser capaz de chegar. Ainda que em muitos momentos não me sinta merecedor de tanta graça, sei que Ele me ama. A Ele, toda honra e glória!

Aos meus pais, Lourdes e Sebastião, que são tudo em minha vida e faço tudo por eles. Obrigado por me amarem incondicionalmente e me apoiarem em todos os meus sonhos e conquistas. Eles são meu porto seguro e eu os amo profundamente!

Aos meus amigos, Ana Alice, Andreia, Gizele, Nagyla, Giovane, Ernesto, Laís, Erlânia, Lilian, Rochele, Carmem, Sávio, Alana, Vanessa, Welington, Natan, pelo carinho, ombro amigo e ter estado sempre comigo em todos os momentos da minha formação acadêmica. Adoro vocês, levo todos guardadinhos em meu coração.

Aos meus familiares, que sempre torceram por mim e ficam felizes com cada conquista alcançada por mim e me sinto feliz em proporcionar isso, à minha família.

Ao professor Dr. Valdecy Pontes, que esteve presente nos momentos mais marcantes da minha vida acadêmica, desde a disciplina de Variedades Linguísticas do Espanhol, em 2016, na qual tive a oportunidade de iniciar no grupo de estudo sobre Sociolinguística e conhecer nossa área de estudo; por todos os ensinamentos acadêmicos na monografia e, agora, na dissertação, sempre mostrando que sou capaz de alcançar as metas colocadas por ele, que, às vezes, nem eu mesmo acreditava. Obrigado por tudo!

À Dra. Christiane Maria Nunes de Souza, pela leitura atenciosa do meu trabalho e pelas valiosas contribuições em várias etapas do meu mestrado: qualificação e seminários.

Aos professores Dra. Marluce Coan, Dr. Leandro Silveira de Araújo e Dra. Hebe Macedo, por contribuírem com todas as observações em algum momento desse processo, seja na disciplina de qualificação e/ou defesa.

Aos meus professores que tanto contribuíram para a minha formação: Dra. Letícia Joaquina, Dra. Inês Cardoso, Dra. Maria das Dores, Dra. Maria Elias, Dr. Ricardo Leite, Dra. Nadja Prata, Dra. Beatriz Furtado, Dra. Hebe Macedo, Dra. Wanessa Pinheiro, entre tantos outros.

Ao Alessandro, meu namorado, pelo apoio, carinho e atenção que teve comigo no processo de produção da dissertação e monografia sempre com palavras compreensivas e vivendo cada etapa.

À minha cachorrinha, Lolita, minha companheira das madrugadas, que esteve comigo em todas elas no processo da escrita da dissertação e por ficar juntinha, me fazendo companhia.

Aos meus queridos amigos que a UFC me presenteou: Guadalupe, Savinny, Michele, Lilian Sanders, Naiara, Bruna, Monise, Ricardo, Brennon, Francion, Rafael e Carlos Eduardo, pelo apoio e companheirismo nos momentos maravilhosos e cansativos que tivemos na jornada da graduação e mestrado.

À minha amada avó, Laura que está sempre comigo espiritualmente e me protegendo com todo carinho e amor. Ela foi e será a pessoa que me ensinou com sua sabedoria e suas palavras amigas e que infelizmente não esteve presente na minha formação acadêmica. Te adoro eternamente e você será meu maior exemplo de vida.

À CAPES, pelo apoio financeiro da bolsa, que foi muito útil na compra de livros e materiais necessários para a produção da dissertação.

A todos, minha sincera gratidão!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a variação entre as formas de tratamento pronominal: *tú*, *vos* e *usted* nas obras teatrais argentinas e uruguaias do século XX. Essa pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1978, [2008]; SILVA-CORVALÁN, 2001), no sistema de tratamento pronominal em língua espanhola (FONTANELLA DE WEINBERG, 1992, 1999; CARRICABURO, 1997, 2010; CALDERÓN CAMPOS, 2010) e, mais especificamente, no espanhol argentino e uruguaio (BENAVIDES, 2003; BERTOLOTTI e COLL, 2006; STEFFEN, 2010; COUTO e KULIKOVSKI, 2011), sobre a variação estilística (GUIRAUD, 1970; MONTEIRO, 1991; POSSENTI, 1993; ECKERT, 2005; HORA e WETZELS, 2019) e Sociofuncionalista (NEVES, 1997, GIVÓN, 1984, 1990, 1991, 1995, 2001; TAVARES, 2003). Busca-se analisar a influência de variável linguística (o princípio funcional de Marcação e o relevo discursivo [*figura, fundo 1 e fundo 2*]), de variável social (*classes sociais*) e estilísticas (*audiência, relações de intimidade, relações familiares*, peças argentinas e uruguaias e períodos [*1901-1920 e 1921-1940*]) no uso das supracitadas formas. Para isso, a partir de uma metodologia de natureza qualiquantitativa e de caráter hipotético-dedutivo, analisamos 8 peças teatrais argentinas e uruguaias. Após a contagem das ocorrências nas obras teatrais, obteve-se um total de 771 dados, dos quais 216 das ocorrências foram de *tú* (28,02%), 340 de *vos* (44,10%) e 215 (27,88%) de *usted*, na Argentina e um total de 576 casos, dos quais 431 das ocorrências foram de *tú* (74,83%), 92 de *vos* (15,97%) e 53 (9,20%) de *usted*, no Uruguai. Esses percentuais revelaram a preferência das formas *tú* e *vos* pelos personagens das peças teatrais rio-platense, como as variantes mais frequentes. Ademais, apresentaremos os resultados para os seguintes grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos: i) classes sociais, no Uruguai a *classe baixa* favoreceu o uso da variante *tú*, conforme percentual 62,28%, mas o mesmo não aconteceu com a *classe baixa*, na Argentina, indicando um percentual de 43,63%, para *usted*. Já a *classe alta*, apresentou mais o uso da forma *tú*, no Uruguai, com 76,19% e na Argentina, a variante *vos*, com 46,38%; ii) audiência, apenas o fator: *sem audiência*, no Uruguai, foi confirmada na hipótese, com um percentual de 81,46%, para a forma *tú*. Na Argentina, *sem audiência*, desfavoreceu a variante *tú* ou *vos*, tendo um percentual de 38,11% para *usted*. No entanto, *com audiência*, as formas que favoreceram, ao uso de *tú* (65,15%), no Uruguai e a variante *vos* (49,19%), na Argentina; iii) relações familiares, *entre*

irmãos e pais e filhos, na Argentina, teve o predomínio da forma *vos*, com (55,34%) e (70,99%), respectivamente, e no Uruguai, a variante *tú*, com (66,67%) e (93,13%). Já *entre filhos e pais*, na Argentina, ocorreu a maior incidência de *usted*, com um percentual de 69,44% e no Uruguai, a forma *tú*, com 51,22%; iv) relações de intimidade, na Argentina prevaleceu a forma *vos*, com percentual de 55,48% e no Uruguai, a variante *tú*, com 84,03%. Já nos contextos não íntimos, *usted* apresentou mais ocorrências, tanto na Argentina (83,78%), como no Uruguai (73,08%); v) peças argentinas e uruguaias, nas peças argentinas, a variante *vos*, deteve o maior percentual com 44,10%. Enquanto, nas peças uruguaias, a forma *tú*, teve o maior percentual com 74,83%; vi) períodos, aos períodos favoreceu a forma *tú*, com (41,11%) no primeiro período e, com (40,80%), no segundo período; e vii) plano discursivo, na Argentina, pois para *figura*, a forma *vos*, apresentou um percentual de 49,38%, e para *fundo 1* e *fundo 2*, a variante *usted*, com 46,15% e 67,83%, respectivamente. No caso do Uruguai, ocorreu o predomínio da forma *tú*, nas três categorias, com 66,02% para *figura*, 100% para *fundo 1*, e 85,71% para *fundo 2*. Concluiu-se que a alternância entre esses pronomes, nessas comunidades, parece indicar um processo de mudança em progresso na direção do *tuteo/voseo*, condicionado pelas variáveis sexo, classes sociais, audiência, relações familiares, períodos e países. Além disso, este estudo ratifica o que evidenciam Couto e Kulikovski (2011), Carricaburo (1997, 2010), Bertolotti e Coll (2006) e Fontanella de Weinberg (1970, 1999) sobre a extensão do *tuteo/voseo* nos contextos analisados.

Palavras-chave: sociolinguística. obras teatrais. formas de tratamento.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar la variación entre las formas de tratamiento pronominal: *tú*, *vos* e *usted* en las obras teatrales argentinas y uruguayas del siglo XX. Esa investigación fundamenta-se nos presupuestos teórico-metodológicos de la Sociolingüística Variacionista (LABOV, 1972, 1978, [2008]; SILVA-CORVALÁN, 2001), en el sistema de tratamiento pronominal en lengua española (FONTANELLA DE WEINBERG, 1992, 1999; CARRICABURO, 1997, 2010; CALDERÓN CAMPOS, 2010) y, más específicamente, en el español argentino y uruguayo (BENAVIDES, 2003; BERTOLOTTI y COLL, 2006; STEFFEN, 2010; COUTO y KULIKOVSKI, 2011), sobre la variación estilística (GUIRAUD, 1970; MONTEIRO, 1991; POSSENTI, 1993; ECKERT, 2005; HORA y WETZELS, 2019) y Sociofuncionalista (NEVES, 1997, GIVÓN, 1984, 1990, 1991, 1995, 2001; TAVARES, 2003). Busca-se analizar la influencia de variable lingüística (el principio funcional de Marcación y el plano discursivo [*información prominente*, *trasfondo 1* y *trasfondo 2*]), las variables sociales (*clases sociales*) y estilísticas (*audiencia*, *relaciones de intimidad*, *relaciones familiares*, piezas argentinas e uruguayas y períodos [1901-1920 y 1921-1940] en el uso de las supracitadas formas. Para eso, a partir de una metodología de naturaleza cualicuantitativa y de carácter hipotético-dedutivo, analizamos 8 piezas teatrales argentinas y uruguayas. Después, del conteo de las ocurrencias en las obras teatrales, obtuvo un total de 771 datos, de los cuales 216 de las ocurrencias fueran de *tú* (28,02%), 340 de *vos* (44,10%) y 215 (27,88%) de *usted*, en Argentina y un total de 576 casos, de los cuales 431 de las ocurrencias fueran de *tú* (74,83%), 92 de *vos* (15,97%) y 53 (9,20%) de *usted*, en Uruguay. Esos porcentajes revelaron la preferencia de las formas *tú* y *vos* por los personajes de las piezas teatrales rio-platense, como las variantes más frecuentes. Además, presentaremos los resultados para los siguientes grupos de factores lingüísticos y extralingüísticos: i) clases sociales, en Uruguay la *clase baja* favoreció el uso de la variante *tú*, conforme porcentual 62,28%, pero lo mismo no ocurrió con la *clase baja*, en Argentina, indicando un porcentual de 43,63%, para *usted*. Ya la *clase alta*, presentó más el uso de la forma *tú*, en Uruguay, con 76,19% y en Argentina, la variante *vos*, con 46,38%; ii) audiencia, solamente el factor: *sin audiencia*, en Uruguay, fue confirmada en la hipótesis, con un porcentual de 81,46%, para la forma *tú*. En Argentina, *sin audiencia*, desfavoreció la variante *tú* o *vos*, hubo un porcentual de 38,11% para *usted*. Sin embargo, *con audiencia*, las formas que favorecieron, al uso de

tú (65,15%), en Uruguay y la variante *vos* (49,19%), en Argentina; iii) relaciones familiares, *entre hermanos y padres e hijos*, en Argentina, tuvo el predominio de la forma *vos*, con (55,34%) y (70,99%), respectivamente, y en Uruguay, la variante *tú*, con (66,67%) y (93,13%). Ya *entre hijos y pais*, en Argentina, ocurrió la mayor incidencia de *usted*, con un percentual de 69,44% y en Uruguay, la forma *tú*, con 51,22%; iv) relaciones de intimidad, en Argentina prevaleció la forma *vos*, con percentual de 55,48% y en Uruguay, la variante *tú*, con 84,03%. Ya en los contextos no íntimos, *usted* presentó más ocurrencias, tanto en Argentina (83,78%), como en Uruguay (73,08%); v) piezas argentinas, la variante *vos*, detuvo el mayor percentual con 44,10% e, uruguayas, la forma *tú*, tuvo el mayor percentual con 74,83%; vii) periodos, a los periodos favoreció la forma *tú*, con (41,11%) en el primer periodo y, con (40,80%), en el segundo periodo; y viii) plano discursivo, en Argentina, pues para *información prominente*, la forma *vos*, presentó un percentual de 49,38%, y para *trasfondo 1 y 2*, la variante *usted*, con 46,15% e 67,83%, respectivamente. En el caso de Uruguay, ocurrió el predominio de la forma *tú*, en las tres categorías, con 66,02% para *información prominente*, 100% para *trasfondo 1*, y 85,71% para *trasfondo 2*. Se concluyó que la alternancia entre esos pronombres, en esa comunidad, parece indicar un proceso de cambio en progreso en la dirección del *tuteo/voseo*, condicionado por las variables sexo, clases sociales, audiencia, relaciones familiares, periodos y países. Además, este estudio confirma lo que evidencian Couto y Kulikovski (2011), Carricaburo (1997, 2010), Bertolotti y Coll (2006) y Fontanella de Weinberg (1970, 1999) sobre la extensión del *tuteo/voseo* en los contextos analizados.

Palabras clave: sociolingüística, obras teatrales, formas de tratamiento

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Número total de ocorrências das formas de tratamento no Uruguai.....	68
Tabela 2	– Distribuição das formas de tratamento da variável classes sociais em textos teatrais uruguaios.....	70
Tabela 3	– Distribuição das formas de tratamento da variável audiência em textos teatrais uruguaios.....	73
Tabela 4	– Distribuição das formas de tratamento da variável relações de intimidade em textos teatrais uruguaios.....	75
Tabela 5	– Distribuição das formas de tratamento da variável relações familiares em textos teatrais uruguaios.....	76
Tabela 6	– Distribuição das formas de tratamento da variável plano discursivo em textos teatrais uruguaios.....	79
Tabela 7	– Número total de ocorrências das formas de tratamento na Argentina.....	82
Tabela 8	– Distribuição das formas de tratamento da variável classes sociais em textos teatrais argentinos.....	84
Tabela 9	– Distribuição das formas de tratamento da variável audiência em textos teatrais argentinos.....	86
Tabela 10	– Distribuição das formas de tratamento da variável relações de intimidade em textos teatrais argentinos.....	88
Tabela 11	– Distribuição das formas de tratamento da variável relações familiares em textos teatrais argentinos.....	90
Tabela 12	– Distribuição das formas de tratamento da variável plano discursivo em textos teatrais argentinos.....	92
Tabela 13	– Proporção das formas de tratamento por países da escrita das obras teatrais.....	102
Tabela 14	– Proporção das formas de tratamento por período da escrita das obras teatrais...	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de ocorrências das formas tratamentais em função da variável classe social em textos de teatro da Argentina e do Uruguai.....	96
Gráfico 2 – Número de ocorrências das formas tratamentais em função da variável audiência em textos de teatro da Argentina e do Uruguai.....	98
Gráfico 3 – Número de ocorrências das formas tratamentais em função da variável relações de intimidade em textos de teatro da Argentina e do Uruguai.....	99
Gráfico 4 – Número de ocorrências das formas tratamentais em função da variável relações familiares em textos de teatro da Argentina e do Uruguai.....	100
Gráfico 5 – Número de ocorrências das formas tratamentais em função da variável plano discursivo em textos de teatro da Argentina e do Uruguai.....	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As formas pronominais em Espanha Peninsular.....	26
Quadro 2 – As formas pronominais em América Tuteante.....	26
Quadro 3 – As formas pronominais em América Voseante.....	27
Quadro 4 – As formas pronominais em América Tuteante/Voseante.....	27
Quadro 5 – Formas pronominais segundo seu número e sua pragmática (início do século XXI, Argentina).....	30
Quadro 6 – Formas pronominais segundo seu número e sua pragmática (início do século XXI, Uruguai).....	32
Quadro 7 – Síntese das características divergentes entre funcionalismo e sociolinguística.....	48
Quadro 8 – Relação das peças de teatro que compõem a amostra analisada.....	55

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	17
1	OS SISTEMAS PRONOMINAIS DE TRATAMENTO EM LÍNGUA ESPAÑHOLA.....	25
1.1	O sistema pronominal de tratamento espanhol.....	25
1.2	<i>O sistema pronominal de tratamento na Argentina.....</i>	28
1.3	O sistema pronominal de tratamento no Uruguai.....	30
1.4	Súmula do capítulo.....	33
2	SOCIOFUNCIONALISMO.....	35
2.1	Sociolinguística.....	35
2.1.1	<i>A variação estilística nos estudos sociolinguísticos.....</i>	37
2.2	Funcionalismo norte-americano.....	41
2.2.1	<i>Princípio da Marcação.....</i>	42
2.2.2	<i>Plano da narrativa: Figura e Fundo.....</i>	44
2.3	Sociofuncionalismo.....	47
2.4	Súmula do capítulo.....	49
3	METODOLOGIA.....	51
3.1	Natureza da pesquisa.....	51
3.1.1	<i>Do método de abordagem.....</i>	51
3.1.2	<i>Dos objetivos.....</i>	51
3.1.3	<i>Dos procedimentos técnicos.....</i>	52
3.1.4	<i>Peças teatrais.....</i>	52
3.2	Da amostra e do universo da pesquisa.....	54
3.2.1	<i>Descrição da coleta dos dados.....</i>	56
3.3	Dados desconsiderados.....	63
3.4	Envelope de variação.....	64
3.4.1	<i>Variável dependente.....</i>	64
3.4.2	<i>Variáveis independentes.....</i>	65
3.5	Fatores de ordem funcional.....	66
3.6	Súmula do capítulo.....	67
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	69
4.1	Amostra de ocorrências do Uruguai.....	69
4.1.1	<i>Grupo de fator social.....</i>	70

4.1.1.1	<i>Classes sociais</i>	72
4.1.2	Grupos de fatores estilísticos	74
4.1.2.1	<i>Audiência</i>	75
4.1.2.2	<i>Relações de intimidade</i>	77
4.1.2.3	<i>Relações familiares</i>	78
4.1.3	Grupos de fatores linguísticos	80
4.1.3.1	<i>Plano discursivo</i>	81
4.2	Amostra de ocorrências da Argentina	84
4.2.1	<i>Grupo de fator social</i>	85
4.2.1.1	<i>Classes sociais</i>	87
4.2.2	Grupos de fatores estilísticos	88
4.2.2.1	<i>Audiência</i>	89
4.2.2.2	<i>Relações de intimidade</i>	90
4.2.2.3	<i>Relações familiares</i>	92
4.2.3	Grupos de fatores linguísticos	95
4.2.3.1	<i>Plano discursivo</i>	95
4.3	Argentina x Uruguai: análise contrastiva entre <i>tú, vos e usted</i>	98
4.3.1	<i>Grupo de fator social</i>	98
4.3.1.1	<i>Classes sociais</i>	100
4.3.2	Grupos de fatores estilísticos	101
4.3.2.1	<i>Audiência</i>	101
4.3.2.2	<i>Relações de intimidade</i>	102
4.3.2.3	<i>Relações familiares</i>	103
4.3.2.4	<i>Países</i>	105
4.3.2.5	<i>Períodos</i>	106
4.2.3	Grupos de fatores linguísticos	108
4.2.3.1	<i>Plano discursivo</i>	108
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
	REFERÊNCIAS	116
	OBRAS LITERÁRIAS ANALISADAS	123

INTRODUÇÃO

A língua espanhola possui uma grande variedade de usos e formas, o que para muitos estudantes é algo complexo, mas para uma língua, significa riqueza e isso ocorre com as formas de tratamento gramaticalizadas, verbais e pronominais, e, também, com as formas de tratamento nominais, do ponto de vista diacrônico e sincrônico.

De fato, as formas de tratamento estão submetidas a mudanças, que conforme Martínez Pésico (2015), estão relacionadas às variáveis como o pertencimento-geracional do interlocutor, a idade e a procedência dos participantes, bem como o contexto situacional da enunciação na escolha de uma ou outra forma de tratamento. E essas mudanças também ocorrem por causa de fatores geográficos, sociolinguísticos, gramaticais, pragmáticos e sócio-históricos.

Dessa maneira, as formas de tratamento é um dos tópicos mais estudados nas diversas variedades do espanhol, tanto que foi objeto de um mapeamento, organizado pela revista *Linguística en la Red*, da Universidade de Alcalá de Henares. Esse reúne 1.524 entradas com estudos dessa natureza entre os anos 1867 a 2016. No entanto, não é um tema que já foi tratado de forma exaustiva, pois percebemos a insuficiência de trabalhos, principalmente, no que diz respeito a questões de cunho socioestilístico e sociofuncionalista.

Em relação ao estado da arte, no espanhol atual, existem três subsistemas das formas de tratamento pronominais com foco na segunda pessoa de singular e suas variantes: (i) o *tú* (*tuteo*) que, para Lapesa (1980, p.391-392)¹, é a segunda pessoa do singular e o tratamento que se dá aos inferiores ou entre iguais quando havia máxima intimidade [tradução nossa]; (ii) o *vos* (*voseo*) que, segundo Calderón Campos (2010, p.226)², é utilizado para dirigir-se a um só interlocutor, com o que se mantém uma relação de solidariedade, confiança ou intimidade [tradução nossa]; (iii) o *usted* (*ustedeo*) que, conforme Carricaburo (1997, p. 9)³, expressa a formalidade ou poder (no

¹ Lapesa (1980, p.391-392), es la segunda persona del singular y el tratamiento que se da a los inferiores o entre iguales cuando había máxima intimidad.

² Calderón Campos (2010, p.226), es utilizado para dirigirse a un solo interlocutor, con el que se mantiene una relación de solidaridad, confianza o intimidad.

³ Carricaburo (1997, p. 9), expresa la formalidad o el poder (en el caso de tratamiento no recíproco, en que se polariza el usted en el que tiene mayor autoridad o jerarquía o más edad [...]).

caso de tratamento não recíproco, em que se polariza o “*usted*” no que tem maior autoridade ou hierarquia ou mais idade [...] [tradução nossa].

Nessa investigação, deter-nos-emos na zona linguística do Rio da Prata, que é composta pelos seguintes países: Argentina, Paraguai e Uruguai. Para o presente trabalho, selecionamos Argentina e Uruguai, por motivos metodológicos, que são: a respeito do fácil acesso às obras teatrais em sites e bibliotecas online e, ainda, por apresentar o uso das formas de tratamento semelhantes. Por outro lado, excluímos o Paraguai por ser um país que possui algumas peculiaridades, no que tange ao uso das formas de tratamento, pois é o único país no mundo hispano-falante que sofre influência da língua indígena *guaraní*, uma língua com aceitação social não questionada pela maior parte da população paraguaia, ao lado do espanhol, falado pela população não indígena.

Uma pesquisa do Censo de 2003 comprova essa dicotomia da língua *guaraní*-espanhol, relacionada com as regiões urbana/rural, em que nas áreas urbanas 42,9% fala *guaraní* em casa, enquanto que 54,7% espanhol. Já nas áreas rurais, a forma de prestígio é o guarani com 82,7% da população, que prefere falar em guarani, e apenas 8,4% que usa o espanhol (MELIÀ, 2005). Dessa forma, o uso das formas de tratamento nominal e pronominal também sofre influências desse convívio com a língua *guaraní* com o espanhol.

Fazendo um levantamento sobre essa temática, percebemos que já foi investigado por alguns teóricos, como Pedroviejo Esteruelas (2003, 2003a) com as formas de tratamentos pronominais e nominais em duas obras teatrais espanholas do século XX, *Historia de una escalera* e *Bajarse al moro*, com foco no espanhol castelhano e na forma de cortesia, levando em consideração três fatores: poder relativo (P) do destinatário com respeito ao falante, e que constitui o eixo vertical da relação social; distância social (D) que inclui o grau de familiaridade e contato entre os interlocutores, e que forma o eixo horizontal; e grau de imposição (G) de um determinado ato com respeito a imagem pública. Segundo o autor, os três fatores são de natureza social, pois o último fator depende da consideração que cada tipo recebe em cada cultura, ainda, utilizou em seu trabalho os pressupostos teóricos de Brown e Levinson (1987), Brown e Gilman (1960) e Fontanella de Weinberg (1970), para a análise das peças teatrais.

Em seu segundo trabalho, analisou as formas de tratamento em meados do século XVI, por meio de um corpus literário, *Los pasos de Lope de Rueda*, gênero que reflete mais ou menos a fala popular do século estudado, embora seja lícito reconhecer o processo de codificação que está presente em todo texto literário. No decorrer do estudo, o autor traça um breve resumo da evolução das formas de tratamento até o século XVI e faz uma análise contrastiva de seu trabalho com o de Castillo (1982) e de Fontanella de Weinberg (1999), no que toca às formas de tratamento empregadas pelos imigrantes espanhóis da América.

Nunes de Souza (2011), por sua vez, em sua pesquisa de mestrado, identificou as formas de tratamento do português utilizadas em 12 obras de teatro florianopolitanas dos séculos XIX e XX e sua relação com as dimensões de poder e solidariedade, propostas por Brown e Gilman [2003, (1960)]. Os dois séculos foram divididos em 4 períodos de 50 anos, e em cada período, é representado por 3 peças. A pesquisadora analisou as peças, por meio do programa GOLDVARB (2005), controlando dez fatores extralinguísticos como: *períodos de 50 anos, peças de teatro, ambiente, audiência, sexo/gênero, faixa etária, classe social, relações de intimidade, relações familiares e relações de trabalho*, bem como dois fatores linguísticos, a saber: *preenchimento do sujeito e concordância verbal*.

Já Pereira, Coan e Pontes (2016) investigaram a variação linguística diatópica com os pronomes *tú, vos* e *usted* em obras teatrais do fim do século XIX e da primeira metade do século XX em quatro países hispano-americanos (Porto Rico, Uruguai, Chile e Argentina) e, ainda, examinaram, de forma quantitativa por meio do programa GOLDVARB (2005), oito obras teatrais, controlando fatores extralinguísticos, tais como: *gênero, relação entre os interlocutores, relação de intimidade entre os interlocutores*, bem como fatores linguísticos que envolvem *concordância verbal, tempo e modo dos verbos da concordância verbal*, entre outros. Por fim, obtiveram 507 dados, sendo que 49 dados foram da forma *vos*, 69 dados da forma *tú* e 389 dados da forma *usted*. Nesse trabalho, recorreram-se a obras teatrais, para a análise das formas de tratamento de Hispanoamérica do século XX, visto que é possível observar o contexto social da época, no discurso dos personagens.

Ainda, no tocante às formas de tratamento, Pontes e Lima (2018) propuseram uma análise estilística aplicada à variação entre formas de tratamento *tú* e *usted* no espanhol de Valência; variedade que, como apontam Calderón Campos e

Medina Morales (2010), conta com uma escassa bibliografia de estudos variacionistas, quando comparada com outras variedades do espanhol. Utilizando os pressupostos teóricos de Labov (1972, 2001, 2008), Bell (1984), Eckert (2001) e Schilling-Estes (2002), os quais apresentam diferentes abordagens da variação estilística, propuseram uma metodologia de análise da variação entre as formas mencionadas, a partir das variáveis estilísticas: estilo discursivo, complexidade do assunto e relação de proximidade entre os interlocutores.

Considerando-se que os estudos citados, em sua maioria, sobre as formas de tratamento em espanhol, já reconhecem a importância da dimensão social, é que nos propomos analisá-las por esse viés. No entanto, advogamos por incluir a perspectiva estilística, a exemplo dos dois últimos trabalhos reportados. Nesse sentido, o diferencial dessa pesquisa se dá pela natureza do *corpus* (dados escritos), mas que desejam se aproximar da oralidade, pela ausência de pesquisas, nas variedades do espanhol da Argentina e do Uruguai, sobre a dimensão sociofuncionalista das formas *vos*, *tú* e *usted* e, também, por fornecer subsídios de cunho descritivo-analítico para a ampliação do debate e, ainda, para a elaboração de gramáticas pedagógicas e livros didáticos, no que diz respeito à abordagem das formas de tratamento *vos*, *tú* e *usted*.

Com respeito à perspectiva teórica, reiteramos a nossa opção pela Sociolinguística, posto que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração os aspectos extralinguísticos da produção do discurso. Considerado como precursor dos estudos em Sociolinguística, William Labov surge, na década de 1960, os estudos em “sociolinguística variacionistas” ou “sociolinguística laboviana” (LABOV, [1972] 2008; 1978; 1994; 2001; 2003; 2010), trazendo um pressuposto teórico, trazendo definições importantes para os estudos da área como “comunidade de fala”, “variante”, “variável”, “variedade” e “variação” que serão abordados no decorrer do trabalho.

Sobre a variação estilística, Labov (2006) entende como um meio de se observarem as mudanças linguísticas em curso, levando sempre em conta a atenção que o falante dá a sua própria fala, porém seus estudos sociolinguísticos se concentram na relação entre língua e sociedade, ou melhor, na influência de fatores sociais (idade, sexo/gênero, classe social, região do falante) sobre os fenômenos linguísticos.

Para Francom (2001), a variação estilística é a maneira como fala um interlocutor em particular, em distintas ocasiões e contextos. Essa variação estilística é conhecida como variação intra-falante, em que o conteúdo de uma conversação, o

ambiente em que tem lugar, o propósito e o modo do discurso são os espaços (*locus*) do falante, para que haja a análise sistemática da variação.

Dada a escassez de estudos diacrônicos sobre esse tema, essa pesquisa abordará o uso das formas pronominais: *tú (tuteo)*, *vos (voseo)* e *usted (ustedeo)* em obras teatrais uruguaias e argentinas, do começo do século XX, no período de 1901 a 1940, com o intuito de analisar a variação pronominal da segunda pessoa de singular existente nessas variedades da língua espanhola, focando na análise sociofucionalista e utilizando obras teatrais, por representarem o contexto urbano possível no cotidiano.

Conforme Kramsch (1993), o gênero peça de teatro constitui um texto autêntico, com linguagem não pedagógica, retratando o uso da língua em situação “natural” de comunicação. Dessa forma, esse gênero pode ser utilizado como *corpus* de pesquisa. Mambrini (2004), por exemplo, ao tratar desse gênero com *corpus* de pesquisa, ressalta que devido ao uso da linguagem popular, na caracterização de personagens nos textos teatrais, esse gênero pode ser utilizado como fonte de pesquisa variacionista.

Segundo Gil (2002), um problema de pesquisa deve ter as seguintes regras práticas: ser formulado como pergunta, ser claro e preciso, ser empírico, ser suscetível de solução e ser delimitado a uma dimensão viável. Essas regras práticas serão explicadas no decorrer do Capítulo.

Além disso, o problema deve ser empírico e suscetível de solução, pois ele não pode ter percepções pessoais e ser possível, no ato da coleta de dados necessários à sua resposta. Por fim, ser delimitado a uma dimensão viável por guardar uma estreita relação com os meios disponíveis para investigação.

Assim, o problema que norteia nosso trabalho é: Como ocorre a variação entre as formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted* em obras teatrais argentinas e uruguaias do início do século XX?

Levando em consideração que as formas de tratamento pronominal da língua espanhola possuem uma riqueza em sua variação, pois há cerca de 21 países hispanofalantes que usam mais de uma forma para referir-se a alguém, utilizando as vezes relações simétricas e/ou assimétricas que podem variar segundo o interlocutor ou a situação comunicativa, o que muitas vezes não reflete a forma estandar da língua.

Assim, propomos as seguintes questões de pesquisa relacionadas aos objetivos específicos e hipóteses: i) A variação entre as formas de tratamento de segunda pessoa

tú, vos e usted no espanhol rio-platense está associada a que tipo de fator social? a) A classe social (*classe baixa – classe alta, classe alta – classe baixa, classe baixa – classe baixa e classe alta – classe alta*) dos personagens condiciona o uso das formas *tú, vos e usted*? ii) Que fatores estilísticos incidem na variação entre as formas de tratamento de segunda pessoa *tú, vos e usted* no espanhol rio-platense? b) A audiência (*ausência de audiência, presença de um indivíduo como audiência*) condiciona o aparecimento de *tú, vos* ou *usted*? c) As relações de intimidade (*íntimo e não íntimo*) influenciam na escolha da forma de tratamento *tú, vos* ou *usted*? d) As relações familiares (*entre irmãos, de mãe/pai para filho(a) e de filho(a) para pai/mãe*) dos personagens condicionam o uso das formas *tú, vos e usted*? e) As peças (*argentinas e uruguaianas*) que compõem a zona rio-platense influenciam no uso das formas *tú, vos e usted*? f) Os períodos (*1901-1920 e 1921-1940*) que formam o século XX condicionam o uso das formas *tú, vos e usted*? g) Os contextos prototípicos de uso das formas sob análise, considerando-se o princípio funcional de Marcação e o relevo discursivo (*figura, fundo 1 e fundo 2*)?

No que tange à relevância desse trabalho, essa investigação contribuirá para o preenchimento de algumas lacunas sobre essa temática, nas variedades do espanhol argentino e uruguaio e, até onde nos foi possível investigar na bibliografia disponível, é quase unânime o uso de *corpus* escrito para a coleta de dados do século XX, por exemplo, nas variedades do espanhol castelhano e, ainda, no português brasileiro.

Em segundo lugar, trabalhar com a perspectiva da variação estilística nos permite contribuir com uma dimensão de análise que não era priorizada nos estudos sociolinguísticos e encontra-se em fase de (re)modelagem de modelos metodológicos, conforme Pontes e Lima (2018). Apesar das reduzidas propostas de pesquisa, percebe-se um crescente interesse em estudos variacionistas, caracterizados pela nova abordagem estilística, que se volta para a identidade do falante (Speaker Design) proposta por Eckert (2001) e Schilling-Estes (2002).

Em terceiro lugar, propomos, ainda, uma análise sociofuncionalista, visto que poderia trazer contribuições bem significativas, pois, segundo Tavares (2003), na perspectiva sociofuncionalista, analisa-se a língua, a sua variação e os processos de mudança, considerando-se a função semântico-discursiva das variantes e se buscam explicações de natureza funcional para os resultados obtidos. A abordagem sociofuncionalista, de acordo com Tavares (2003), associa os postulados do Funcionalismo linguístico (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; HOPPER, 1979, 1991;

GIVÓN, 1971, 1979, 1984, 1990, 1991, 1995, 2001, 2002 e 2005) e da Sociolinguística variacionista (LABOV, 1972, 1978, 1982, 1994, 2001 e 2010).

Em quarto lugar, é importante ressaltar que uma das lacunas do nosso trabalho, é por considerarmos apenas uma categoria de ordem linguística sobre a seleção das formas variantes, o que se deve à decisão de focar na pesquisa mais nas categorias sociais e estilísticas, com o intuito de aprofundar a análise dessas categorias. Em pesquisas futuras, pretendemos inserir novas categorias linguísticas para que seja obtido um panorama mais completo do fenômeno averiguado.

Diante do exposto, confirmamos que a presente pesquisa se mostra relevante pelas contribuições no âmbito dos estudos linguísticos, pois amplia o conhecimento de um fenômeno atual e traz novas perspectivas de análise, até então pouco exploradas, que enriquecem o debate teórico sobre a variação entre as variantes apresentadas.

Diante do levantamento acima apresentado, sentimo-nos instigados a analisar a variação entre as formas de tratamento pronominal: *tú*, *vos* e *usted* nas obras teatrais argentinas e uruguaias do século XX, considerando motivações socioestilísticas e funcionalistas. Para tanto, o primeiro passo concentrou-se em determinar a zona linguística cujos países, as peças teatrais e o período estabelecido comporiam a amostra de nossa pesquisa.

A partir disso, debruçamo-nos sobre os seguintes objetivos específicos: i) mapear as formas de tratamento pronominal *tú*, *vos* e *usted* nas peças teatrais; ii) examinar a atuação dos condicionamentos extralinguísticos como: audiência (*ausência de audiência, presença de um indivíduo como audiência*), relações de intimidade (*íntimo e não íntimo*), relações familiares (*entre irmãos, de mãe/pai para filho(a) e de filho(a) para pai/mãe*), classe social (*classe baixa – classe alta, classe alta – classe baixa, classe baixa – classe baixa e classe alta – classe alta*), países (*Argentina e Uruguai*) e períodos (*1901-1920 e 1921-1940*); iii) analisar os contextos prototípicos de uso das formas sob análise, considerando-se o princípio funcional de Marcação e o relevo discursivo (*figura, fundo 1 e fundo 2*).

Tendo em vista a perspectiva de análise sociofuncional, trabalhamos com os pressupostos teóricos da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972, 1978, [2008]; SILVA-CORVALÁN, 2001). Além disso, serviram-no de embasamento teórico sobre o sistema de tratamento pronominal em língua espanhola (FONTANELLA DE WEINBERG, 1992, 1999; CARRICABURO, 1997, 2010; CALDERÓN CAMPOS,

2010) e, mais especificamente, o espanhol argentino e uruguaio (BENAVIDES, 2003; BERTOLOTTI e COLL, 2006; STEFFEN, 2010; COUTO e KULIKOVSKI, 2011). Dedicar-nos-emos, ainda, a discorrer sobre a variação estilística, na qual abordaremos os seus mais recentes desdobramentos teóricos (GUIRAUD, 1970; MONTEIRO, 1991; POSSENTI, 1993; ECKERT, 2005; HORA e WETZELS, 2019) e Sociofuncionalismo (NEVES, 1997, GIVÓN, 2001; TAVARES, 2003).

A fim de estruturarmos o trabalho aqui elaborado, organizamos essa dissertação em seis capítulos. Dedicamos o primeiro deles aos aspectos relativos à apresentação e contextualização do tema, bem como os objetivos de pesquisa. No segundo capítulo, apresentamos os sistemas pronominais em uso no mundo hispano com foco nos seguintes países: Argentina e Uruguai. O terceiro capítulo é dedicado aos pressupostos teóricos que serviram de base para essa pesquisa. No quarto capítulo, estabelecemos os procedimentos metodológicos e, no quinto, realizamos a análise e discussão dos dados. Por fim, o último capítulo traz os aspectos conclusivos desse estudo, além de apontar as suas principais contribuições e os possíveis desdobramentos.

1 OS SISTEMAS PRONOMINAIS DE TRATAMENTO EM LÍNGUA ESPANHOLA

Apresentaremos – em um primeiro momento – em linhas gerais o sistema de tratamento pronominal em língua espanhola (FONTANELLA DE WEINBERG, 1992, 1999; CARRICABURO, 1997, 2010; CALDERÓN CAMPOS, 2010) e, mais especificamente, o espanhol argentino e uruguaio (BENAVIDES, 2003; BERTOLOTTI e COLL, 2006; STEFFEN, 2010; COUTO e KULIKOVSKI, 2011).

1.1 O Sistema Pronominal de Tratamento em Língua Espanhola

As formas de tratamento pronominal da língua espanhola são bem complexas porque cada país possui sua maneira de utilizá-las em diferentes contextos, que sofrem implicações socioculturais. Assim, tentaremos mostrar brevemente como elas são sistematizadas no mundo hispânico, um ambiente de grandes proporções e com suas riquezas culturais.

Para exemplificarmos de forma resumida, porém, significativa, os usos das formas de tratamento, utilizaremos os pressupostos teóricos de Carricaburo (1997, p.9), destacando que no espanhol, as formas de tratamento pronominal e verbal integram um sistema dual ou em trio que podemos simplificar dizendo que temos uma forma de respeito, o *usted*, frente a duas formas menos formais, o *vos* e o *tú* e Fontanella de Weinberg (1999, p. 1401), destacando que por sua ampla variação regional é um dos aspectos mais complexos da morfossintaxe espanhola.

Para começar, basear-nos-emos nos quadros de Carricaburo (1997) sobre o uso do pronome da segunda pessoa do singular em Espanha Peninsular e Hispanoamérica, em que podemos observar os pronomes que são utilizados em cada região.

No espanhol peninsular, utiliza-se o *tuteo* em contexto de confiança com fórmulas simétricas de solidariedade informal e o *ustedeo* em trato de formalidade com solidariedade diferente. Esse sistema é empregado na maior parte da Espanha e é único que possui formas distintas para o plural, em que *vosotros*, para confiança e *ustedes*, para relações mais formais. Por outra parte, as demais regiões da Espanha se encontram

neutralizadas, utilizando *ustedes* que pode indicar formalidade e informalidade. Conforme Moreno-Fernández (2010), no espanhol andaluz e canário, não se usa *vosotros*, utilizando o uso de *tú* para a segunda pessoa do singular, no tratamento familiar, e de *ustedes* para a segunda do plural, também para a aproximação.

Quadro 1: As formas pronominais em Espanha Peninsular.

Número	Informalidade, Solidariedade, Familiaridade, Aproximação	Formalidade, Cortesia, Poder, Distanciamento
Singular	<i>Tú</i>	<i>Usted</i>
Plural	<i>Vosotros/as</i>	<i>Ustedes</i>

Fonte: Carricaburo (1997)

Já em América tuteante, o uso predominante é o *tuteo* em grau de familiaridade, confiança e o *ustedeo* em contexto de poder, formalidade.

Esse sistema, conforme Fontanella de Weinberg (1999, p. 1403), tem uma vasta extensão territorial compreendendo terras peninsulares, tais como: Andaluzia ocidental, e partes de Córdoba, Jáen e Granada. Em Canárias e na América se estende por quase todo território mexicano e peruano, assim como em Antilhas. Também compreende a maior parte do território de Colômbia e Venezuela e uma pequena parte do Uruguai.

Quadro 2: As formas pronominais em América Tuteante.

Número	Informalidade, Solidariedade, Familiaridade, Aproximação	Formalidade, Cortesia, Poder, Distanciamento
Singular	<i>Tú</i>	<i>Usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>	

Fonte: Carricaburo (1997)

Na América voseante, as formas predominantes são o *voseo* que é utilizado como trato de confiança e não existe nenhum tipo de alternância ou contraste com *tú* e *ustedeo* que é usado em distanciamento.

Segundo Fontanella de Weinberg (1999, p. 1406), o território que esse sistema é empregado em forma generalizada, na Argentina e segundo dados

bibliográficos é usado em: Costa Rica, Nicarágua e Guatemala (PÁEZ URDANETA, 1981, p.78) e Paraguai (Granda, 1988).

Quadro 3: As formas pronominais em América Voseante.

Número	Informalidade, Solidariedade, Familiaridade, Aproximação	Formalidade, Cortesia, Poder, Distanciamento
Singular	<i>Vos</i>	<i>Usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>	

Fonte: Carricaburo (1997)

Por fim, na América tuteante/voseante, há uma competição de uso entre o *tuteo* usado em contexto de confiança e *voseo* utilizado em momentos de intimidade e o *ustedeo* em contexto de formalidade.

De acordo Fontanella de Weinberg (1999, p. 1405), essas formas de tratamento são utilizadas na região do Uruguai. Sendo que há outra forma vigente usado no Chile, em grande parte de Bolívia, sul do Peru, parte do Equador, grande parte da Colômbia, oeste da Venezuela, região limítrofe de Panamá e Costa Rica e o estado mexicano de Chiapas, em que ocorre uma alternância entre *tú* e *vos*, no qual o *tuteo* tem a maior preferência dos falantes cultos e nos estilos mais cuidados. Já o *voseo* possui uma maior frequência com falantes de menor nível sociocultural e em estilos mais informais.

Quadro 4: As formas pronominais em América Tuteante/Voseante.

Número	Informalidade, Solidariedade, Familiaridade, Aproximação	Formalidade, Cortesia, Poder, Distanciamento
Singular	<i>Tú Vos</i>	<i>Usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>	

Fonte: Carricaburo (1997)

Dessa forma, apresentaremos as formas de tratamento utilizadas na Região Rio da Prata, composta pelos seguintes países: Argentina, Paraguai e Uruguai, focando em Argentina e Uruguai.

1.2 O Sistema Pronominal de Tratamento na Argentina

O chamado *voseo* argentino corresponde a Zona do Rio da Prata e Chaco. Essa variante está historicamente relacionada ao prestígio social, o que difere das outras zonas de *voseo* americano.

Na região Rio da Prata, o *voseo* resistiu desde a conquista, ele formava parte do trato familiar, no início da república, e constituiu um dos distintivos de americanidade frente a Espanha durante as lutas pela independência dos países americanos. O exército formado por gaúchos que não conheciam o trato de confiança pelo *tuteo*, utilizam o *vos* durante as lutas, em seguida, durante a anarquia fazendo com que o *voseo* do gaúcho se eleve a uma língua literária, principalmente na década de 60.

O *voseo* sempre foi na Argentina significado de prestígio social, com a vinda massiva da imigração, como mão de obra barata, que chegava na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, o *vos* denotava esse prestígio do argentino velho e assim, os imigrantes assimilavam ao uso do país.

A respeito da mudança social, sobre o emprego das formas de tratamento, os principais fatores, foram: o fluxo das políticas de esquerda a partir de 1960, com a presidência de Campora na década seguinte, e outro ponto marcante nas décadas de 40 e 50, o uso do *voseo* da primeira-dama, Eva Perón, que chamava o povo “*mis grasitas*”, e na *Marcha* peronista os operários *voseavam* ao presidente da República (“*Perón, Perón, que grande sos/ mi general, cuanto valés*”) esses fatores influenciaram no uso do *voseo*, na dimensão de solidariedade (Carricaburo, 1997).

Nos anos 60, o *voseo* chega ao auge na literatura, com livros como: “*Los premios*” e “*Rayuela*”, de Julio Cortázar, e “*Sobre héroes y tumbas*”, de Ernesto Sábato. Em “*Rayuela*”, o *voseo* foi tão utilizado que os personagens do Clube da Serpente, embora sejam franceses ou norte-americanos *voseavam*.

Porém, na década de 70, conforme Carricaburo, (1997), os livros de leitura escolar e a grande parte da literatura infantil focalizam o *tuteo*. Nos livros de texto aparece o *vos* e o *usted* junto ao paradigma tradicional. O *tuteo* foi desaparecendo pouco a pouco das escolas, mas as crianças aprendem o *tú* na televisão com séries dubladas com espanhol neutro e desenhos animados. Esse *tuteo* é chamado de ficcional, pois está relacionado com a ficção ou com o distanciamento.

Assim, o *voseo* argentino resistiu desde a conquista e os fatores que influenciaram essa resistência foram: o tardio estabelecimento de um *virreinato*⁴, os sentimentos independência, a forte industrialização no começo do século XIX e uma massiva imigração (Itália, Alemanha, Espanha e França) para o país. O *voseo* prosperou em tais circunstâncias que a grande massa imigratória europeia o aceitou inconsciente do fato de que em outras partes do mundo hispanofalantes, o *voseo* era considerado uma forma vulgar (PÁEZ URDANETA, 1981).

O *voseo* presente na Argentina, segundo Couto e Kulikovski (2011), é usado nos diversos âmbitos sociais, coloquiais e familiares, possuindo prestígio social, ou seja, é aceito como a norma culta, apresentando em sua forma completa pronominal e verbal e monotongada⁵ (*vos vivís*).

O uso das formas de tratamento argentino é: o *voseo* para o trato de confiança e *ustedeo* para formalidade. Sendo que, na Argentina, o *voseo* se impôs totalmente sobre o *tú*,

Atualmente, o *voseo* está generalizado em relações de confiança nas modalidades orais e escrita, tanto que a dimensão de solidariedade sobre a dimensão de poder, assinalada por Brown e Gilman, está cada vez mais forte, pois os jovens estão *voseando* adultos, não só em relações familiares como também, quando não há nenhum conhecimento prévio.

Ocorre também em registros mais monitorados, tais como: em cinema, rádio e televisão, em atos oficiais, publicidades, em traduções de obras teatrais, de artigos de revistas, em entrevistas e no emprego dos livros de ensino tanto para Educação Infantil como para Fundamental e Ensino Médio.

A respeito do *ustedeo*, segundo Carricaburo (2010), é empregado para o tratamento familiar, em que denota carinho ou confiança, podendo ser usado como forma de saudação. A amizade e o companheirismo encontraram entre os jovens outra forma de manifestar-se, também solidária, que é o *usted* que privilegia a imagem do interlocutor do grupo.

Se verificou que para zona bonaerense, o *ustedeo* é um fenômeno que distingue do espanhol peninsular, adquirindo na região um emprego que indica confiança, praticamente em todas as gerações. Segundo a autora, seria necessária uma

⁴ O vice-rei era responsável por administrar e governar, como representante e em nome da coroa espanhola, um país ou uma província.

⁵ Forma monotongada – sujeito (*tú*, *vos* ou *usted*) + verbo conjugado

investigação do tipo pragmática, com gravações e um maior apoio de material da web para corroborar com a pesquisa.

Resumidamente, as formas de tratamento utilizadas na Argentina, conforme Fontanella de Weinberg (1999), são:

Quadro 5: Formas pronominais segundo seu número e sua pragmática (início do século XX, Argentina)

Número	Aproximação	Distância
Singular	<i>Vos</i>	<i>Usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>	

FONTE: Fontanella de Weinberg (1999)

1.3 O Sistema Pronominal de Tratamento no Uruguai

O Uruguai é um país que sofreu influência dos países fronteiriços, como: Brasil e Argentina no processo de desenvolvimento das formas de tratamento pronominal e seus usos.

Referente ao tratamento pronominal uruguaio são dois fenômenos que distinguem o espanhol no Uruguai: a ausência no uso de *vosotros* na língua cotidiana e a presença de duas formas pronominais para a segunda pessoa: *tú* e *vos*, no qual a forma *vos* combina exclusivamente com verbos na sua forma voseante (*vos tenés*), enquanto que *tú* pode combinar-se com as formas verbais tuteantes (*tú quieres*), embora em geral combine com as formas voseantes (*tú querés*), formando um paradigma híbrido.

No século XIX, além de firmar-se o voseo pronominal, se instala a forma *usted* para a distância formal no singular e a forma *ustedes* para todo o âmbito do plural à custa da forma *vosotros*, cujo processo de desaparecimento já estava em andamento, em meados desse século.

Desde o final do século XIX, a mudança mais relevante no âmbito das formas de tratamento é o crescimento do *voseo* pronominal e verbal em detrimento do *tuteo* pronominal e verbal que ocorreu com o processo de industrialização que sofreu o Uruguai, desde o final do século XIX e princípios do sec. XX e a crescente imigração interna para as cidades que aumentou a frequência e a aceitabilidade do *voseo*.

Uma das razões que pode explicar o freio da expansão total do *voseo* no Uruguai está na expansão limitada se comparamos com o que ocorreu em Buenos Aires, também tem a ver com os vínculos identidade que unem e separam aos uruguaios com seus vizinhos transplatinos. É indiscutível que o *voseo* constitui uma marca linguística de pertencer à comunidade rio-platense, a qual os uruguaios querem pertencer, mas sem perder sua capacidade de diferenciar-se.

Rona (1967), coloca a capital, Montevidéu, na zona de *voseo* predominante, em outra parte descreve a tendência entre as pessoas cultas o uso das formas verbais do *voseo* com o pronome *tú* (*tú tomás*). Segundo o autor, essa atitude se deve à influência das escolas que tentam suprimir o *voseo* em suas formas pronominais, posto que o conhecimento das formas verbais de singular está muito pouco difundido inclusive entre os professores.

Assim, no Uruguai, o uso das formas de tratamento é mais complexo que no resto da região rio-platense, pois existem três possibilidades:

- *Voseo* pronominal e verbal ou *voseo castizo Voseo-Voseo* – (*vos cantás*), situado na parte sudoeste, noroeste e nordeste do país;

- *Tuteo* pronominal e *voseo* verbal ou formas híbridas *Tuteo-Voseo* – (*tú tenés*) e V-T – (*vos tienes*), que corresponde à norma culta montevideana;

- *Tuteo* exclusivo ou *tuteo castizo Tuteo-Tuteo* – (*tú tienes*), situado na zona “ultraserrana” composta pelas cidades de Rocha, Lavalleja e Maldonado e a zona norte chamada por Rona de “tacuarembense”.

Segundo Mendoza (2005), as formas de tratamento mais conhecidas e mais utilizadas no Uruguai, pelo menos no presente do indicativo e imperativo, geralmente, são as de *Voseo-Voseo*. Já, na perspectiva diatópica, ocorre em uma parte do noroeste do Río Negro e em alguns distritos e na Capital o uso exclusivo dessa forma. Por outro lado, o uso exclusivo do *tuteo castizo* em todos os grupos sociais ocorre unicamente na província de Rocha.

Nesse sistema, a forma tuteante pronominal, conforme Bertolotti e Coll (2006), é um recurso para graduar a solidariedade e o maior poder linguísticos, o que faz de *tú* uma forma com valores pragmáticos de intermédios entre *usted* e *vos*. Este *tú*, dificilmente se dá com o verbo tuteante na língua cotidiana, informal e sim com a forma voseante.

Em ambas as zonas de *tuteo* exclusivo, mesmo seguindo a norma acadêmica da capital, não têm prestígio. A forma de prestígio está na norma culta da capital, mas desde o fim do século XIX, está ocorrendo à mudança mais relevante no âmbito dos pronomes de tratamento que é o crescimento significativo do *voseo* nessa região.

Atualmente, as formas de tratamento utilizadas no Uruguai, conforme Bertolotti e Coll (2006, p.36) são:

Quadro 6: Formas pronominais segundo seu número e sua pragmática (início do século XXI, Uruguai)

Número	Aproximação		Distância
Singular	<i>Vos</i>	<i>Tú</i>	<i>Usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>		

FONTE: Bertolotti e Coll (2006)

Dessa forma, de acordo com Fontanella de Weinberg (1999, p.1405). no Uruguai:

O sistema pronominal de tratamento se distribui por níveis de formalidade, em que o pronome “*vos*” é utilizado entre interlocutores íntimos, o pronome “*tú*” em contextos de confiança e o pronome “*usted*” em contextos formais, embora, tanto o *vos* quanto o *tú* possam ser acompanhados por formas verbais voseantes (*vos cantás, temés, partís; tú cantás, temés, partís*) monotongadas⁶ (tradução nossa).

Vale salientar, ainda, que as formas com *vos* são empregadas para o tratamento mais íntimo: entre esposos, irmãos, e ainda em reuniões entre amigos íntimos, já as formas com *tú* são empregadas quando existe uma relativa confiança, mas não intimidade, como: professores, entre conhecidos, colegas de trabalho, estudantes universitários e em casos que não haja o uso de *usted*.

E o tratamento plural se caracteriza pela existência de uma única forma para aproximação e distância; *ustedes*. Essa forma aparece com conjugação verbal originária na 3ª pessoa do plural. Permanece entre as formas de tratamento o *guarani che* utilizado tanto no Uruguai como na Argentina, conforme as ocorrências a seguir:

⁶ Fontanella de Weinberg (1999, p.1405): *el sistema pronominal de tratamiento se distribuye por niveles de formalidad, en que el pronombre “vos” es utilizado entre interlocutores íntimos, el pronombre “tú” en contextos de confianza y el pronombre “usted” en contextos formales, aunque, tanto el vos cuanto el tú puedan ser acompañados por formas verbales voseantes (vos cantás, temés, partís; tú cantás, temés, partís) monoptongadas.*

LAURA. – *(Que lee un diario.) ¡Mirá, che, quién se casa!... Luisa Fernández, con el doctor Pérez. ¡Fijate!...* (SÁNCHEZ, 1905, p.2)

RAMON: *¡Che, che, che! Dejate de usted, ¿sabés? Esas serán costumbres de por allá, que por aquí para nada las necesitamos. Siempre me has dicho de vos. Y no veo por qué has de cambiar ahora. ¡Dejate de pavadas!* (LAFERRÈRE, 1905, p.58)

2.4 Súmula do capítulo

Nessa seção, discorremos a respeito do sistema pronominal sujeito de tratamento em língua espanhola. Apresentamos em linhas gerais a norma hispano-americana e dedicamos uma atenção especial à norma argentina e uruguaia, visto que o fenômeno variável abordado, nessa pesquisa, situa-se em uma comunidade de fala rio platense.

Conforme observado, no âmbito hispano-americano, temos três sistemas pronominais configurados de acordo com os fenômenos linguísticos conhecidos como *tuteo* e *voseo* (CARRICABURO, 1997). São eles: i) *América tuteante*, em que no singular, faz-se uso de *tú* em situações informais/familiares e *usted* para as situações de cortesia/formalidade, ii) *América voseante* que utiliza o *vos* em situações informais e *usted* em situações formais e iii) *América tuteante-voseante* em que *tú* alterna ou substitui *vos* em circunstâncias informais e *usted*, como nos demais casos, para marcar distanciamento. Nos três sistemas, a forma utilizada no plural é *ustedes*. O que diferencia dos sistemas apresentados pela autora citada e Fontanella de Weinberg (1992, 1999) está situada no fato desta considerar, também, o paradigma pronominal (reflexivos, possessivos etc.) que está interligado com as formas de tratamento.

Ainda nesse capítulo, procedemos à historicidade dos sistemas de tratamento pronominal argentino e uruguaio. O uso das formas de tratamento pronominal na Argentina ocorre com o *voseo* para o trato de confiança e *ustedeo* para formalidade. Sendo que, o *voseo* se impôs totalmente sobre o *tú*, que só se ouve quando estrangeiros o utilizam ou em séries dubladas em um espanhol neutro, os desenhos animados e em programas de teleteatro gravados na Argentina. Vale ressaltar que

atualmente o *voseo* está generalizado em relações de confiança nos estilos orais e escrito.

No que se refere ao uso das formas de tratamento pronominal no Uruguai, ocorre com a presença de duas formas pronominais para a segunda pessoa: *tú* e *vos*, no qual a forma *vos* combina exclusivamente com verbos na sua forma voseante (*vos comés*), enquanto o *tú* pode combinar-se com as formas verbais tuteantes (*tú pones*) e é utilizado no grau de aproximação. No caso do *usted* é mais usado em relações de não intimidade, como: colegas de trabalho, desconhecidos, estudantes universitários, podendo ocorrer o emprego do *tuteo*.

Uma vez contextualizado o tema sobre as formas de tratamento pronominal hispano-americano, procederemos, no próximo capítulo, com o aporte teórico que nos servirá de subsídio para comprovação das hipóteses, que estabelecemos em cada variável elencada em nossa pesquisa.

2 SOCIOFUNCIONALISMO

Em um segundo momento da fundamentação teórica, exporemos a teoria linguística, na qual se alicerça a nossa pesquisa, isto é, a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972, 1978, [2008]; SILVA-CORVALÁN, 2001), modelo teórico-metodológico que defende que toda língua muda e varia. Dedicar-nos-emos, ainda, a discorrer sobre a variação estilística. Sobre essa dimensão que, até pouco tempo, dava-se pouca atenção nos estudos de variação; desse modo, abordaremos os seus mais recentes desdobramentos teóricos (GUIRAUD, 1970; MONTEIRO, 1991; POSSENTI, 1993; ECKERT, 2005; HORA e WETZELS, 2019) e Sociofuncionalismo (NEVES, 1997, GIVÓN, 2001; TAVARES, 2003).

2.1 Sociolinguística

A Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade na qual vivemos, observando os aspectos sociais e culturais. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, sem um contexto situacional, da cultura e da história, em que a pessoa está inserida.

A Sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança linguística são inerentes às línguas e que devem ser considerados nas análises linguísticas. A Sociolinguística se interessa por todas as manifestações de uma língua e seu foco é a fala.

Na década de 1960, nos Estados Unidos, a Sociolinguística surgiu com os estudos do linguista William Labov, que a denominou como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. A abordagem variacionista se fundamenta em pressupostos teóricos que permitem identificar a regularidade e a sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do nosso cotidiano. Assim, analisa a língua em uso, considerando a estrutura linguística e os aspectos socioculturais. Desse modo, nas palavras de Labov (2008 [1972], p. 13), averigua de que forma a língua é “usada na vida diária por membros da ordem social”.

O termo variação linguística, para Coelho (2015, p. 16), diz respeito ao processo pelo qual duas ou mais formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, como o mesmo significado, um exemplo de variação linguística é o uso entre o *tuteo* e *voseo* em Hispanoamérica, em que ambas as formas são utilizadas com mesmo significado. Outro termo importante é variável, o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata, como no exemplo visto anteriormente, a variável é a expressão pronominal para segunda pessoa do singular. Já o termo variante, para Cezario (2013, p. 142), “é utilizado para identificar uma forma que é usada ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico”, exemplificando as variantes *tú* e *vos*, quando não expressam nenhuma especificidade diferenciadora. Para que uma ou mais formas sejam consideradas variantes, conforme Labov (1978), devem cumprir dois requisitos: 1. devem ser intercambiáveis no mesmo contexto; 2. devem manter o mesmo significado referencial/representacional.

O estudo dos processos de variação nos permite estabelecer alguns tipos de variação linguística, tais como: variação regional, variação de registro, variação social e variação estilística, sendo as duas últimas o foco de nosso trabalho.

A variação regional está associada à diferença entre as comunidades de falas cidades, regiões ou países para um determinado termo que varia de acordo com a localização, como por exemplo, “ônibus”, que em espanhol, há distintas formas: *autobús*, *ómnibus*, *guagua*, *colectivo*, entre outros. Já a variação de registro está relacionada com o grau de formalidade do contexto de interação, como a escrita de um correio eletrônico ou a forma que se fala.

Labov (2008 [1972] p. 313) entende o termo social como “aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa comunidade heterogênea” e por estilístico, “as alternâncias pelas quais um falante adapta a sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala”. Ambas se expressam segundo essa concepção, no comportamento do indivíduo, ou seja, no modo como o falante fala algo para o seu ouvinte.

Bagno (2017, p. 122) define estilo, como: “um modo distintivo de falar ou escrever”. Dessa forma, um indivíduo possui formas ou estilos distintos para falar ou escrever, a partir do contexto em que está inserido.

A variação social reúne as categorias de identificação do falante, tais como: sexo, faixa etária, grau de escolaridade, classe social, profissão, entre outras. O controle pela forma, a qual o falante alterna sua linguagem por causa de seu grau de atenção ao falar foi também uma das preocupações metodológicas de Labov (1978).

Sobre a variação estilística, Labov (1972) atribui a seus trabalhos as categorias sociais e centraliza no grau de atenção a dimensão estilística, sem mostrar um padrão de comportamento condicionado pelo estilo. Seus trabalhos têm o foco tanto na fala mais cuidada quanto na fala mais espontânea. Sobre a análise da fala mais espontânea, há, por exemplo, a investigação em Martha's Vineyard, na qual o autor analisou a tendência que os moradores centralizam a primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ ao pronunciá-las, diferenciando do inglês padrão ou estandar.

Brown e Gilman (2003 [1960]) foram os pioneiros em indicar o valor dos indícios de um provável universo estilístico, para as formas de tratamento, com a distinção T – V. Essa distinção é:

uma propriedade que, segundo os autores, a maioria das línguas apresenta, de em sua estrutura dispor de ao menos dois pronomes para o tratamento do interlocutor, sendo um pronome mais utilizado em situações menos formais e/ ou de maior proximidade entre os interlocutores – T –, e outro preferido em situações mais formais e/ ou de maior distanciamento entre os interlocutores – V. (BROWN e GILMAN (2003 [1960]), *apud* NUNES DE SOUZA, 2014, p. 170)

Esses pronomes possuem uma associação com duas dimensões, de poder e solidariedade. A relação de poder não é recíproca, no sentido em que duas pessoas não têm o poder uma sobre a outra, em uma mesma área do comportamento; nessa relação o superior utiliza T e recebe V. Segundo os autores, o poder se manifesta de diferentes formas, como: força física, idade, sexo, riqueza e o papel exercido na Igreja, no Estado, entre outros. Assim, há uma relação assimétrica descendente, quando um chefe dirige-se ao empregado utilizando o pronome *tú* ou *vos* e o empregado *usted* ou ascendente, quando um filho utiliza *usted* para falar com seu pai, enquanto o pai *tú* ou *vos*.

Já a relação de solidariedade é uma relação simétrica e se manifesta ao frequentar a mesma escola, ter os mesmos pais ou a mesma profissão, como por exemplo, quando dois irmãos ou amigos utilizam o *tuteo* ou *voseo* para comunicar-se.

A seguir, iremos abordar a temática, variação estilística, trazendo o contexto histórico, desde o surgimento da disciplina estilística, definição de estilo e os principais estudos sobre a variação estilística.

2.1.1 A variação estilística nos estudos sociolinguísticos

A estilística é uma das disciplinas voltadas para os fenômenos da linguagem, tendo como objeto de estudo o estilo. Embora a palavra estilística fosse usada desde o século XIX é no século XX que passa a designar como uma disciplina da linguística. Tendo Charles Bally, linguística da estilística da língua, que influenciou os linguístas David Crystal e Derek Davy, para os quais a estilística é uma parte da disciplina que estuda a variação linguística, e Leo Spitzer, com foco na estilística literária.

De acordo com Câmara Jr. (1977, p. 15), a estilística defronta-se com três tarefas:

1. caracterizar, de maneira ampla, uma personalidade, partindo do estudo da linguagem;
2. isolar os traços do sistema linguístico, que não são propriamente coletivos e concorrem para uma como que língua individual;
3. concatenar e interpretar os dados expressivos, determinados pela Kundgabe e pelo Appell, que se integram nos traços da língua e fazem da linguagem esse conjunto complexo e amplo de enérgeia psíquica. (CÂMARA JR. 1977, p. 15)

Assim, a primeira tarefa se centrou muito na crítica literária, já a segunda concentra-se especialmente em Marouzeau no seu conceito e na sua aplicação da estilística e a terceira na concepção de Charles Bally, no âmbito da linguística num néosaussurianismo cheio de sugestões fecundas.

Assim, Segundo Câmara Jr. (1977, p. 25), a estilística é a ciência da linguagem expressiva, independentemente do âmbito particular em que a expressividade linguística funciona.

Mas o que seria estilo? Para Câmara Jr. (1977, p. 13), estilo é a definição de uma personalidade em termos linguísticos [...] abrange [...] todos os fenômenos específicos que aparecem em nossa linguagem como meio de exteriorização e apelo.

A variação estilística envolve a variação na fala dos falantes individuais mais do que entre os grupos de cada comunidade de fala, ou seja, ela está mais presente intrafalante do que entre falante, pois a forma de falar de uma pessoa pode variar de acordo com a situação em que está inserida, como por exemplo: ao falar com seu namorado(a), em uma entrevista de emprego, com seus amigos de infância ou colegas do trabalho.

Conforme Sant'anna Martins (1997, p. 6), cabe à estilística estudar as variedades, quer da língua falada, quer da língua escrita, adequadas às diferentes situações e próprias de diferentes classes sociais.

Para Hora e Wetzels (2011, p. 151), a variação estilística está condicionada por uma variedade mais ampla de fatores, incluindo não só a formalidade da situação ou a composição da audiência, mas também fatores como: tópico, ambiente, canal de comunicação, propósito e etc.

Os estudos sobre a variação estilística se caracterizam a partir de três abordagens principais: uma voltada para atenção prestada à fala e proposta por Labov (*Attention to speech*) (1972, 2001, 2008); outra focalizada na audiência (*Audience Design*), proposta por Bell (1984) e uma última que se volta para a identidade do falante (*Speaker Design*), proposta por Eckert (2001) e Schilling-Estes (2002).

Em seus trabalhos da Sociolinguística relacionada à entrevista, Labov utiliza algumas estratégias, tais como: lista de palavras, estilo de leitura e pares mínimos sendo utilizadas para que o falante preste mais atenção à maneira como usa a língua. Já na entrevista, ele desconsidera os primeiros dez minutos da fala porque o entrevistado muda seu estilo de fala, ou seja, uma fala monitorada.

Em seguida, Alan Bell (1984) propõe uma abordagem que avalia o efeito do destinatário e da “audiência” sobre a variação, como o centro da produção estilística. Segundo o autor, qualquer modelo de mudança de estilo deve considerar que a variação intrafalante deriva e reproduz a variação entre falantes. A primeira é uma resposta à última. Segundo ele, apenas um único tipo de modelo pode considerar a mudança de estilo. Bell também criticou as estratégias utilizadas por Labov para obter a fala casual dos falantes. Labov utilizava nas entrevistas, a leitura de textos, listas de palavras e pares mínimos, por exemplo. Bell (1984) considera essas situações como estilos “artificiais” quando afirma que, em uma situação comunicativa espontânea, é muito difícil que o falante produza esse tipo de estilo.

Por fim, para Eckert (2005), os estudos variacionistas podem ser vistos como verdadeiras ondas e os reúne em três ondas. A autora ressalta que essas três perspectivas de análise não se excluem entre si, ou seja, uma abordagem não invalida a outra, mas fazem parte de um todo. Tampouco, são períodos que se sucedem no tempo, mas são formas de classificar as pesquisas sociolinguísticas a partir do modo como elas abordam os fenômenos linguísticos.

A primeira onda usa o modelo quantitativo para examinar a relação entre variabilidade linguística e restrições sociais, como por exemplo: sexo, idade, classe social, etnia, entre outros. Assim, a primeira onda se resume da seguinte forma (ECKERT, 2005):

- os estudos são realizados em comunidades definidas geograficamente;
- a hierarquia socioeconômica funciona como um mapa do espaço social;
- as variáveis são tidas como marcadores de categorias sociais primárias e carregam traços de prestígio/estigma;
- o estilo é analisado a partir do grau de monitoramento da fala e controlado a partir do prestígio/estigma.

Já a segunda onda, para Eckert (2005), é caracterizada pelos estudos etnográficos e foca nas categorias sociais das pequenas comunidades de fala e estabeleceu uma conexão com a primeira onda e a dinâmica local, e assim se caracteriza:

- estudos etnográficos de comunidades definidas geograficamente;
- categorias locais como *links* para as demográficas;
- variáveis como categorias de indexação localmente definidas;
- estilo como atos de afiliação.

E a “terceira onda” focaliza o significado social das variáveis e estabelece uma mudança de foco da comunidade de fala, privilegiado pelas ondas anteriores, para a comunidade de prática. Por fim, os estudos de terceira onda apresentam as seguintes características (ECKERT, 2005):

- estudos de caráter etnográfico em comunidades de prática;
- as categorias locais se apresentam como resultado da construção de posições em comum;
- as variáveis são indicadoras de posições, atividades, características;
- o estilo é visto como construção da *persona*.

2.2 Funcionalismo norte-americano

É por volta de 1975, que as análises linguísticas com um cunho funcionalista explicitamente classificadas começam a proliferar na literatura norte-

americana. Assim, o Funcionalismo norte-americano surge como reação às impropriedades constatadas nos estudos estritamente formais, ou seja, com foco nas pesquisas gerativistas e estruturalistas.

Os funcionalistas norte-americanos adjuram que uma dada estrutura da língua não pode ser completamente estudada, descrita ou explicada sem referência à sua função comunicativa, diferentemente das teorias formais. O funcionalista pretende explicar a língua com base no contexto linguístico e na situação extralinguística.

O texto considerado pioneiro no desenvolvimento das ideias da escola funcionalista americana, conforme Furtado da Cunha (2013), é *The Origins of Syntax in Discourse*, publicado por Gillian Sankoff e Penelope Brown em 1976. Nessa pesquisa, as autoras fornecem evidências das motivações discursivas geradoras das estruturas sintáticas do tok pisin, língua pidgin de Papua-Nova Guiné.

Em 1979, Talmy Givón influenciado pelas descobertas das autoras citadas acima, publica *From Discourse to Syntax*, texto explicitamente antigerativista, que afirma que a sintaxe existe para desempenhar uma certa função. Os trabalhos seguintes de Givón (1984, 1990, 1995, 2001, entre outros) se caracterizam pela busca de parâmetros substantivos.

No panorama brasileiro, os estudos com foco funcionalista ganham impulso a partir da década de 80 com a criação de grupos de pesquisa, como: Projeto Norma Urbana Culta, que abrange várias capitais do país, do Projeto de Estudo do Uso da Língua (Peul) e o Grupo de Estudos Discurso & Gramática, sediado em várias universidades.

O Peul tem formação sociolinguística, seus estudos focam na variação sob a perspectiva da função discursiva das variantes selecionadas. Um dos principais destaques é Anthony Julius Naro, que em parceria com Sebastião Votre publicou vários artigos seguindo a orientação de Givón.

Já o Grupo de Estudos Discurso & Gramática criado por Sebastião Votre, tem como foco central o estudo dos processos de gramaticalização. Os resultados dessa investigação podem ser vistos em Martelotta, Votre e Cezario (1996), Rios de Oliveira (1998), Furtado da Cunha (2000) e Furtado da Cunha, Rios de Oliveira e Martelotta (2003).

O Funcionalismo é uma teoria que insere, no estudo da estrutura gramatical de uma dada língua, o contexto de interação em que dada estrutura é utilizada; enfoca as

várias funções desempenhadas pela referida forma, considerando-se as condições de uso. Segundo Furtado da Cunha (2013, p.157), “a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições em que se verifica esse uso”. Essa corrente linguística considera o uso orientado pelo contexto de interação, ou seja, a estrutura é motivada pelo propósito comunicativo.

Dessa forma, o Funcionalismo é formado como uma teoria que se une, acima de tudo, aos fins a que servem as unidades linguísticas, o que quer dizer que ele se ocupa exatamente das funções dos meios linguísticos. Assim, a língua é um sistema funcional, utilizado sempre para um determinado meio.

Dentre os princípios e categorias centrais dessa corrente funcionalista temos: informatividade, iconicidade, marcação, transitividade e plano discursivo e gramaticalização. Sendo que, a gramaticalização e discursivização constituem pontos de privilégio de investigação. Em nossa pesquisa abordaremos o princípio de marcação e plano discursivo, que serão explanados a seguir.

3.2.1 Princípio de Marcação

O princípio de Marcação ou os termos “marcado” e “não marcado” foi introduzido pelos linguistas da escola de Praga. Esse conceito seria uma reinterpretação da noção de valor linguístico concebida por Saussure para diferenciar um par contrastivo, ou seja, a distinção entre dois elementos de uma determinada categoria, seja ela fonológica, morfológica ou sintática. Esse processo se dá por meio da presença de uma dada propriedade em um (elemento marcado) e da ausência dessa no outro membro (elemento não-marcado).

Segundo Givón (1995), o conceito de marcação pressupõe a noção de complexidade da estrutura da língua, nesse âmbito, o autor concebe que o elemento marcado é estruturalmente mais complexo. Por outro lado, o elemento não-marcado é mais simples em sua estrutura. No entanto, a marcação depende do contexto comunicativo, pois em um determinado contexto pode ser marcado e não marcado em outro, logo, para a caracterização de um elemento como marcado ou não-marcado, entram em jogo os fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos e biológicos. Por

exemplo, a voz passiva sintética é muito marcada na língua oral por ser muito incomum o uso e não marcada em contextos escritos, por ocorrer com uma relativa frequência.

Givón (1990, p. 947) apresenta três critérios para se avaliar a marcação:

(a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada.

(b) distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada.

(c) complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não-marcada.

Referente a esses critérios, Givón (1991) orienta que devem ser testados de maneira isolada e, somente depois, os resultados devem ser correlacionados. Por outro lado, dada a dificuldade de acessar o grau complexidade cognitiva das formas linguísticas, esse subprincípio deve ser indiretamente controlado. Segundo a formulação dada por Givón (1991, p. 38), na concepção do princípio meta-icônico de marcação: “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser substantivamente mais marcadas”. Nesse sentido, a complexidade cognitiva pode ser ligada à complexidade estrutural.

Ao analisar a questão da complexidade cognitiva e, também, contextual, Dubois e Votre (2012) propõem o princípio de expressividade retórica. Na visão dos autores, um procedimento discursivo marcado tende a reduzir ou eliminar o esforço de codificação. Nas palavras de Dubois e Votre (1994, p. 12): “É preciso repensar o princípio de marcação, também, no que diz respeito à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação”. Assim, formas marcadas podem tender a ocorrer em contextos menos marcados e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados. Dessa forma, teríamos o equilíbrio cognitivo contextual.

Givón (1990) divide a marcação de categorias gramaticais em quatro tópicos:

(a) tipos de discurso – a mesma categoria gramatical pode ter diferentes valores de marcação quando colocada em contextos discursivos diferentes;

(b) tipos de oração – as orações principais, declarativas, afirmativas e ativas têm o *status* de não-marcadas, enquanto que as subordinadas, manipulativas, negativas e passivas ganham o *status* de marcadas;

(c) Modalidades nominais: (1) *papel temático* – hierarquia temática → papel semântico; (2) *referencialidade e individuação* – nomes referenciais e individuais são o caso não-marcado; (3) *definitude* – o sujeito, o objeto direto e o dativo/benefactivo tendem a ser a categoria definida, logo, não-marcada; (4) *status anafórico* – a anáfora zero é a menos marcada; (5) *topicalidade* – a marcação dos referentes tópicos e dos não-tópicos depende da continuidade, ou seja, o referente tópico/contínuo;

(d) Modalidades verbais (*realis x irrealis* (mais marcada); perfectiva x imperfectiva (mais marcada) – Givón (1995, p. 55).

Segundo Furtado da Cunha (2013), as formas não marcadas apresentam várias características, tais como:

(a) maior frequência de ocorrências nas línguas em geral e em uma língua particular;

(b) contexto de ocorrência mais amplo;

(c) forma mais simples ou menor;

(d) aquisição precoce pelas crianças.

Cezario, Marques e Abraçado (2016) ressaltam que embora em alguns casos, devido ao número limitado de dados nos corpora utilizados e/ou disponíveis, estudos funcionalistas façam uma abordagem qualitativa do fenômeno estudado, postula-se que a quantificação é extremamente importante nas pesquisas que seguem essa teoria, por permitir que o pesquisador observe a frequência dos elementos relacionados, considerando os critérios para a distinção entre as categorias marcadas e não marcadas.

2.2.2 Plano da narrativa: Figura e Fundo

Consideramos a proposta de Hopper e Thompson (1980), sobre o tratamento dos planos figura e fundo na narrativa, pelo motivo que, de acordo com esses autores, há correlação entre o relevo discursivo e o grau de transitividade em uma sentença, pois, na organização do raciocínio humano e na comunicação, é inevitável a hierarquização

de informações, no sentido de organizar graus de centralidade/periférico, ou seja, numa situação comunicativa oral ou escrita, os usuários da língua procuram estabelecer quais informações são essenciais (figura) e acessórias (fundo).

No ato de fala, segundo Givón (1984), alguns elementos da descrição são considerados a essência, o norte, a linha principal do episódio/descrição/comunicação, constituindo a figura do discurso. Por outro lado, há elementos que são satélites, ficam na borda, são os apoios do episódio/descrição/comunicação, sendo, portanto, o fundo do discurso. Assim, em uma situação de interação, há informações que ficam na centralidade do discurso (figura) e outras, na periferia (fundo). Dessa forma, é a partir da percepção das necessidades do ouvinte que os usuários da língua constroem esse relevo discursivo (PEZATTI, 2004). Segundo Givón (1990), a figura corresponde à parte importante da história, e o fundo, às lacunas e preenchimentos.

Para Hopper (1979), a figura (*foreground*) prototípica apresenta as seguintes características: sequência cronológica; eventos reais, dinâmicos e completos; sujeitos previsíveis (tópicos), humanos; alta transitividade; ações ou principais pontos do discurso; “esqueleto do texto; estrutura básica; sequência temporal; codificação morfossintática através de orações coordenadas, principais ou absolutas; formas verbais perfectivas.

O fundo (*background*), por sua vez, caracteriza-se por: eventos simultâneos; eventos não necessariamente completos e reais; situações estáticas, descritivas; situações necessárias para compreensão de atitudes (subjetividade); frequentes trocas de sujeito; baixa transitividade; contexto, apoio ou comentário; preenchimento da estrutura (externo); mobilidade/sem ordenação; estrutura sintática subordinada (mas o fundo também pode ser codificado por orações coordenadas, absolutas ou principais); formas verbais imperfectivas.

Silveira (1997), ao estudar figura e fundo em narrativas, observa que os planos não são categorias discretas, mas há uma gradação no que tange à figuricidade – que vai da figura até diferentes tipos de fundo. A autora propõe seis categorias que formam esse gradiente:

Categoria I: é a figura prototípica.

Categoria II: cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura. Apresentam ou resumem o que vai ser relatado, o cenário, os participantes e a fala dos personagens.

Categoria III: cláusulas-fundo que especificam o modo, a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais).

Categoria IV: cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas).

Categoria V: cláusulas-fundo que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas).

Categoria VI: cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor. Apresentam opiniões, dúvidas, conclusões.

Chedier (2007) traz uma nova proposta a partir dos estudos de Silveira (1997) e faz o agrupamento das seis categorias em apenas três. Ela mantém a categoria I e reorganiza as categorias II e III em uma nova categoria, que denomina de Fundo I, por se apresentarem mais perto das características de figura. Em seguida, reagrupa as categorias IV, V e VI e as considera como Fundo 2, pois, conforme a autora, elas estão mais distantes das características de figura. Dessa forma, temos a seguinte divisão para analisar os planos, que vai de figura até fundo, segundo Chedier (2007, p. 49-50):

Figura: apresenta sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos. Quanto à codificação morfossintática, a figura contém orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas.

Fundo 1: apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresenta ou resume o que vai ser relatado; apresenta o cenário, os participantes e a fala dos personagens. Há, também, cláusulas-fundo que especificam o modo, a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais).

Fundo 2: contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas). Pode conter também cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor, opiniões, dúvidas e conclusões.

Em nossa pesquisa, considerando as formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted*, utilizaremos a classificação proposta por Chedier (2007) na análise das peças de teatro uruguaias e argentinas.

2.3 Sociofuncionalismo

Conforme Cezario, Marques e Abraçado (2016), a abordagem sociofuncionalista concebe a estrutura gramatical inserida na situação real de comunicação, considerando os participantes, o objetivo da interação e o contexto discursivo. Nesses elementos se procura a motivação para o uso de uma forma linguística em detrimento de outra, levando em consideração fatores sociais, cognitivos, comunicativos, entre outros, que podem influenciar na forma de se codificar a informação.

No Brasil, segundo Neves (1999), o termo “sociofuncionalismo” surgiu no Peul/RJ (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), a partir de estudos que acoplavam diretrizes teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista com a linha funcionalista norte-americana, que tinha como principais representantes, naquele momento, Talmy Givón, Sandra Thompson, Wallace Chafe e Paul Hopper.

A linha funcionalista norte-americana, uma das possíveis bases para o Sociofuncionalismo, parte do princípio de que existe uma ligação entre gramática e discurso: a gramática sofre constantes modificações por conta do uso/discurso, pois os falantes necessitam de novas formas para se expressar e, ao mesmo tempo, repetem determinadas construções, que vão permanecendo na gramática da língua.

May (2009) pondera que mesmo havendo pontos conflitantes entre as duas teorias – sociolinguística e funcionalismo – tal aproximação tornou-se necessária porque os pesquisadores buscavam observar não só os fatores estruturais e sociais, mas também fatores de cunho funcionalista, como informatividade, planos discursivos, iconicidade e marcação, a fim de explicar a variação ou a mudança linguística.

No que diz a respeito às diferenças existentes entre os dois postulados, segundo Tavares e Görski (2015 p. 259), ocorre devido as preocupações centrais de cada teoria, que podem ser resumidas: no decorrer de seu desenvolvimento, um certo item passa a desempenhar múltiplas funções (**uma forma** com mais de uma função – perspectiva Funcionalista). Nessa trajetória, seu uso pode se expandir para um domínio funcional já codificado por outro item, passando a disputar com ele o direito de marcação linguística da função (**mais de uma forma** com um significado e/ou uma função – perspectiva da Sociolinguística).

A seguir, iremos apresentar um quadro sintético (cf. TAVARES, 2003) que resume os principais pontos divergentes entre sociolinguística e funcionalismo.

Quadro 7: Síntese das características divergentes e convergentes entre sociolinguística e funcionalismo (cf. TAVARES, 2003, p.117-120)

FUNCIONALISMO	SOCIOLINGUÍSTICA
O termo mudança envolve o surgimento das inovações e difusão social destas;	O termo mudança refere-se à difusão social das inovações e analisa o grau de difusão através das distribuições sociais dos elementos linguísticos;
Os mecanismos de mudança envolvem a reanálise, analogia, metáfora, metonímia, dentre outros;	Não destaca mecanismos de mudança;
As camadas de um domínio possuem a mesma função;	As Variantes de uma variável possuem o mesmo significado referencial;
A variação é decorrente da mudança;	A mudança decorre da variação;
As especializações das camadas de um domínio são manifestadas através de preferências de uso, condicionadas por contextos sociolinguísticos;	Análise do condicionamento de grupos de fatores linguísticos e sociais sobre o uso das variantes; o que revela o quadro de distribuição de cada uma delas quanto aos contextos sociolinguísticos. Detém-se com mais rigor na investigação dos contextos prediletos de cada variante, buscando detalhar a ação combinada dos diversos fatores sobre cada situação de uso;
As situações de estratificação tendem a ser solucionadas com o passar do tempo. Uma situação em que uma função gramatical é expressa por duas ou mais formas linguísticas tende a mudar para uma em que a função é expressa por apenas uma forma;	Situações de variação tendem a ser solucionadas com o passar do tempo, do que deriva que as regras variáveis tendem a se tornar categóricas;
Soluções possíveis para situações de estratificação: (a) especialização por generalização; (b) especialização por especificação;	Soluções possíveis para situações de variação: (a) uma variante prepondera sobre as demais; (b) as variantes assumem papéis diferentes;
Tratamento empírico dos dados, com quantificação estatística. Vale-se de frequências. Não possui instrumental estatístico específico;	Tratamento empírico dos dados, com quantificação estatística. Vale-se de frequências e pesos relativos;
Dados coletados em diferentes corpora (conversação, jornais, revistas etc.). A postura mais defendida é o emprego de	Dados coletados preferencialmente em entrevistas sociolinguísticas, para a obtenção de um grande número de

dados provindos de fontes diversas;	ocorrências, difíceis de serem extraídas da fala cotidiana, mas necessárias para a aplicação do instrumental estatístico;
A função a que serve a gramática é prioritária e determinante de seu uso pelos falantes. A gramática é um processo em andamento, sempre emergindo rumo a sua constituição, mas nunca chegando a constituir-se de fato, pois sofre constantes alterações por conta das características do manancial de onde deriva e onde existe: seu uso por falantes;	A prioridade é a estrutura. A língua - e, por tabela, a gramática - é tida como um sistema regido por regras (in)variáveis;
Não destaca regras formais. Focaliza relações de diferentes graus entre funções e formas. Cabe ao estudioso buscar estratégias recorrentes de organização do discurso, mapeando, dessa forma, as regularidades;	Destaque para regras formais abstratas, que descrevem formalmente a inter-relação sistemática entre os condicionamentos internos e externos à língua;
As estruturas tendem a refletir e a ser alteradas por causa da pressão exercida por motivações funcionais (entendidas como cognitivas, comunicativas e sociais).	As motivações consideradas relevantes são as estruturais e as sociais. A função não exerce motivação significativa sobre a constituição da estrutura ou sobre a variação e a mudança.

Fonte: Tavares (2003).

Correlacionando os pontos em comum e os pontos divergentes entre as duas propostas esquematizadas acima, obtém-se um novo campo de estudo, no qual, para os sociofuncionalistas ambas as linhas podem auxiliar, em termos teóricos e metodológicos, no desenvolvimento de estudos que gerem avanços na compreensão de processos de variação e de mudança linguística.

3.4 Súmula do capítulo

No capítulo que finaliza, apresentamos as teorias que alicerçaram a nossa pesquisa e que nos ajudaram a compreender o fenômeno sobre o qual nos debruçamos. São elas: o Funcionalismo, a Sociolinguística Variacionista, conhecida, ainda, como Sociolinguística Laboviana, Sociolinguística Quantitativa e Teoria da Variação e Mudança (Labov 1972, 1978, [2008]), Sociofuncionalismo e as abordagens teóricas que servem de base para os estudos variacionistas que trabalham com a noção de estilo, a saber, os estudos Bell (1984), Eckert (2001) e Schilling-Estes (2002). Além disso,

discorreremos, resumidamente, sobre o princípio de Marcação e Plano discursivo, pela sua relevância teórica para a análise das formas pronominais de tratamento.

A partir da compreensão dos pressupostos teóricos Sociofuncionalista, estabelecemos o fenômeno variável sobre a alternância das formas pronominais *tú*, *vos* e *usted* no espanhol da Argentina e Uruguai, com corpus escrito e escolhemos variáveis sociais e estilísticas que podem condicionar o uso dessas formas, incluindo-se, também, análises de natureza funcional.

Após a apresentação dos fundamentos teóricos que nos serviram de base, expomos, no capítulo seguinte, os procedimentos metodológicos que mediaram a nossa prática e possibilitaram a realização dessa pesquisa.

3 METODOLOGIA

Nessa seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos para investigação do nosso objeto de estudo e, também, a classificação da pesquisa, com base no método de abordagem, nos objetivos, nos procedimentos técnicos utilizados, na amostra, no universo da pesquisa, nas variáveis extralinguísticas sob o viés sociofuncional.

3.1 Natureza da pesquisa

3.1.1 Do método de abordagem

A presente pesquisa será de caráter hipotético – dedutivo que, segundo Lakatos e Marconi (1992), inicia-se pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese.

Observado o fenômeno variável entre as formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted* no espanhol rio-platense, elaboramos hipóteses, descritas em seção anterior, sobre a ocorrência dessa variação. Posteriormente, relacionamos essas hipóteses a fatores de ordem, social, estilística e linguística, que serão testados, na análise da amostra extraída das peças teatrais, descritas em seção do capítulo sobre análise.

3.1.2 Dos objetivos

Sabe-se que as pesquisas são classificadas tomando como base seus objetivos gerais. De acordo com Gil (2002, pags. 41-42), as pesquisas podem ser classificadas em: a) exploratórias – que têm por objetivo proporcionar maior familiaridade entre o pesquisador e o que se pesquisa, com vistas a torná-lo mais explícito ou à elaboração de hipóteses; b) descritivas – seu objetivo é a descrição das características de uma determinada população ou fenômeno e estabelecer a relação entre as variáveis; c) explicativas – que visam identificar os fatores envolvidos que determinam ou que contribuem para dar explicações para o fenômeno abordado.

Diante do exposto, o trabalho em questão se classifica como uma pesquisa descritivo-explicativa. Essa caracterização se justifica porque, primeiro, pretendemos descrever a variação entre as formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted* no espanhol rio-platense. Em seguida, tentaremos explicar, através de análise das amostras extraídas das peças teatrais, a relação entre as variáveis, linguística, sociais e estilísticas, bem como o porquê da variação entre essas formas.

3.1.3 *Dos procedimientos técnicos*

De acordo com Gil (2002, p. 43), a comparação entre escopo teórico e os dados da realidade, em uma pesquisa, só é possível através do delineamento dela. Esse último diz respeito ao planejamento/desenvolvimento do trabalho em dimensões mais amplas e tem como principal elemento os procedimentos técnicos adotados. Segundo o autor, o delineamento pode ser dividido em dois grandes grupos, que são: um primeiro que estão os dados que são fornecidos por pessoas e, nesse caso, temos uma pesquisa bibliográfica ou documental; e um segundo, em que se encontram pesquisas do tipo experimental, *ex-post facto*, o levantamento e o estudo de caso.

Tendo em vista que essa pesquisa possui foco em uma determinada comunidade, a saber, a Zona Rio da Prata, com foco em Argentina e Uruguai, e trabalha com dados linguísticos vindos de peças de teatro desses países, podemos afirmar que, a partir dos procedimentos técnicos adotados em nosso trabalho, ele se aproxima de um estudo de campo. No entanto, é fundamental ressaltarmos que essa pesquisa não se caracteriza como um estudo de campo prototípico, tendo em vista que não coletamos falas de indivíduos e não estabelecemos nenhum contato com os informantes elencados, apenas utilizamos peças que podem representar a “comunidade de fala” daquele local.

3.1.4 *Peças teatrais*

Os gêneros teatrais, como corpus de uma pesquisa, são importantes porque nas peças, o personagem pode produzir a linguagem da classe social, a qual pertence e pode representar a realidade linguística e social.

Desse modo, sobre o gênero peça teatral, Granero (2011) pontua que: “A arte, e conseqüentemente o teatro, fazem parte da linguagem e da cultura próprias de um povo e são peças essenciais para a compreensão de sua história.” (GRANERO, 2011, p.13).

Trazendo um breve histórico do teatro com base na autora: iniciamos com a **Tragédia Grega** - apresentavam-se nos "ditirambos", festivais de teatro, à época de Dionísio. Alguns autores são: Ésquilo (525-456, a.C.), Sófocles (496-406 a.C.) e Aristóteles (384-322). Através do teatro, exprimia-se o pensamento grego, suas reflexões e mitos.

Na sequência, o **Teatro Clássico** que estava sujeito às normas ditadas por Aristóteles e nele o discurso teatral valorizava a narrativa. Busca da harmonia das personagens e a verossimilhança, além de seguir as seguintes regras: i) a ação deve se referir à ação de um único herói e deve construir um todo; ii) a unidade de tempo referente às peripécias do herói não deve ultrapassar 24h; iii) a unidade de lugar deve centrar-se em um pequeno espaço. Embora nem todos os autores seguissem à risca tais regras.

Depois, chegamos ao **Teatro dos Séculos XVIII e XIX** no qual ocorrem renovações cênicas e inicia-se um relativo afastamento das regras do Classicismo ao eliminar os diálogos em verso e resgatar as personagens do cotidiano, como o "artesão", "o homem do povo", e os "burgueses". As personagens falam com uma linguagem popular, familiar. A tragédia é substituída pelo drama burguês.

Por fim, o **Teatro do Século XX aos dias atuais** - presença da estética simbolista (liberdade criativa, distanciamento da realidade); maior relação entre canto e música na representação artística, espaço cênico menos excessivo e mais vazio, importância da iluminação, busca de uma unidade estética.

De acordo com Uberfeld (2005), o teatro é a um só tempo produção literária e representação concreta, por sua vez, Ryngaert (2005) explicita que o texto de teatro tem o bizarro estatuto de uma escrita destinada a ser falada. Assim, nesse gênero, há uma relação complexa entre a oralidade e a escrita, fato que pode ser explorado.

Sobre a constituição desse gênero textual, encontramos uma organização tipográfica própria na qual, segundo Ubersfeld (2005) e Ryngaert (1995), há dois grandes elementos que a constituem: a didascália (ou rubrica) e o diálogo. A primeira trata das partes do texto que não se destinam a ser pronunciadas no palco, mas que

ajudam ao leitor compreender e imaginar o espaço em que ocorrem as cenas e as ações das personagens e também é responsável por descrever o contexto de comunicação e as marcas tipográficas específicas. Logo, fazem parte da didascália: o nome das personagens (em lista inicial e no decorrer dos diálogos); as indicações cênicas ao longo dos diálogos; a descrição das cenas no início de atos, quadros, cenas ou fragmentos. Já Ingarden (1988, p. 151) dá aos diálogos o status de texto principal da peça teatral e às didascálias o de texto secundário e, ainda, afirma que essas últimas desaparecem assim que a obra passa a ser encenada. Dessa forma, os diálogos são a parte mais importante da peça teatral, pois contêm as conversas entre os personagens e os dados analisados advêm deles.

A narrativa, na peça teatral, pode constituir-se por: uma exposição (compreensão da ação, personagens e assunto); um nó (obstáculos e contrariedades na ação, constituindo conflitos, peripécias) e desfecho (a eliminação dos obstáculos e problemas desenvolvidos nos acontecimentos).

Tradicionalmente, há os atos e cenas, os quais, nas tragédias se distribuíam em cinco atos e nas comédias em três atos. As peças teatrais selecionadas distribuem-se: 5 dramas, sendo 4 peças com 3 atos e 1 peça com 4 atos; 2 comédias, sendo 1 peça com 1 ato e 1 com 3 atos; e 1 comédia dramática com 3 atos.

3.2 Da amostra e do universo da pesquisa

A amostra utilizada nessa pesquisa foi elaborada a partir da pesquisa em sites e bibliotecas virtuais dos países: Argentina e Uruguai. O corpus conta com 08 peças teatrais, sendo 4 (quatro) de cada país, situadas no começo do século XX (1901 – 1940).

Para esse estudo, na concepção de Cristovão (2009), o ideal para o trabalho são textos sociais, isto é, textos oriundos de contextos sociais reais. Por isso, escolhemos as peças teatrais por meio dos seguintes critérios:

1. os autores rio-platenses, que influenciaram o desenvolvimento da dramaturgia de seu país;
2. período histórico dos textos;
3. extensão da obra teatral;

4. peças teatrais de livre acesso nos sites da internet;
5. ocorrência das formas sob análise.

O primeiro critério está centrado no papel que o autor desempenhou no desenvolvimento da dramaturgia do seu país. O segundo critério centra-se no período histórico das obras teatrais, que dependendo do período específico, poderemos encontrar distintos usos das formas de tratamento pronominal para segunda pessoa.

Por outra parte, sugerimos como critério a extensão das obras, por conta da padronização do volume textual. As peças contêm de 14 a 90 páginas, aproximadamente, perfazendo uma amostra de 388 páginas, em média, 194 páginas por país (Argentina e Uruguai). Já o critério disponibilidade dos textos em ambientes virtuais, deu -se pela praticidade de busca e por estarem de forma digitalizadas em tais ambientes, a saber: os sites:

- <http://www.biblioteca.org.ar>;
- <http://200.31.177.150:4949/ebooks/VBOOKS/Robert%20Arlt%20-%20Saverio%20el%20cruel.pdf>;
- <http://pt.scribd.com/>;
- <http://www.cervantesvirtual.com>;
- <http://www.letrasmexicanas.mx>.

Partindo dessas delimitações, foram selecionadas 08 peças de teatro rio-platenses para compor a amostra, dividida conforme a organização do quadro 8 Vejamos:

Quadro 8: Relação das peças de teatro que compõem a amostra analisada.

PAÍS	PEÇAS	ANO	AUTOR
ARGENTINA	Locos de Verano	1905	Gregorio de Laferrère ⁷
	Las de Barranco	1908	
	Saverio el cruel	1936	Roberto Arlt ⁸
	La isla desierta	1937	

⁷ Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar>

⁸ Disponível em: <http://200.31.177.150:4949/ebooks/VBOOKS/Robert%20Arlt%20-%20Saverio%20el%20cruel.pdf>

URUGUAI	En família	1905	Florencio Sánchez ⁹
	La tigre	1907	
	El estanque	1910	Ernesto Herrera ¹⁰
	La moral de Misia Paca	1913	

Fonte: Elaboração própria (2019)

Apesar de ser possível fazer uma análise das formas de tratamento pronominal das obras teatrais rio-platenses, sabe-se que a natureza dos dados possui algumas limitações, tais como: uma peça de teatro não é uma comunidade de fala, é a percepção que o autor tem de uma determinada época que pode ou não representar a realidade linguística e social retratada. Dessa forma, o *corpus* selecionado para essa pesquisa não concebe a totalidade, mas uma pequena representação das variedades do espanhol argentino e uruguaio retratadas na escrita de textos teatrais.

4.2.1 Descrição da coleta dos dados

O procedimento da coleta de dados do presente trabalho será feito a partir de critérios que influenciarão na análise dos dados. Cabe ressaltarmos, que as hipóteses utilizadas servem tanto para Argentina como Uruguai.

No que se refere à variável classe social, Acevedo (2011) estudou as formas de tratamento – *tú, vos e usted* – mais empregadas entre os jovens de 15 e 25 anos, na capital da Guatemala, visando os distintos estratos sociais, as interações interpessoais e o uso da cortesia verbal por parte de seu interlocutor. Essa pesquisa foi realizada com cerca de 100 entrevistas, em um primeiro momento, gravadas com os jovens de ambos os sexos e de diferentes classes sociais situados na capital da Guatemala e depois foram feitas 100 novas entrevistas escritas com jovens sem informar a classe social. As entrevistas foram realizadas tanto em grupos como individualmente e não se perguntava a idade dos entrevistados.

A respeito da classe social, perguntaram sobre nível educacional, as escolas frequentadas, se são estudantes ou jovens trabalhadores e a área de trabalho que

⁹ Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com>

¹⁰ Disponível em: <http://www.letrasmexicanas.mx> e <http://pt.scribd.com/>

desempenham. Como resultado, a autora observa que as formas de tratamento utilizadas pelos jovens apresentam em uma primeira interação como um elemento dêitico de tipo social já que se vê um desejo em determinar certas realidades de uma situação social, no local do ato de fala, sendo que a hierarquia social das pessoas é um fator que condiciona o tipo de relações que se estabelece. Na análise, o caso de *usted*, denota distância e respeito entre os interlocutores, com o fim de projetar uma imagem dentro de uma determinada construção social e o caso de *tú*, que denota solidariedade. Observou-se, também, que o tratamento entre os jovens guatemaltecos não é recíproco e seus critérios não coincidem com os demais jovens hispano-falantes, pois ocorre assimetria nas relações entre homem e mulher e algumas vezes entre as mulheres, o que quase não ocorre com os homens. Nos levando à hipótese de que o uso da variante *tú* ou *vos* ocorrerá nas relações descendentes e simétricas com o uso das variantes correlacionadas à dimensão de solidariedade e em contextos de maior proximidade entre os personagens e *usted* nas relações ascendentes, que predomine o uso das variantes associadas à dimensão de poder e em situações de menor proximidade.

Em relação à classe social, examinaremos os seguintes fatores:

- a) classe baixa – classe alta;
- b) classe alta – classe baixa;
- c) classe baixa – classe baixa;
- d) classe alta – classe alta;

Espera-se, no controle dessa variável, que, no período do início do século XX, nas relações ascendentes, predomine o uso das variantes associadas à dimensão de poder (1); nas relações descendentes e simétricas deve predominar o uso das variantes correlacionadas à dimensão de solidariedade (2).

(1) REGENTE – *Haydée*: **atienda usted** al señor. Hasta que se cierre la casa, **tiene usted** todas las mesas a su cargo. (SÁNCHEZ, 1907, p.7).

(2) MANUEL – *Y de pronto, sin decir agua va, nos sacan del sótano y nos meten aquí. En plena luz. ¿Para qué queremos tanta luz? ¿Podés* decirme para qué queremos tanta luz? (ARLT, 1937, p.6).

No que se refere à variável audiência, Nunes de Souza (2011), em sua pesquisa de mestrado, identificou as formas de tratamento do português utilizadas em 12 obras de teatro florianopolitanas dos séculos XIX e XX e sua relação com as dimensões de poder e solidariedade, propostas por Brown e Gilman [2003, (1960)]. Os dois séculos foram divididos em 4 períodos de 50 anos, e em cada período, é representado por 3 peças. A pesquisadora analisou as peças, por meio do programa GOLDVARB (2005), controlando dez fatores extralinguísticos como: *períodos de 50 anos, peças de teatro, ambiente, audiência, sexo/gênero, faixa etária, classe social, relações de intimidade, relações familiares e relações de trabalho*, bem como dois fatores linguísticos, a saber: *preenchimento do sujeito e concordância verbal*. A nossa hipótese parte da seguinte premissa: como se espera que, na presença de audiência, as variantes associadas à dimensão de poder – *ustedeo* – devem ser mais frequentes (1); já na ausência de audiência, as variantes associadas à dimensão de solidariedade – *tuteo/voseo* – devem aparecer com maior número de dados (2).

Nas relações referentes à audiência, examinaremos os seguintes fatores:

- a) Ausência de audiência, em que não há uma pessoa no momento da interação entre os personagens;
- b) presença de um indivíduo como audiência, em que há uma pessoa no momento da interação entre os personagens.

(1) (*DELFINA y MERCEDES; luego EDUARDO.*) *DELFINA.* – *Como usted quiera, mamá. (Ademán de irse.)* (SÁNCHEZ, 1905, p. 13).

(2) *EDUARDO.* – *¿Aguardás a papá? Hoy, ¿qué día es?... ¿Jueves?... ¡Carreras en Belgrano!... ¡Espéralo sentada!* (SÁNCHEZ, 1905, p. 2).

Nas relações de intimidade dois fatores foram escolhidos: a) íntimos; b) não íntimos, com três critérios que servem para classificar as relações de intimidade, a saber: (i) os personagens compartilham segredos; (ii) os personagens têm uma amizade antiga e significativa; (iii) os personagens possuem afetos (marido e mulher, namorados,

amantes, apaixonados). Para ser considerados íntimos, é necessário que os personagens atendam dois critérios.

É fato de que a proposta, sustentada por Brown e Gilman (1960), de uma mudança em progresso na forma de tratamento, têm sido evidenciadas em vários estudos variacionistas. Morín, Almeida e Rodrigues (2010) estudaram a variação e mudança no sistema pronominal de tratamento no espanhol das Ilhas Canárias e observaram uma mudança nas relações assimétricas em direção a relações mais simétricas. Esse estudo foi realizado em três âmbitos sociolinguísticos, a saber: *familiar, de trabalho e social ou público*. A amostra compunha-se de 47 informantes estratificados de acordo com o *sexo, idade e nível sociocultural*. A partir dos dados do âmbito *familiar*, Morín, Almeida e Rodríguez (2010) evidenciaram o avanço de *tú* e confirmaram a tese de Brown e Gilman (1960) sobre as mudanças em direção a tratamentos solidários. De acordo com os dados estatísticos, falantes mais velhos, com idade igual ou *acima de 56 anos*, tenderam para a manutenção da forma *usted* (60,7%). Falantes com idades compreendidas entre *36 a 55 anos* tiveram (41,5%) do uso de *usted* e uma mudança de uma prática assimétrica para relações de solidariedade (*usted – tú* → *tú – tú*); mudança essa que ficou ainda mais evidente na faixa etária de *25 a 35 anos*, que teve (31%) do uso de *usted*. No âmbito do *trabalho*, todas as faixas etárias demonstraram uma tendência assimétrica (*usted – tú*) no tratamento direcionado a uma pessoa de status profissional superior. No que se refere a esse contexto situacional, ainda que se destacasse o uso da forma *usted* (91,2% nos mais velhos; 72,6% na faixa etária intermediária e 68,6% nos mais jovens), os autores apontaram para um processo de mudança no qual as relações de poder evoluíam para relações determinadas pela formalidade. Já no âmbito *social*, definido pelos espaços como: zonas comerciais, entidades bancárias, áreas públicas etc, o uso de *usted* não mostrou diferenças significativas entre o status superior e inferior da pessoa a quem se dirigia o informante.

A hipótese relacionada a essa variável é a de que, no período do início do século XX, nas relações entre não íntimos, predomine o uso da variante *usted* associadas à dimensão de poder (1); nas relações entre íntimos deve predominar o uso das variantes correlacionadas à dimensão de solidariedade (2).

(1) REGENTE – *Haydée: **atienda usted** al señor. Hasta que se cierre la casa, **tiene usted** todas las mesas a su cargo.* (SÁNCHEZ, 1907, p. 7).

(2) MERCEDES. – *Sí, sí... regalado... (Pausa.) Decime, Damián... ¿**Quieres?** Si **tienes**, ¿eh? ¿**Quieres** prestarme diez pesos?... ¡Perdóname, pero!...* (SÁNCHEZ, 1905, p. 6).

Para essa categoria, sobre as relações familiares são sugeridas para o controle desse grupo, os seguintes critérios, baseando-se em Brown e Gilman (1960): a) sem parentesco; b) com parentesco; que engloba os subgrupos: (i) entre irmãos, (ii) de mãe/pai para filho(a) e (iii) de filho(a) para pai/mãe.

Relacionado à variável, relações familiares, Pedroviejo Esteruelas (2006) realizou uma enquete com 28 jovens universitários, sendo 60,71% homens e 39,28% mulheres, acerca do sistema de tratamento, com as formas *tú* e *usted*, na cidade de Valladolid. A enquete perguntava que tipo de tratamento nominal e pronominal se dá, em primeiro lugar, aos *familiares* e, em segundo lugar, a pessoas não familiares pertencentes a distintos grupos familiares sociais e de diferentes idades. Ao analisar os resultados da primeira pergunta, obteve o emprego da forma *tú* ao dirigir-se aos pais (96,42%), aos tios (100%), aos avôs (85,71%) e aos sogros (76,47%) e para forma *usted* aos pais (3,58%), aos avôs (14,28%) e aos sogros (23,52%). Assim, pressupomos que os contextos de entre relações descendentes (de pai para filho) e nas relações simétricas (entre irmãos), predomine o uso das variantes *tú* ou *vos* associadas à dimensão de solidariedade e nos contextos de relações sem parentesco e nas relações ascendentes (de filho para pai), predomine o uso da variante *usted*, relacionadas à dimensão de poder.

A expectativa para essa variável é a de que, nas relações descendentes (de pai para filho) e nas relações simétricas (entre irmãos), predomine o uso das variantes *tú* ou *vos* associadas à dimensão de solidariedade (1). Nas relações sem parentesco e nas relações ascendentes (de filho para pai) (2), predomine o uso da variante *usted* relacionadas à dimensão de poder.

(1) MERCEDES. – *Sí, sí... regalado... (Pausa.) Decime, Damián... ¿Quieres? Si tienes, ¿eh? ¿Quieres prestarme diez pesos?... ¡Perdóname, pero!...* (SÁNCHEZ, 1905, p. 6).

(2) HAYDÉE – *¡Jesú! No beba usted eso. Tenemos un jerecillo... un «Tío Pepe» que da calor: **pruébelo usted.** SEÑOR HESPERIDINA – *Bueno, hija; por acompañarte, tomaré ese jerecillo.* (SÁNCHEZ, 1907, p. 4).*

Sobre a variável períodos, Vázquez Laslop (2010), analisou as mudanças no sistema das formas de tratamento usadas sessões parlamentares mexicanas desde o ano de 1862 a 2005. Sendo que, durante o século XIX e boa parte do século XX, o sistema predominante em tais sessões era o *vos(otros)*; e o *usted* pouco a pouco foi sendo introduzido ao sistema correspondendo a dimensão de respeito e distância. Com um total de 135 sessões parlamentaristas de apresentação do informe presidencial de 1862 a 2005, a autora analisou 3240 ocorrências de formas de segunda pessoa, conforme as categorias gramaticais – pronome pessoal, adjetivo possessivo, verbo, clítico e pronome possessivo. Os pronomes pessoais alcançam à maior frequência, correspondendo 1088 casos, sendo 76 de *vos* e 1012 de *usted*; em seguida, adjetivo possessivo com 862 dados, sendo 757 *vos* e 105 *usted*; já categoria verbo com 817 casos, em que 667 eram de *vos* e 150 de *usted*; na categoria clítico 463 dados, com 393 *vos* e 70 *usted*; e por fim, o pronome possessivo com 10 casos – 9 de *vos* e 1 de *usted*. Espera-se que, no primeiro período, as variantes associadas à dimensão de solidariedade – *tuteo/voseo* – devem aparecer com maior número de dados em detrimento as variantes associadas à dimensão de poder – *ustedeo*; já no segundo período, podem seguir o padrão ou o inverso.

Em relação a variável países, Pereira, Coan e Pontes (2016) investigaram a variação linguística diatópica com os pronomes *tú*, *vos* e *usted* em obras teatrais do fim do século XIX e da primeira metade do século XX em quatro países hispano-americanos (...) e, ainda, examinaram, de forma quantitativa por meio do programa GOLDVARB (2005), oito obras teatrais, controlando fatores extralinguísticos, tais como: gênero, relação entre os interlocutores, relação de intimidade entre os interlocutores, bem como fatores linguísticos que envolvem posição do pronome de tratamento em relação ao verbo, concordância verbal (concordância canônica ou

concordância não canônica entre pronome de tratamento e verbo), e tempo e modo dos verbos da concordância verbal (presente do indicativo ou subjuntivo; passado do indicativo ou subjuntivo; futuro do indicativo ou subjuntivo; imperativo). Por fim, obtiveram 507 dados, sendo que 49 dados foram da forma *vos*, 69 dados da forma *tú* e 389 dados da forma *usted*. Relacionada à análise, a variante *vos*, no grupo de fatores, apenas Argentina teve o maior número de ocorrências, com 29/140 (20,7%) e um peso relativo de 0,834, sendo que o Uruguai teve 16/35 (45,7%) das ocorrências e um peso relativo maior que da Argentina, 0,922. Referente à variante *tú*, nota-se que os países com maior possibilidade de uso da forma foram Chile (0,736) e Porto Rico (0,756) de peso relativo, enquanto que no Uruguai (0,075) e Argentina (0,132) indicam uma forte restrição do uso. Por fim, a variante *usted*, verificaram percentuais acima de 50%, dos quais o maior percentual foi para Porto Rico, com 89,6%, seguido pela Argentina, 77,9%. Assim, espera-se que, em relação a esses países, a variante *vos* deve ser mais frequentes na Argentina; enquanto que a variante *tú* deve aparecer com maior número de dados no Uruguai, já a variante *usted* deve ser menos recorrente em ambos os países.

4.3 Dados desconsiderados

Na análise quali quantitativa das formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted*, em nossa pesquisa, serão desconsiderados os seguintes dados com as exemplificações das ocorrências (Oco):

- Pronomes *tú*, *vos* ou *usted* empregados de forma isolada, sem a presença de algum verbo, do qual sejam sujeito;

Oco: MERCEDES. – *¿También vos? ¡Les ha dado fuerte con eso!* (SÁNCHEZ, 1905, p. 4).

- Pronomes *tú*, *vos* ou *usted*, que não estivessem em posição de sujeito da oração.

Oco: TOMÁS. – **(Por foro.)** *Aquí trae el mensajero esta carta para vos.* (SÁNCHEZ, 1905, p. 12).

- Pronomes *tú*, *vos* ou *usted* repetidos, atrelados a um único e mesmo verbo;

Oco: MERCEDES. – (A JORGE.) *¿Vas o no vas?* (SÁNCHEZ, 1905, p. 5).

- *Voseo* misto explícito:

Vos cantas (voseo misto pronominal)

Oco: SEVERO: *[con aparente ingenuidad] Pues a vos te queda muy bien... [Se muerde las uñas.]* (LAFERRÈRE, 1905, p. 16)

Tú cantás (voseo misto verbal)

Oco: MERCEDES. – *Delfina: ¿por qué no te sacás el sombrero? ¡Acompáñenla, muchachas!* (SÁNCHEZ, 1905, p. 6)

4.4 Envelope de variação

4.4.1 Variável dependente

De acordo com Marconi e Lakatos (2011), numa pesquisa, a variável dependente diz respeito ao fenômeno que se deseja explicar e o qual surge como resultado do fator manipulado pelo qual é afetado, ou seja, a variável independente.

Nossa pesquisa expõe como variável dependente a expressão pronominal de segunda pessoa do singular, na posição de sujeito da oração, no espanhol argentino e uruguaio. Esse fenômeno variável apresenta como formas que competem para expressar o mesmo valor referencial/representacional – Labov (1978) – as variantes *tú* e *vos*, forma padrão em situações de informalidade; e *usted*, forma padrão em situações de formalidade. De acordo com pesquisas, essa forma, nas variedades analisadas, também, tem sido usada em situações mais coloquiais, como, por exemplo, no contexto familiar, conforme vimos no referencial teórico sobre as formas de tratamento. Desse modo, as variantes estabelecidas são:

- a) *tú* explícito/implícito
- b) *vos* explícito/implícito
- c) *usted* explícito/implícito

A análise das variantes *tú/vos/usted* será feita, considerando as ocorrências *explícitas* e *implícitas* dessas variantes. Naquelas, a forma pronominal aparece acompanhada de uma forma verbal como podemos observar na ocorrência (1). Por outro lado, consideramos os trechos de fala em que não aparecem explicitamente essas variantes, mas elas estão marcadas através de seus paradigmas verbais e pronominais conforme ocorrência (2).

(1) MERCEDES. – *Tú, Delfina, estarás contenta con la vuelta a Buenos Aires.* (SÁNCHEZ, 1905, p. 6).

(2) ENRIQUE: [*con ironía*] Además, ¿**no tenés** ya las opiniones entusiastas de esos... personajes? [*Señala hacia el foro.*] ¡Me parece que es bastante! (LAFERRÈRE, 1905, p. 8)

4.4.2 Variáveis independentes

Conforme mencionado, a variável independente constitui o elemento manipulado na pesquisa e o qual condiciona o aparecimento do fenômeno observado. Sabemos que qualquer fenômeno de variação pode ser operado por mecanismos tanto internos e externos à língua. Portanto, pelos motivos expressos em seção anterior, trabalharemos, nessa pesquisa, sobre os condicionadores extralinguísticos de ordem social e estilística. A seguir, elencamos alguns dos fatores que podem exercer influência no uso de *tú*, *vos* ou *usted*, nas variedades hispânicas com as quais trabalhamos.

Defendemos que a variação entre as formas *tú*, *vos* e *usted* está condicionada pelos seguintes fator condicionador social: classe social; pelos condicionadores estilísticos: audiência, as relações de intimidade, as relações familiares e períodos e países e pelo condicionador linguístico: plano discursivo.

4.5 Fator de ordem funcional: planos da narrativa e o princípio de marcação

Ao examinarmos o uso das formas de tratamento, nas narrativas das peças de teatro, julgamos pertinente analisar, pelo viés funcional, o contexto prototípico de uso de cada uma das formas sob análise, em relação à organização das informações em uma narrativa e à forma como o falante apresenta a informação, ou seja, se ele seleciona uma forma menos marcada (*tú* ou *vos*) ou uma forma mais marcada (*usted*), a depender do plano da narrativa.

No tocante aos planos da narrativa, de acordo com Pontes (2012), podemos mencionar a figura, que diz respeito à informação tida como essencial e, geralmente, remete ao desenvolvimento do histórico, com a apresentação cronológica dos fatos que a constituem. Por outro lado, o plano discursivo de fundo se refere ao que é considerado como acessório na narração.

Para a análise das formas de tratamento, além do princípio funcional de marcação (exposto no referencial teórico), tomamos como base os graus de figuridade propostos Chedier (2007, p.49 e 50):

(i) Figura: apresenta sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos; quanto à codificação morfossintática, a figura contém orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas;

Oco: (1) *LA TIGRA – Cualquier cosa. Lo cierto es que tiene que mantener a sus hijos y viene aquí a ganarse un peso y una silbatina por noche. Tú has visto a los muchachos. Se quedan hasta la última parte, sólo para armarle un bochinche al pobre infeliz.* (SÁNCHEZ, 1907, p. 2) – é uma figura, por ter forma verbal perfectiva.

(ii) Fundo 1: apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresenta ou resume o que vai ser relatado; apresenta o cenário e os participantes; e apresenta a fala dos personagens. Também, pode-se encontrar cláusulas-fundo que especificam o modo, ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);

Oco: (1) *LA TIGRA* – (*Acercándose a HAYDÉE, rápidamente.*) *¡Ah, no! No te has de lucir a mi costa. Sal de ahí. Acaba de emborracharte, que mañana te entenderás conmigo. Mañana, ¿me oyes? (Oprimiéndole el brazo violentamente.) ¡Mañana!... ¡Inmundicia!...* (SÁNCHEZ, 1907, p. 7) – é fundo 1, por encontrar cláusulas-fundo que especificam o tempo.

(iii) Fundo 2: contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas); pode conter também cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor, apresentam opiniões, dúvidas, conclusões.

Oco: (1) *VIGILANTE* – *¡Hum! Está bueno. Seguí no más. Pero andá con mucho ojo en mi parada, sino **querés** que te retiren el paso.* (SÁNCHEZ, 1907, p. 10) – é fundo 2, por expressar inferências, apontando adversidade.

Para esse grupo de fatores, a nossa hipótese, com base nos estudos de Givón (1995), é a de que as formas de tratamento mais informais e, portanto, menos complexas estruturalmente e cognitivamente (*vos* e *tú* – estruturas menos marcadas) tendem a aparecer em contextos menos complexo cognitivamente, ou seja, na figura e no fundo 01, o qual o contexto não é marcado em relação ao fundo 02, visto as informações fluem mais facilmente na progressão da narrativa, em termos de tempo de processamento cognitivo.

4.6 Súmula do capítulo

Nessa seção, apresentamos o conjunto de procedimentos metodológicos que nortearam o nosso fazer científico. Inicialmente, especificamos a natureza da pesquisa, apresentamos o método de abordagem, os objetivos, os procedimentos técnicos, a amostra (peças teatrais) e o universo da pesquisa. Igualmente, explicitamos como se deu

a coleta de dados, os dados desconsiderados e caracterizamos o envelope de variação, expondo, desse modo, a variável dependente e o conjunto de grupos de fatores que acreditamos influenciar na alternância do uso de *tú*, *vos* e *usted* nas peças teatrais no início do século XX, em obras uruguaias e argentinas. Finalmente, escrevemos sobre o fator de ordem funcional: planos da narrativa e o princípio de marcação.

No capítulo a seguir, daremos início à análise dos dados, obtidos pela contagem das formas de tratamento nas peças argentinas e uruguaias, e às discussões provindas dos resultados. A partir da análise qualiquantitativa, oportunizada pelos dados adquiridos, analisaremos as 5 primeiras categorias na Argentina e no Uruguai e, em seguida, contrastamos as 7 categorias como forma de resumo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesse capítulo, realizaremos a análise qualiquantitativa das variáveis extralinguísticas e linguística selecionadas e discussão dos resultados sobre as formas pronominais de tratamento *tú*, *vos* e *usted*, na função de sujeito da oração, oriundas do *corpus* peças teatrais descritas no capítulo anterior. Após um breve resgate sobre a amostra analisada, procederemos à apresentação do número de ocorrências obtidas nas obras teatrais selecionadas, por meio de tabelas, da hipótese e dos resultados encontrados.

Vale ressaltar que cinco grupos de fatores, tais como: classe social, audiência, relações familiares, relações de intimidade e plano discursivo, foram analisadas em ambas as variedades. Por outro lado, os outros dois, períodos e países, serão exploradas na parte de contraste entre os países, juntamente com os outros grupos de fatores abordados na primeira parte da análise. Em seguida, quantificamos e por fim, determinamos as porcentagens para a análise qualitativa.

5.1 Amostra e quantitativo de ocorrências no Uruguai

Considerando que as formas de tratamento pronominais para segunda pessoa do singular *tú*, *vos* e *usted* encontram-se em variação, conforme o conceito de regra variável proposto por Labov (1978), apresenta-se, nessa seção, a distribuição em termos de proporção dos grupos de fatores sociais, estilísticos e funcionais, no uso das variantes estudadas.

Apresentaremos a seguir a tabela com os números totais de ocorrências de *tú*, *vos* e *usted*, encontrados na amostra uruguaia.

Tabela 1: Número total de ocorrências das formas de tratamento no Uruguai

Variante	Oco/Total	Freq
<i>Tú</i>	431/576	74,83%
<i>Vos</i>	92/576	15,97%
<i>Usted</i>	53/576	9,20%
<i>Total</i>	576	

Fonte: Elaboração própria

A forma com maior incidência de casos foi a variante *tú*, com 431, totalizando 74,83%, mostrando forte influência dos autores com o uso das formas, já que são do século XIX, período em que o uso do *tuteo* era a forma de prestígio e somente no final do século, que a forma *voseante* se instala.

Segundo Mendoza (2005), a forma mais utilizada na capital é o *voseo* e nas obras analisadas houve uma menor ocorrência de dados. Por outro lado, na região ultraserrana ocorreu o uso exclusivo da variante *tú*.

A seguir, expomos ocorrências de cada uma das formas de tratamento analisadas:

Oco: (1) CARMEN: ***Tú no me quieres***, Alfredo. *Tu amor es demasiado egoísta para ser verdad. Si me quisieras como dices, no desearías mi perdición.* (HERRERA, 1913, p. 40)

Oco: (2) JORGE: *No, mujer. No es reproche... (Viendo entrar a EDUARDO por segunda izquierda.) ¿Ya estás vos con tu mate? ¿No te lo han prohibido?* (SÁNCHEZ, 1905, p. 4)

Oco: (3) HESPERIDINA: ***Vaya usted***; *vaya usted no más. Lo que siento es no tener flores para tirarle ¡Ah! no se olvide de cantar aquellos versitos del reloj que marca bien la hora, ¿eh?* (SÁNCHEZ, 1907, p.5)

5.1.1 Grupos de fatores sociais

Os fatores sociais, conforme Labov (1978) reúnem categorias de identificação do falante, tais como: sexo, faixa etária, grau de escolaridade, classe social, profissão, entre outras. A seguir, iremos analisar duas categorias citadas acima: sexo e classe social.

Assim, a variação entre as formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted* no espanhol uruguaio deve estar associada a fatores extralinguísticos como: as variáveis sociais a) *classe social* (*classe baixa – classe alta, classe alta – classe baixa, classe baixa – classe*

baixa e classe alta – classe alta) atuam como condicionadores do fenômeno variável em questão.

Vale ressaltar, que os autores selecionados procedem de diversa extração social —Sánchez (classe baixa) e Laferrère (classe alta) — e refletem em suas obras distintos níveis sociais. (Fontanella de Weinberg, 1970)

4.1.1.1 Classe social

Nossa previsão para esse grupo de fator fundamenta-se na constatação de Labov (1972, 1978), que atribui na medida que a posição social do falante muda, o seu comportamento linguístico também muda. Nesse sentido, o estudo da variação social oferece comprovação empírica para resolver análises estruturais alternativas no nível funcional, já que o tratamento quantitativo dado às variantes linguísticas permite estudar detalhadamente mudanças em progresso. Dessa forma, a interação social tem um papel fundamental no processo de mudança.

A tabela a seguir traz os resultados que obtivemos:

Tabela 2: Distribuição das formas de tratamento da variável classes sociais em textos teatrais uruguaios.

Classes	Classe alta		Classe baixa	
	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	352/462	76,19%	71/114	62,28%
<i>Vos</i>	76/462	16,45%	19/114	16,67%
<i>Usted</i>	34/462	7,36%	24/114	21,05%
<i>Total</i>	462		114	

Fonte: Elaboração própria

Retomamos, a seguir, a nossa hipótese relativa à variável classe social:

Esperamos, no controle dessa variável e no período do início do século XX, que nas relações ascendentes, predomine o uso das variantes associadas à dimensão de poder; nas relações descendentes e

simétricas deve predominar o uso das variantes correlacionadas à dimensão de solidariedade.

Dessa forma, analisando as 462 ocorrências produzidas por personagens da classe alta, 352 (76,19%) foram de *tú*, 76 (16,45%) foram de *vos* e 34 (7,36%) foram de *usted*, indicando o uso da variante conservadora na sociedade da época, com aceitação da forma, frente ao *vos*, sendo uma porcentagem maior. No entanto, comparando a quantidade de usos, o *tuteo* possui mais ocorrências, forma de prestígio. O mesmo fato ocorreu com as classes sociais baixas, indicando uma aceitação da variante conservadora, nessa comunidade de fala, conforme Carricaburo (1997), pois das 114 ocorrências produzidas pela classe baixa, 71 (62,28%) foram de *tú*, 19 (16,66%) foram de *vos* e 24 (21%) foram de *usted*. O pronome *tú* é o preferido por todas as classes, mas a classe mais baixa apresenta um comportamento peculiar no que diz respeito ao uso de *usted*, a segunda forma mais utilizada por esse estrato social.

No caso da variante *usted*, nas classes baixas o seu uso foi predominante nas relações de poder ou respeito entre os profissionais e clientes, como podemos verificar nas ocorrências (3) e (4):

Oco (3): HAYDÉE – ¡Jesú! **No beba usted** eso. Tenemos un jerecillo... un «Tío Pepe» que da calor: **pruébelo usted**.

SEÑOR HESPERIDINA – Bueno, hija; por acompañarte, tomaré ese jerecillo. (SÁNCHEZ, 1907, p.4)

Oco (4): REGENTE – Se va a cerrar el establecimiento. ¡A la calle!... ¡A la calle o llamo a la policía! ¡Vamos saliendo! (La patota hace mutis, haciéndose pasada algunas burlas a LUIS. A LUIS.) **Usted también**.

LUIS – Ya me voy. ¿Cuánto es, Tigra? (SÁNCHEZ, 1907, p.9)

No tocante a esse grupo de fatores, Acevedo (2011) estudou as formas de tratamento – *tú*, *vos* e *usted* – mais empregadas entre os jovens de 15 e 25 anos, na capital da Guatemala, visando os distintos estratos sociais, as interações interpessoais e o uso da cortesia verbal por parte de seu interlocutor. Na análise, o caso de *usted* denota distância e respeito entre os interlocutores, com o fim de projetar uma imagem dentro de

uma determinada construção social e o caso de *tú*, que denota solidariedade. Se atrelarmos aos nossos resultados, podemos inferir que o uso predominante de *usted*, nas classes mais baixas, principalmente entre profissionais de cliente, pode configurar uma relação assimétrica de distanciamento e, também, de respeito.

Por outra parte, o uso predominante de *tú*, nas classes altas, poderia ser explicado, em termos de solidariedade, conforme Brown e Gilman (1960), posto que as relações seriam simétricas, com pessoas de uma mesma classe social e sem a necessidade de marcar distanciamento, ou, ainda, diferenciação, no uso da forma de tratamento.

4.1.2 Grupos de fatores estilísticos

Brown e Gilman (1960) foram os pioneiros em indicar o valor dos indícios de um provável universo estilístico, para as formas de tratamento, com a distinção T – V.

Esses pronomes possuem uma associação com duas dimensões, de poder e solidariedade. A relação de poder não é recíproca, no sentido em que duas pessoas não têm o poder uma sobre a outra, em uma mesma área do comportamento. Assim, há uma relação assimétrica descendente, quando um executivo se dirige ao empregado utilizando o pronome *tú* ou *vos* e o empregado *usted* ou ascendente, quando um filho utiliza *usted* para falar com seu pai, enquanto o pai *tú* ou *vos*.

Já a relação de solidariedade é uma relação simétrica e se manifesta entre iguais, como por exemplo: ao frequentar a mesma escola, entre pais ou na mesma profissão, como, por exemplo, quando dois irmãos ou amigos utilizam o *tuteo* ou *voseo* para comunicar-se.

Alguns fatores de ordem estilística, a saber; c) *audiência* (*ausência de audiência, presença de um indivíduo como audiência*), d) *relações de intimidade* (*íntimo e não íntimo*), e) *relações familiares* (*entre irmãos, pai/mãe – filhos e filhos – pai/mãe*) determinam a variação entre as variantes *tú*, *vos* e *usted* no espanhol escrito rio-platense.

4.1.2.1 Audiência

Nossa previsão para esse grupo de fator fundamenta-se na constatação de Brown e Gilman (1960), com as relações de poder e solidariedade e Labov (1966) que todo falante mostrará alguma variação nas regras fonológicas e sintáticas, de acordo com o contexto imediato no qual está falando. Nós podemos demonstrar que tais trocas estilísticas são determinadas: (a) pelas relações do falante, interlocutor, e audiência, e particularmente as relações de poder ou solidariedade entre eles; (b) pelo contexto social mais amplo ou “domínio”: escola, trabalho, casa, vizinhança, igreja; (c) pelo tópico.

A tabela a seguir traz os resultados que obtivemos:

Tabela 3: Distribuição das formas de tratamento da variável audiência em textos teatrais uruguaios.

Audiência	Com audiência		Sem audiência	
	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	200/307	65,15%	224/275	81,46%
<i>Vos</i>	77/307	25,08%	20/275	7,27%
<i>Usted</i>	30/307	9,77%	31/275	11,27%
<i>Total</i>	307		275	

Fonte: Elaboração própria

Retomamos, a seguir, a nossa hipótese relativa à variável Audiência:

A presença de audiência é aqui interpretada como um fator de observação. Acreditamos que, na presença de audiência, as variantes associadas à dimensão de poder – *ustedeo* – devem ser mais frequentes; já na ausência de audiência, as variantes associadas à dimensão de solidariedade – *tuteo/voseo* – devem apresentar maior número de dados.

A ocorrência da variante *tú*, nos casos com audiência tem um percentual de 65,15%, refutando parte da nossa hipótese, pois acreditávamos que, na presença de audiência, ocorreria a dimensão de poder. Não obstante, ocorreu o uso de maior frequência das variantes *tú* e *vos* (200 e 77 casos); e apenas 30 ocorrências de *usted*

(9,77%). Referente à categoria sem audiência, a outra parte da nossa hipótese foi confirmada, pois a variante *tú* com 224 (81,46%) dos casos indica a dimensão de solidariedade. Vale ressaltar que a variante *usted* teve praticamente a mesma quantidade de ocorrências em ambas as categorias, demonstrando que essa forma está tendo uma redução de seu uso.

Nunes de Souza (2011), por sua vez, em sua pesquisa de mestrado, identificou as formas de tratamento do português utilizadas em 12 obras de teatro florianopolitanas dos séculos XIX e XX e sua relação com as dimensões de poder e solidariedade, propostas por Brown e Gilman (1960), observou que é possível se perceber que há uma preferência pelo uso da forma de tratamento *tu* quando não há outros personagens, além daqueles que compõem a díade, presentes no momento da interação. Esse pronome foi preferido em 133 das 204 ocorrências em que não havia audiência presente. A análise que se pode fazer a partir desses dados e das direções apontadas pelos demais grupos de fatores é de que a presença de audiência influencia o nível de formalidade da situação comunicativa.

Em nosso caso, apesar de a presença da audiência favorecer o uso da forma *usted*, houve o predomínio das formas *tú* e *vos*, o que pode indicar a expansão do uso de *tú* e *vos* no Uruguai, inclusive para contextos comunicativos mais formais, com a presença da audiência. Essa inferência se deve ao fato de encontrarmos uma maior frequência de uso dessas formas tanto em contexto formais (com a presença da audiência) quanto em contexto considerados mais informais (com a ausência da audiência).

4.1.2.2 *Relações de intimidade*

Nossa previsão para esse grupo de fator fundamenta-se na constatação de Brown e Gilman (1960), com as relações de poder e solidariedade. Para além disso, Ramos (1989) e Lucca (2007) haviam demonstrado que o controle da variável ‘relações de intimidade’ rende resultados interessantes: os informantes florianopolitanos de Ramos (1989), por exemplo, associaram a forma *tu* ao tratamento entre íntimos, já a forma *você* ao tratamento entre “distantes”; do mesmo modo, os informantes

brasilienses de Lucca (2007) apresentaram maior tendência a usar o pronome tu, quando tinham um menor distanciamento entre si.

A tabela a seguir traz os resultados que obtivemos:

Tabela 4: Distribuição das formas de tratamento da variável relações de intimidade em textos teatrais uruguaios.

Intimidade	Íntimos		Não íntimos	
	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	321/382	84,03%	5/26	19,23%
<i>Vos</i>	27/382	7,07%	2/26	7,69%
<i>Usted</i>	34/382	8,90%	19/26	73,08%
<i>Total</i>	382		26	

Fonte: Elaboração própria

Retomamos, a seguir, a nossa hipótese relativa à variável relações de intimidade:

A hipótese relacionada a essa variável é a de que, no período do início do século XX, nas relações entre não íntimos, predomine o uso da variante *usted* associadas à dimensão de poder; nas relações entre íntimos deve predominar o uso das variantes (*tú* e *vos*) correlacionadas à dimensão de solidariedade.

A ocorrência da variante *tú* com 321 ocorrência (84,03%) para a categoria íntimos corrobora com a nossa hipótese relacionada, ou seja, a de que essas formas podem estar correlacionadas à relação de intimidade, conforme Brown e Gilman (1960). Por outro lado, no caso de *usted*, o uso dessa variante foi predominante nas relações não íntimas com 19 casos (73,08%), indicando que a forma mais usada, nesses casos, é a forma de poder e respeito. Também, podemos observar que, nas obras analisadas, os personagens em sua maioria possuíam intimidade entre si, comprovada pelas 382 ocorrências frente a 26 (sem intimidade).

Morín, Almeida e Rodríguez (2010), em seu estudo realizado em três âmbitos sociolinguísticos, a saber: *familiar, de trabalho e social ou público* e a amostra

compunha-se de 47 informantes estratificados de acordo com o *sexo, idade e nível sociocultural*. A partir dos dados do âmbito *familiar*, os autores evidenciaram o avanço de *tú* e confirmaram a tese de Brown e Gilman (1960) sobre as mudanças em direção a tratamentos solidários. O que poderia explicar o fato de termos encontrado, em nossa pesquisa, maiores percentuais de uso para as formas de solidariedade, a saber: *tú* e *vos*.

Ao retomarmos estudos sobre as formas de tratamento no Uruguai, podemos ancorar nossos resultados, também, nos estudos de Fontanella de Weinberg (1999). De acordo com a autora, o sistema pronominal de tratamento se distribui por níveis de formalidade, em que o pronome “*vos*” é utilizado entre interlocutores íntimos, o pronome “*tú*” em contextos de confiança, e o pronome “*usted*” em contextos formais, embora, tanto o *vos* quanto o *tú* possam ser acompanhados por formas verbais voseantes (*vos cantás; tú cantás*) monotongadas.

4.1.2.3 Relações familiares

Nossa previsão para esse grupo de fator fundamenta-se na constatação de Brown e Gilman (1960), com as relações de poder e solidariedade.

A tabela a seguir traz os resultados que obtivemos:

Tabela 5: Distribuição das formas de tratamento da variável relações familiares em textos teatrais uruguaios.

Familiares	Entre irmãos		Pai/mãe – filhos		Filhos – pai/mãe	
	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	64/96	66,67%	122/131	93,13%	42/82	51,22%
<i>Vos</i>	31/96	32,29%	9/131	6,87%	24/82	29,27%
<i>Usted</i>	1/96	1,04%	0/131		16/82	19,51%
<i>Total</i>	96		131		82	

Fonte: Elaboração própria

Retomamos, a seguir, a nossa hipótese relativa à variável Relações familiares:

Pressupomos que os contextos de entre relações descendentes (de pai para filho) e nas relações simétricas (entre irmãos), predomine o uso das variantes *tú* ou *vos* associadas à dimensão de solidariedade e nos contextos de relações sem parentesco e nas relações ascendentes (de filho para pai), predomine o uso da variante *usted*, relacionadas à dimensão de poder.

A ocorrência da variante *tú* foi predominante nas três categorias com percentuais de 66,67% para entre irmãos, indicando que nossa hipótese estava correta quanto à relação de solidariedade; e 93,13% para a categoria pai/mãe – filhos e 51,22% filhos – pai/mãe, pontuando nesse caso, refutação da nossa hipótese, pois acreditávamos que nesses contextos, ocorreria a relação de poder, demonstrando que as relações entre pais e filhos estão em processo de mudança, já que ainda tivemos ocorrências da variante *usted* com 16 casos totalizando 19,51%. Não obstante, predominou o uso da relação de solidariedade.

No que toca aos usos dessas formas na hispano-américa, segundo Calderón Campos (2010, p.233), o *tuteo* é utilizado quando há uma situação de solidariedade, confiança ou intimidade entre os interlocutores, aspectos presentes em relações de amizade. Porém, esse mesmo autor destaca que a escolha do uso das formas *tú*, *vos* ou *usted*, também, pode estar relacionada com o desejo, a conveniência ou a obrigação do falante em marcar mais ou menos distância com seu interlocutor, o que poderia explicar o baixo índice de frequência de uso da forma *usted*, ou seja, provalmente, no contexto familiar, predominou uma maior proximidade entre os membros da família, inclusive, nas relações assimétrica, que demandaria uma relação de poder em lugar de solidariedade.

O estudo de Pedroviejo Esteruelas (2006) corrobora o nosso resultado em relação à dimensão de solidariedade. Este pesquisador realizou uma enquete com 28 jovens universitários, sendo 60,71% homens e 39,28% mulheres, acerca do sistema de tratamento, com as formas *tú* e *usted*, na cidade de Valladolid. A enquete perguntava que tipo de tratamento nominal e pronominal se dá, em primeiro lugar, aos *familiares* e, em segundo lugar, a pessoas não familiares pertencentes a distintos grupos familiares sociais e de diferentes idades. Ao analisar os resultados da primeira pergunta, obteve o emprego da forma *tú* ao dirigir-se aos pais (96,42%), aos tios (100%), aos avós

(85,71%) e aos sogros (76,47%) e para forma *usted* aos pais (3,58%), aos avôs (14,28%) e aos sogros (23,52%).

Outro estudo que se correlaciona com os nossos resultados, para as formas de solidariedade, foi realizado por Pereira, Coan e Pontes (2016). Eles investigaram a variação linguística diatópica nos usos dos pronomes *tú*, *vos* e *usted* em peças teatrais do final do século XIX e primeira metade do século XX em quatro países hispano-americanos. Para os autores, em relação ao uso do pronome *tú*, verifica-se maior probabilidade em interações entre casais (0.889) e entre irmãos(ãs) ou familiares (0.879), em comparação à menor possibilidade de uso nas relações entre pais/mães e filhos(as) ou avôs(ós) e netos(as), que apresentou o peso relativo 0.521, indicando uma leve neutralidade, e nas relações entre amigos ou conhecidos, que apresentou caráter restritivo, devido ao seu peso relativo de 0.367.

Para o uso de *vos*, os autores asseveram que há maior probabilidade de uso da variante *vos* nas interações entre casais (0.976), entre irmãos(ãs) ou familiares (0.859) e entre amigos ou conhecidos (0.548), esse último apresentando um caráter mais neutro sobre o uso dessa variante. Também, observaram que há menor possibilidade de uso dessa variante nas interações entre pais/mães e filhos(as) e avôs(ós) e netos(as), tendo em vista seu peso relativo de 0.419.

4.2.3 Grupos de fatores linguísticos

Segundo Coelho (2010), os fatores linguísticos condicionam o uso mais ou menos frequente da nova forma (ou do novo traço) na língua, isto é, das forças estruturais da língua.

Nessa subseção, focaremos na análise dos contextos prototípicos de uso das formas sob análise, considerando-se o princípio funcional de Marcação e o relevo discursivo (figura, fundo 1 e fundo 2).

4.2.3.1 Plano discursivo

Para esse grupo de fato, objetivamos analisar, pelo viés do princípio funcional da marcação, os contextos prototípicos de uso das formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted*, ou seja, quando figuram, na narrativa das peças de teatro, como fato central (figura) e como informação periférica (fundo 1 e 2), considerando-se a proposta de Chedier (2007) para o relevo discursivo.

A tabela a seguir traz os resultados que obtivemos:

Tabela 6: Distribuição das formas de tratamento da variável plano discursivo em textos teatrais uruguaios.

Plano discursivo	Figura		Fundo 1		Fundo 2	
	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	68/103	66,02%	3/3	100%	6/7	85,71%
<i>Vos</i>	16/103	15,53%	0/3	-	1/7	14,29%
<i>Usted</i>	19/103	18,45%	0/3	-	0/7	-
<i>Total</i>	103		3		7	

Fonte: Elaboração própria

A título de ilustração, vejamos algumas ocorrências de usos dessas formas de tratamento, para cada plano discursivo:

(i) Figura

Oco: (1) HAYDÉE – ¡**Hablás** por mí, che? (SÁNCHEZ, 1907, p.4)

Oco: (2) HAYDÉE – ¡Jesú! **No beba usted eso**. Tenemos un jerecillo... un «Tío Pepe» que da calor: pruébelo usted. (SÁNCHEZ, 1907, p.4)

(ii) Fundo 1

Oco: (1) LA TIGRA – ¿Y qué quieres que haga? ¿Meterme de monja? Cada uno en su oficio. **Tú, albañil, no te vas a poner de relojero, cuando los achaques no te permitan trepar al andamio**. (SÁNCHEZ, 1907, p.3) – indicando oração de tempo.

(iii) Fundo 2

Oco: (1) *LA TIGRA* – ¡Inocente! ¿Lo piensas realmente, o hablan los celos? ¿Crees que a esta altura de mi vida, y con todo lo que he vivido, haya hombre capaz de hacerme cometer zonceras? (SÁNCHEZ, 1907, p.3)

Oco: (2) *LA TIGRA* – Ya te lo he dicho, hijito... Si no **quieres** de mi más que eso, **quedas** en libertad de no volver, o de cambiar de mesa. Lo sentiría mucho, porque te he tomado cariño, y me gusta conversar contigo, pero te repito que entre los dos no habrá más que amistad, mucha, mucha amistad. Toda la que tú quieras. (SÁNCHEZ, 1907, p.4)

Retomamos, a seguir, a nossa hipótese relativa à variável Plano discursivo:

Acreditamos que, com base nos estudos de Givón (1995), as formas de tratamento mais informais e, portanto, menos complexas estruturalmente e cognitivamente (*vos* e *tú* – estruturas menos marcadas) tendem a aparecer em contextos menos complexo cognitivamente, ou seja, na figura e no fundo 01, o qual é o contexto não é marcado em relação ao fundo 02, visto que as informações fluem mais facilmente na progressão da narrativa, em termos de tempo de processamento cognitivo.

Relacionando os resultados obtidos com a nossa hipótese, observamos que ela foi confirmada parcialmente. Por um lado, conforme esperávamos, os pronomes de tratamento *tú* e *vos* aparecem significativamente com 66,02% e 15,53% respectivamente para figura, indicando que as variantes menos marcadas foram mais frequentes no contexto de figura (menos marcado), conforme o princípio funcional de marcação de Givón (1995, 2001).

Por outro lado, no contexto do plano discursivo fundo 01, obtivemos apenas 03 ocorrências, o que contempla parcialmente a nossa hipótese inicial. No entanto, é importante ponderarmos que, nesse contexto, considerado também menos marcado, encontramos apenas ocorrências de uma das formas de tratamento menos marcada, ou

seja, esse resultado está de acordo com o princípio funcional de marcação apesar de não haver dados da outra forma de tratamento menos marcada (*vos*).

Referente à variante *usted*, essa apareceu somente no plano discursivo figura, com 19 casos, expressando 18,45%. A partir desse resultado, podemos verificar que a nossa hipótese não foi atendida, no que tange ao contexto prototípico da forma de tratamento *usted*, visto que hipotetizamos que a sua ocorrência, predominantemente, dar-se-ia no plano discursivo fundo 2.

Essa forma, considerada inicialmente por nós como mais marcada estruturalmente e cognitivamente, nos termos do princípio funcional da marcação de Givón (1995, 2001), por ser, geralmente, mais formal e complexa, apareceu apenas no contexto menos marcado, ou seja, no plano discursivo figura. Assim, seu uso foi predominante na progressão da narrativa das peças de teatro analisadas.

Por outro lado, julgamos pertinente refletirmos, pelo viés funcional da interação verbal, até que ponto a forma de tratamento *usted* é mais formal, no contexto social uruguaio do século XX, se considerarmos a existência de outras opções de formas de tratamento mais formais a disposição do falante uruguaio, tais como: *señor*, *señora*, etc.

Campos e Rodrigues-Moura (1998), ainda, chamam a atenção para o avanço das convenções sociais e flexibilização do uso das formas de tratamento hispânicas, tornando-se difícil saber quando temos que ser formais ou informais. Essa complexidade, também, é enfrentada pelos autores das peças de teatro analisadas.

Ademais, apesar de o uso de *usted*, para Carricaburo (1997), ser registrado em contextos de formalidade e poder. De acordo com a autora, ao tratar do espanhol americano, é possível registrar o uso de *usted* solidário e informal, quando empregado entre iguais que desejam manter distância ou que pesem diferentes variantes como maior idade de um ou maior prestígio social de outro, ou até mesmo a marcação da distância psicológica ou afetiva quando um pai deseja repreender seu filho e, para isso, utiliza a forma *usted*. Assim, podemos encontrar essa forma em contextos menos formais e de intimidade, ou seja, em contextos menos marcados.

4.2 Amostra e quantitativo de ocorrências na Argentina

Considerando que as formas de tratamento pronominais para segunda pessoa do singular *tú*, *vos* e *usted* encontram-se em variação, conforme o conceito de regra variável proposto por Labov (1978), apresenta-se, nessa seção, a influência dos grupos de fatores sociais, estilísticos e funcionais no uso das variantes estudadas.

Exporemos a seguir a tabela com os números totais de ocorrências de *tú*, *vos* e *usted*, encontrados na amostra argentina.

Tabela 7: Número total de ocorrências das formas de tratamento na Argentina

Variante	Oco/Total	Freq.
<i>Tú</i>	216/771	28,02%
<i>Vos</i>	340/771	44,10%
<i>Usted</i>	215/771	27,89%
<i>Total</i>	771	

Fonte: Elaboração própria

A forma predominante na Argentina foi o *voseo*, com 340 ocorrências, (44,10%), demonstrando que a forma de prestígio, utilizada no cotidiano, prevaleceu também, nas obras literárias.

Já as variantes *tú* e *usted* praticamente obtiveram a mesma quantidade de ocorrências com 28,02% e 27,89%. Sobre o *tuteo*, Carricaburo (1997) o chama de *tú ficcional* e está relacionado com a ficção. E o *ustedeo* é usado em relações de poder (formalidade).

A seguir, ocorrências de cada uma das formas de tratamento analisada:

Oco: (1) *SAVERIO (exaltándose). - Simona, no despotriques. ¿Sabes lo que dicen los norteamericanos? (Vocaliza escrupulosamente.) "Give him a chance".¹¹ ¿Sabes tú lo que significa "Give him a chance"? (SIMONA guarda silencio.) Lo ignoras, ¿no? [...]* (ARLT, 1936, p.19)

Oco: (2) *SOFIA: [a PEPE] ¡Es que también vos tenés un genio tan vivo!... ¡Por cualquier cosa te enojás! [A ENRIQUE]. Cuando no es con Arturo es con Elena, ¡y*

¹¹ Del inglés: Dadle -o denle- una oportunidad. (Nota da peça teatral)

hasta con Tito! Y la que paga el pato soy yo, que tengo que soportar estos disgustos.
(LAFERRÈRE, 1905, p.11)

Oco: (3) *DOÑA MARÍA: (Alarmada.) ¡No hará usted eso! ¡No puede ser!... ¡Sería una mala acción de s parte!... (Gritando.) ¡Carmen!... ¡Carmen!...* (LAFERRÈRE, 1908, p.10)

4.2.1 Grupos de fatores sociais

Os fatores sociais condicionantes, conforme Labov (1978) reúnem categorias de identificação do falante, tais como faixa etária, escolaridade, sexo, nível socioeconômico e formalidade ou informalidade do falante, entre outras. A seguir, iremos analisar duas categorias citadas acima: sexo e classe social.

Assim, a variação entre as formas de tratamento *tú, vos e usted* no espanhol argentino deve estar associada a fatores extralinguísticos como: as variáveis sociais a) *classe social (classe baixa – classe alta, classe alta – classe baixa, classe baixa – classe baixa e classe alta – classe alta)* atuam como condicionadores do fenômeno variável em questão.

4.2.1.1 Classes sociais

Nossa previsão para esse grupo de fator fundamenta-se na constatação de Labov (1982), ou seja, que em um cenário, no qual os falantes das classes mais altas e de maior nível de escolaridade exibem proporcionalmente uma maior frequência de uso das formas de prestígio do que o falantes da classe média. Esses, por sua vez, apresentam uma maior frequência do que os da classe baixa, o que apontaria para uma situação de variação estável; enquanto que os processos de mudança tendem a ser liderados pelos indivíduos mais integrados da classe média baixa e/ou das seções mais elevadas da classe operária.

A tabela a seguir traz os resultados que obtivemos:

Tabela 8: Distribuição das formas de tratamento da variável classes sociais em textos teatrais argentinos.

Classes	Classe alta		Classe baixa	
	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	160/442	36,20%	56/314	17,83%
<i>Vos</i>	205/442	46,38%	121/314	38,54%
<i>Usted</i>	77/442	17,42%	137/314	43,63%
<i>Total</i>	442		314	

Fonte: Elaboração própria

Retomamos, a seguir, a nossa hipótese relativa à variável classe social:

Esperamos, no controle dessa variável e no período do início do século XX, que nas relações ascendentes, predomine o uso das variantes associadas à dimensão de poder; nas relações descendentes e simétricas deve predominar o uso das variantes correlacionadas à dimensão de solidariedade.

Em relação à categoria classe social alta, observamos o uso da forma *vos* (205 ocorrências), com maior incidência dos casos com 46,38%, confirmando a nossa hipótese, ou seja, a de que, nas relações descendentes e simétricas, predomina o uso das variantes correlacionadas à dimensão de solidariedade, indicando que a classe alta usa mais formas de prestígio. Nessa categoria, há também, o uso da variante *tú* com 36,20% para as mesmas relações e com 77 casos (17,42%) de *usted*, mostrando que há relações simétricas entre classe alta, ao dirigir-se à outra personagem da mesma classe, na qual não possui intimidade.

No que toca à categoria classe social baixa, ao analisarmos as variantes, obtivemos uma predominância de *usted* com 137 ocorrências (43,63%), favorecendo a nossa hipótese de que, nas relações ascendentes, há predomínio no uso das variantes associadas à dimensão de poder, demonstrando que, na maioria dos casos os empregados, os personagens utilizaram a forma de respeito, para tratar seus patrões. Outro ponto a ser analisado, foi o uso da forma *vos* com 121 casos (38,54%), indicando que ocorre relações simétricas entre eles, tratando-se com variantes de dimensão de confiança.

Para Labov (1982), os falantes das classes mais altas e de maior nível de escolaridade exibem proporcionalmente uma maior frequência de uso das formas de prestígio, e, corroborando com Labov, Fontanella de Weinberg (1970) observa que, no começo do século, essa evolução aparece refletida nas classes alta e média e não na classe baixa. A explicação desse fenômeno se deve ao fato de que os grupos mais altos da população estavam nesse momento mais abertos a mudanças nos usos e costumes, especialmente, aos procedentes do exterior.

4.2.2 Grupos de fatores estilísticos

Ervin-Tripp (1964), Halliday (1978) e Hymes (1972) consideraram a variação estilística como algo que envolvia uma variedade muito maior de tipos de variação, diferente do que conceberam os primeiros variacionistas. Além disso, para aqueles estudiosos, a variação estilística era condicionada por uma variedade mais ampla de fatores, incluindo não só a formalidade da situação ou a composição da audiência, mas fatores como tópico, ambiente que os falantes estão inseridos, canal de comunicação (falado, tais como: entrevistas, conversas; *versus* escrito, como: peças teatrais, chat ou email), propósito etc.

Considerando a complexidade da variação estilística, nessa pesquisa, iremos analisar três categorias de ordem estilística, a saber; c) *audiência (ausência de audiência, presença de um indivíduo como audiência)*, d) *relações de intimidade (íntimo e não íntimo)*, e) *relações familiares (entre irmãos, pai/mãe – filhos e filhos – pai/mãe)* determinam a variação entre as variantes *tú*, *vos* e *usted* no espanhol escrito rio-platense.

4.2.2.1 Audiência

Nossa previsão para esse grupo de fator fundamenta-se na constatação de Bell (1984), que não elenca somente o papel do ouvinte, seu destinatário, mas ressalta também o papel que outras pessoas da audiência desempenham na articulação que se faz

do estilo de fala em relação à situação de interação em que se encontra, mesmo que em menor grau.

A tabela a seguir traz os resultados que obtivemos:

Tabela 9: Distribuição das formas de tratamento da variável audiência em textos teatrais argentinos.

Audiência	Com audiência		Sem audiência	
	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	141/492	28,66%	72/265	27,17%
<i>Vos</i>	242/492	49,19%	92/265	34,72%
<i>Usted</i>	109/492	22,15%	101/265	38,11%
<i>Total</i>	492		265	

Fonte: Elaboração própria

Retomamos, a seguir, a nossa hipótese relativa à variável Audiência:

A presença de audiência é aqui interpretada como um fator de observação. Acreditamos que, na presença de audiência, as variantes associadas à dimensão de poder – *ustedeo* – devem ser mais frequentes; já na ausência de audiência, as variantes associadas à dimensão de solidariedade – *tuteo/voseo* – devem apresentar maior número de dados.

Para essa categoria, nossa hipótese foi totalmente refutada, pois acreditávamos que, em ambientes com a presença de outros personagens, prevaleceria o uso da forma *usted*, ocorrendo o contrário, uma maior ocorrência de *vos* com 242 casos, totalizando um percentual de 49,19%. Nesse contexto, tivemos com menor número de casos, exatamente a variável que contávamos como hipótese, com 109 casos (22,15%). Possivelmente, esse fato ocorreu por conta de as obras terem contextos familiares, o que indica o uso das formas de solidariedade.

Já sem a presença de outros personagens, esperávamos que as variantes associadas à dimensão de solidariedade – *tuteo/voseo* – tivessem um maior número de

dados, indicando o uso de *usted* com 101 casos, somando 38,11%, bem próximo à variante *vos* (92 casos – 34,72%).

Conforme Bell (1984), outras pessoas da audiência desempenham um papel na articulação que se faz do estilo de fala, fazendo com que mesmo em relação à situação de interação em que se encontra ou os personagens, podem caracterizar um ambiente mais formal e, assim, há a utilização de formas com dimensão de confiança e solidariedade.

5.2.2.2 *Relações de intimidade*

Nossa previsão para esse grupo de fator fundamenta-se na constatação de Fontanella de Weinberg (1970), ou seja, nas relações afetivas, a autora observou que os pretendentes a um relacionamento amoroso mantinham, no início do século XX, *usted* como forma tratamento mútua (1). Já em relações afetivas, em que o compromisso era estabelecido por um noivado, a relação entre os noivos expressava-se através de *vos* recíproco (2), conforme podemos verificar nas seguintes ocorrências:

Oco (1): LINARES – *(Sonriendo.) Pues ya que me disse **usted** lo que hablaba com Morales, yo también quiero decirle lo que conversaba com Petrona. Le estaba contando un cuento. [...]*

CARMEN – *(Sin poder reprimir um movimento de gozo.) ¡Era cierto! (Transición.) ¡Y **usted** que demostraba tanto interés al hablarla!*

LINARES – *¡Como **usted** en escuchar a Morales! [...]*

LINARES – *(Con emoción.) ¡No, Carmen, no! Falta algo todavía!... ¡Tenemos outra cosa que decirnos, y que ya es inútil calar! (La toma de las manos y la mira intensamente.) ¡Que nos queremos!*

CARMEN – *(Mirando com miedo hacia el foro.) ¡Cuidado!*

LINARES – *(Con pasión.) ¡Que te quiero, Carmen! ¡Que con toda mi alma te quiero!* (LAFERRÈRE, 1908, p.53)

Oco (2): PEPA – *(Secamente, adelantándose a Rocamora.) ¡Qué horas de venir!*

ROCAMORA – *(Dándole la mano.) Discúlpeme. Un que hacer urgente.*

PEPA – (*Nerviosamente.*) *Sí, sí, muy bonito. (En voz baja y olfateándole la ropa.) ¡Qué olor tan raro! ¿De donde salís?*

ROCAMORA – (*En igual forma*) *Del registro.*

PEPA – (*Nerviosamente y aparte*) *¡Mentira! ¿Decí, decí!... de dónde?* (LAFERRÈRE, 1908, p.61)

No caso (1), Linares e Carmen estão apaixonados e mantinham, no início do século XX, *usted* como forma tratamento mútua, já no caso (2) Pepa e Rocamora possuíam um compromisso firmado, um noivado, a relação entre os noivos expressava-se através de *vos* recíproco.

A tabela a seguir traz os resultados que obtivemos:

Tabela 10: Distribuição das formas de tratamento da variável relações de intimidade em textos teatrais argentinos.

Intimidade	Íntimos		Não íntimos	
	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	193/577	33,45%	17/185	9,19%
<i>Vos</i>	323/577	55,98%	13/185	7,03%
<i>Usted</i>	61/577	10,57%	155/185	83,78%
<i>Total</i>	577		185	

Fonte: Elaboração própria

Retomamos, a seguir, a nossa hipótese relativa à variável relações de intimidade:

A hipótese relacionada a essa variável é a de que, no período do início do século XX, nas relações entre não íntimos, predomine o uso da variante *usted* associadas à dimensão de poder; nas relações entre íntimos deve predominar o uso das variantes (*tú* e *vos*) correlacionadas à dimensão de solidariedade.

Ao analisarmos a tabela relacionada às relações de intimidade, constatamos que, nas relações de intimidade, a variante *vos* (relação de solidariedade) com 323 casos (55,98%). Esse resultado confirma a nossa hipótese, ou seja, a de que, nesses ambientes,

há uma predominância das variantes (*tú* e *vos*) que indicam simetria. Já nas relações não íntimas, observamos o predomínio da variante *usted* (relação de poder) com 155 ocorrências (83,78%), segundo propõe a nossa hipótese, ou seja, que, em ambientes não íntimos, há uma maior probabilidade de ocorrer o uso da variante *usted*, que indica poder.

Podemos observar que, conforme Fontanella de Weinberg (1970), as relações eram ainda mais formais entre jovens de sexo diferente. Além disso, somente se davam usos de *tuteo*, quando existia, parentesco ou uma relação muito íntima. No momento da declaração ou da proposta amorosa podia ser o momento decisivo para a mudança da forma de tratamento, como vimos na ocorrência (2) acima, quando Linares utiliza o pronome oblíquo *te*, para informar que amava Carmen.

5.2.2.3 Relações familiares

Nossa previsão para esse grupo de fator fundamenta-se na constatação do estudo de Sanromán Vilas (2010), no que se refere ao âmbito *familiar*, ou seja, a de que forma *tú* foi generalizada. Um percentual de (100%) dos informantes usaram essa forma para se referirem aos seus pais ou companheiro(a). Por outro lado, ao se dirigirem aos avós, os universitários apresentaram (96%) de uso da forma inovadora, sendo apenas (4%) de uso de *usted*, caindo para (3%) nos jovens do ensino médio. No trato com as sogras, os universitários tiveram (26%) de uso e (5%) não tinha certeza de como tratá-las. Com o sogro, o percentual foi de (21%) de *usted*. Percebe-se, assim, um avanço no uso de *tú* com diferenças mínimas entre as faixas etárias. A autora estabeleceu que, nesse contexto, é a idade avançada e o grau de familiaridade que favorecem o uso de *usted*.

A tabela a seguir traz os resultados que obtivemos:

Tabela 11: Distribuição das formas de tratamento da variável relações familiares em textos teatrais argentinos.

Familiares	Entre irmãos		Pai/mãe – filhos		Filhos – pai/mãe	
	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	46/103	44,66%	38/131	29,01%	5/36	13,89%
<i>Vos</i>	57/103	55,34%	93/131	70,99%	6/36	16,67%
<i>Usted</i>	0/103	-	0/131	-	25/36	69,44%
<i>Total</i>	103		131		36	

Fonte: Elaboração própria

Retomamos, a seguir, a nossa hipótese relativa à variável Relações familiares:

Pressupomos que os contextos de entre relações descendentes (de pai para filho) e nas relações simétricas (entre irmãos), predomine o uso das variantes *tú* ou *vos* associadas à dimensão de solidariedade e nos contextos de relações sem parentesco e nas relações ascendentes (de filho para pai), predomine o uso da variante *usted*, relacionadas à dimensão de poder.

Sobre a análise, observamos que, entre irmãos (relações simétricas), o uso das variantes, que indicam confiança, solidariedade, obteve 57 casos para *vos* (55,34%) e 46 ocorrências para *tú* (44,66%), confirmando nossa hipótese sobre a forma de tratamento. Na categoria pai/mãe – filhos (relações descendentes), na forma de tratamento utilizada pelos pais, encontramos as variantes *vos* com maior incidência dos casos (70,99%) e *tú* com menor índice de ocorrência (29,01%), confirmando a hipótese em análise.

Já a variante *usted* (relações de respeito) não foi usada nas categorias: entre irmãos e pai/mãe – filhos, como esperávamos. Ela foi utilizada na categoria filho – pai/mãe (relações ascendentes), indicando relações de poder com 25 casos (69,44%), constatando a nossa hipótese. Observamos também o uso das variantes de solidariedade, mesmo que com menor incidência de 13,89% e 16,67%, respectivamente das

ocorrências *tú* e *vos*, indicando que, nas novas gerações, os filhos começam a tratar os pais e outros familiares com *voseo* ou *tuteo* (Oco 2).

Segundo Fontanella de Weinberg (1970), a coexistência de duas pautas do uso das formas de tratamento entre pais e filhos assinala, evidentemente, uma etapa intermediária entre uma época anterior, na qual era usual o trato de *usted* – *vos* (1) e o uso atual, em que a geração jovem trata de *vos* a seus pais e tios (2), conforme podemos verificar nas seguintes ocorrências:

Oco (1): DOÑA MARÍA – (*Encarándose con ella.*) ¡Che... che... che!... ¿**Estás** loca? ¿**Que querés** decir?

CARMEN – (*Con aflicción.*) Pero ¿**usted no sabe** acaso, que Rocamora me pretende? (LAFERRÈRE, 1908, p.2)

Oco (2): JOSEFINA: *Buenas tardes, mamá.*

SOFIA: *Buenas tardes. ¿**Has sabido** la lección?*

JOSEFINA: *Sí, me dieron la página que sigue...*

SOFIA: [*con mucha calma*] *Bueno. **Andá** a jugar. ¡Y no **pelees** con Tito, eh! Mirá que yo no estoy para disgustos. [A ANGELA.] Ahí tenés en el cuarto unos pinceles para limpiar. Y avísame cuando vuelva Severo. [Sale SOFIA calmamente por la primera derecha y ANGELA la sigue, mientras JOSEFINA se acerca con vivacidad a ELENA:, que parece distraída.]*

JOSEFINA: *Decime, tía Elena, ¿es cierto que hay una parte, muy lejos de aquí, donde los hombres se casan con muchas mujeres?*

ELENA: *¿Quién te ha dicho eso, criatura? [...]*

JOSEFINA: *Lo que hay es que el novio de ella, ¿**sabés?** tiene otra novia al mismo tiempo, y por eso le dice eso... [Haciendo un gesto de malicia.] Pero lo que es a mí... [Se dirige corriendo hacia el foro.]* (LAFERRÈRE, 1905, p.15)

Sanromán Vilas (2010), também, destaca em sua investigação, o uso das variantes de solidariedade, com percentual de (100%) dos informantes, que usaram essa forma para se referirem aos seus pais, confirmando a proposição de Fontanella de Weinberg (1970), ou seja, a de que as gerações futuras utilizariam essas variantes.

5.2.3 Grupos de fatores linguísticos

Segundo Coelho (2015), os fatores linguísticos são aqueles relacionados a uma análise mais estrutural, ou seja, a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos etc.

Nessa perspectiva, analisaremos os contextos prototípicos de uso das formas sob análise, considerando-se o princípio funcional de Marcação e o relevo discursivo (figura, fundo 1 e fundo 2).

5.2.3.1 Plano discursivo

Para essa categoria, objetivamos analisar, pelo viés do princípio funcional da marcação, os contextos prototípicos de uso das formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted*, ou seja, quando figuram, na narrativa das peças de teatro, como fato central (figura) e como informação periférica (fundo 1 e 2), considerando-se a proposta de Chedier (2007) para o relevo discursivo.

A tabela a seguir traz os resultados que obtivemos:

Tabela 12: Distribuição das formas de tratamento da variável plano discursivo em textos teatrais argentinos.

Plano discursivo	Figura		Fundo 1		Fundo 2	
	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	198/642	30,84%	2/13	15,38%	16/115	13,91%
<i>Vos</i>	317/642	49,38%	5/13	38,46%	21/115	18,26%
<i>Usted</i>	127/642	19,78%	6/13	46,15%	78/115	67,83%
<i>Total</i>	642		13		115	

Fonte: Elaboração própria

A título de ilustração, vejamos algumas ocorrências de usos dessas formas de tratamento, para cada plano discursivo:

(vii) Figura

Oco: (1) PEPE: *Hasta luego. [Volviéndose hacia ENRIQUE.] ¿Y vos no decís nada? ¿Qué te ha parecido? [Se sienta.]* (LAFERRÈRE, 1905, p.7)

Oco: (2) ANGELA: *[muy melosa] ¿Necesita usted algo?* (LAFERRÈRE, 1905, p.30)

Oco: (3) SEVERO: *¿No has visto a Arturo?* (LAFERRÈRE, 1905, p.40)

(viii) Fundo 1

Oco: (1) LINARES: *(Sonriendo.) Pues ya que me dice usted lo que hablaba con Morales, yo también quiero decirle lo que conversaba con Petrona. Le estaba contando un cuento.* (LAFERRÈRE, 1908, p.53)

Oco: (2) MORALES: *(Por decir algo.) Cuando lleguen les diré que ha venido usted.* (LAFERRÈRE, 1908, p.21)

Oco: (3) SUSANA *(irónica).* - *¡Miserable! ¿Pensabas tú en la buena crianza cuando me arrebataste el trono? (Patética.) [...]* (ARLT, 1936, p.36)

(ix) Fundo 2

Oco: (1) FEDERICO: *¡Ah! Sí. ¿Pero no ha visto usted lo que le digo yo en mi diario?* (LAFERRÈRE, 1905, p.39)

Oco: (2) ENRIQUE: *¿Pero siquiera sabés lo que ha pasado, para hablar así?* (LAFERRÈRE, 1905, p.61)

Oco: (3) SAVERIO *(impaciente).* - *¿Pero no te das cuenta, mujer, que en las palabras que pronuncias radica tu absoluta falta de sentido político? ¡Ingenua! Se toma el poder por quince días y se queda uno veinte años.* (ARLT, 1936, p.20)

Retomamos, a seguir, a nossa hipótese relativa à variável Plano discursivo:

Acreditamos que, com base nos estudos de Givón (1995), as formas de tratamento mais informais e, portanto, menos complexas estruturalmente e cognitivamente (*vos* e *tú* – estruturas menos marcadas) tendem a aparecer em contextos menos complexo cognitivamente, ou seja, na figura e no fundo 01, o qual é o contexto não é marcado em relação ao fundo 02, visto que as informações fluem mais facilmente na progressão da narrativa, em termos de tempo de processamento cognitivo.

Relacionando os resultados obtidos com a nossa hipótese, observamos que ela foi confirmada totalmente. Por um lado, conforme esperávamos, os pronomes de tratamento *tú* (198 casos) e *vos* (317 ocorrências) aparecem significativamente com 30,84% e 49,38% respectivamente para figura, indicando que as variantes menos marcadas foram mais frequentes no contexto de figura (menos marcado), conforme o princípio funcional de marcação de Givón (1995, 2001).

Por outro lado, no contexto do plano discursivo fundo 01, obtivemos 13 ocorrências, sendo 2 para a variante *tú* (15,38%), 5 para *vos* (38,46%) e 6 para *usted* (46,15%) o que contempla parcialmente a nossa hipótese inicial, já que, nessa categoria a hipótese seria a de maior ocorrência apenas de formas menos marcadas (*tú* e *vos*). No entanto, é importante ponderarmos que, nesse contexto, considerado, também, menos marcado, somando as ocorrências das formas de tratamento menos marcada, o resultado estará de acordo com o princípio funcional de marcação.

Referente à variante *usted*, essa apareceu em todos os planos discursivos com predominância em fundo 1, 6 casos, (46,16%) e fundo 2, com 78 casos, (67,83%). A partir desse resultado, podemos verificar que a nossa hipótese foi atendida, no que tange ao contexto prototípico da forma de tratamento *usted*, visto que hipotetizamos que a sua ocorrência, predominantemente, dar-se-ia no plano discursivo fundo 2.

O *ustedeo*, considerada por nós, como a forma mais marcada estruturalmente e cognitivamente, nos termos do princípio funcional da marcação de Givón (1995, 2001), por ser, geralmente, mais formal e complexa, apareceu nos contextos menos marcados, ou seja, nos planos discursivos: figura e fundo 1, o que aponta para um equilíbrio cognitivo, conforme Dubois e Votre (2012). Para os autores,

esse equilíbrio acontece quando o falante utiliza formas mais marcadas em contextos menos marcados.

5.3 Argentina x Uruguai: análise contrastiva entre *tú*, *vos* e *usted*

Na análise contrastiva, faremos uma comparação entre os textos teatrais escritos nos dois países trabalhados na pesquisa: Argentina e Uruguai. O nosso objetivo é o de sistematizar os resultados obtidos nas oito categorias elencadas. Assim, faremos uma breve exposição sobre a cada categoria, depois exporemos o gráfico, mostrando a quantidade de ocorrências das formas de tratamento. Por fim, exporemos um resumo geral, comparando os dados.

Assim, a variação entre as formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted* no espanhol argentino e uruguaio deve estar associada a fatores extralinguísticos como: a variável social a) *classe social (classe baixa – classe alta, classe alta – classe baixa, classe baixa – classe baixa e classe alta – classe alta)* atuam como condicionadores do fenômeno variável em questão.

Alguns fatores de ordem estilística, a saber; b) *audiência (ausência de audiência, presença de um indivíduo como audiência)*, c) *relações de intimidade (íntimo e não íntimo)*, d) *relações familiares (entre irmãos, pai/mãe – filhos e filhos – pai/mãe)* e) *peças (argentinas e uruguaias)*, f) *períodos (1901-1920 e 1921-1940)* determinam a variação entre as variantes *tú*, *vos* e *usted* no espanhol escrito rio-platense.

Há, ainda, o fator de ordem linguística, a saber; g) os contextos prototípicos de uso das formas, considerando o princípio funcional de Marcação e o relevo discursivo (*figura, fundo 1 e fundo 2*) exercem influência na variação entre *tú*, *vos* e *usted*.

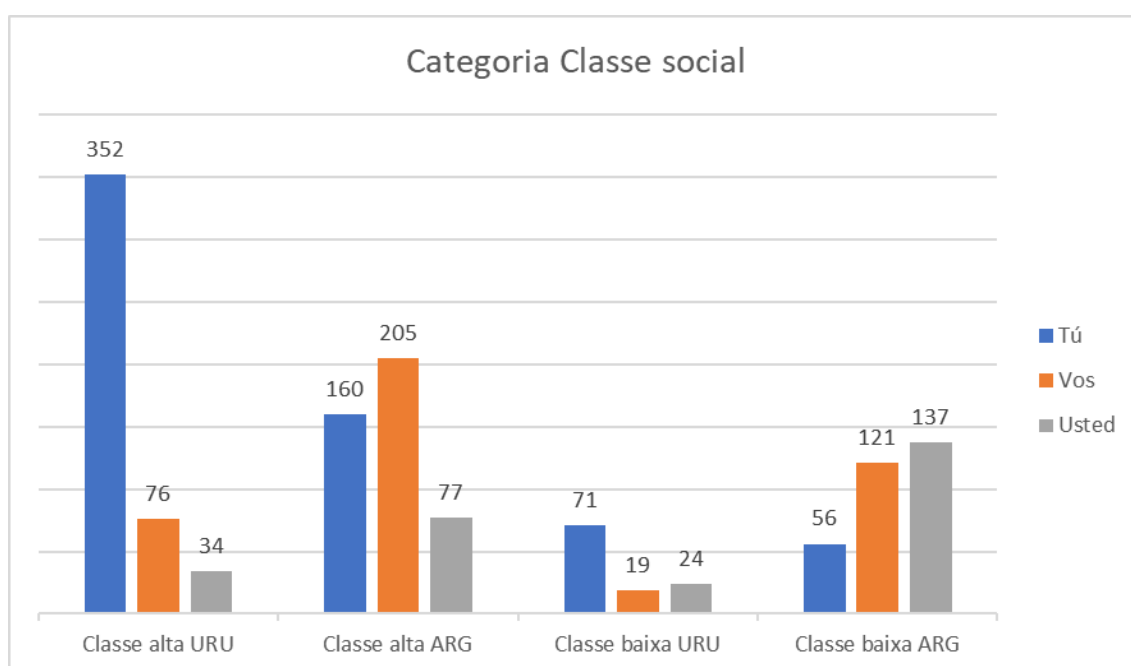
4.3.1 Grupo de fator social

4.3.1.1 Classes sociais

Sobre a categoria classes sociais, fundamentamo-nos nos estudos de Labov (1972, 1978, 1982), que na medida que a posição social do falante muda, o seu comportamento linguístico também muda e que os falantes das classes mais altas usam com maior frequência as formas de prestígio, seguida pelos falantes da classe média e por último, os da classe baixa.

O gráfico a seguir traz uma comparação com os resultados que obtivemos entre os países: Uruguai e Argentina.

Gráfico 1: Número de ocorrências das formas tratamentais em função da variável classe social em textos de teatro da Argentina e do Uruguai.



Fonte: Elaboração própria

Resumidamente, nas classes altas argentinas e uruguaias prevaleceram o uso da forma de prestígio (*vos* e *tú*), com 205 e 352 casos, respectivamente, demonstrando que nas relações descendentes e simétricas tendem a utilizar a forma de solidariedade.

Vale ressaltar, que a variante *usted*, tiveram poucos casos em ambos países, indicando que usam a forma de respeito, quando não tem intimidade entre os personagens, como: na ocorrência, na qual Doña María recebe uma possível inquilina.

Oco: CARMEN: *Mama, esta señora viene por la pieza desalquilada.*

DOÑA MARÍA: *(Muy amable.) Pase adelante, señora, pase adelante.*

DOÑA ROSARIO: *Sí, señora. Como vi papel em el balcón.*

DOÑA MARÍA: Sí, sí... tome usted asiento. (Le señala una silla.) (LAFERRÈRE, 1908, p.4,5)

Já nas classes baixas uruguaias, a forma com mais incidência foi a forma *tú* (71 casos), corroborando com os estudos de Labov (1982), que as classes usam a forma conservadora, com mais frequência, seja em relações simétricas ou ascendentes. Enquanto, na Argentina, a forma predominante foi a variante *usted* (137 ocorrências), nas relações ascendentes e *vos* (121 dados) nas simétricas, segundo Fontanella de Weinberg (1999), nesse país por possuir um sistema de tratamento pronominal bidimensional (*vos – usted*), observamos seus usos.

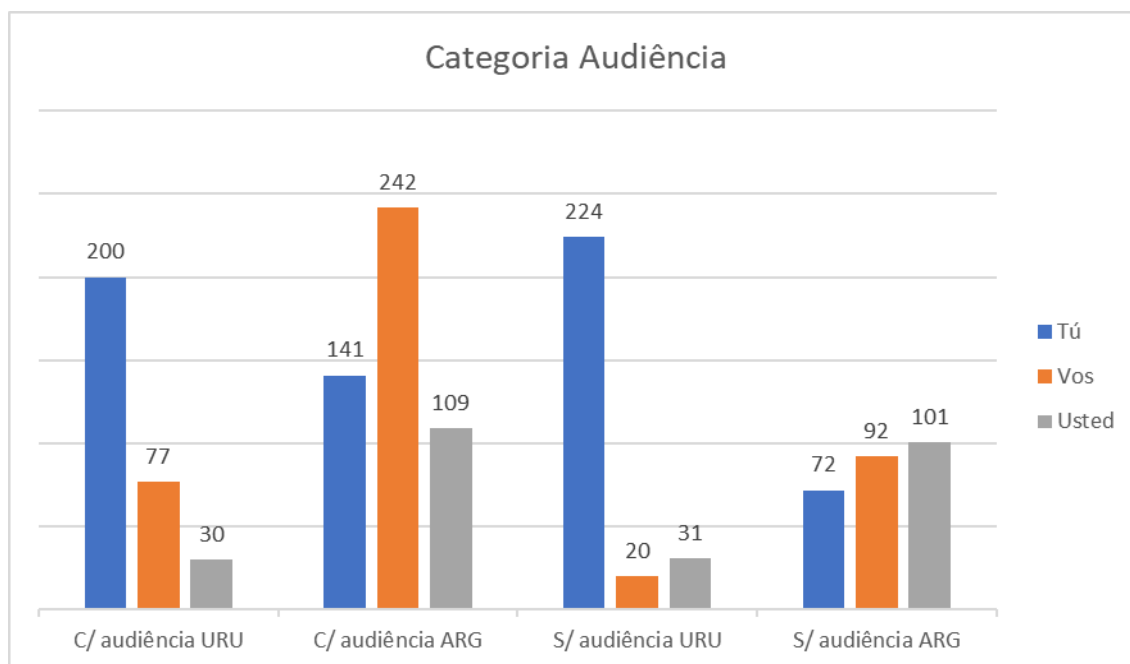
4.3.2 Grupos de fatores estilísticos

4.3.2.1 Audiência

A categoria audiência, baseamo-nos em Labov (1966), que todo falante mostrará alguma mudança ou variação no ato de fala, de acordo, com o ambiente que está falando ou com quem está convivendo, e Bell (1984), que não elencamos somente o papel do ouvinte, seu destinatário, mas ressaltamos também o papel que outras pessoas da audiência desempenham na articulação.

O gráfico a seguir traz uma comparação com os resultados que obtivemos entre os países: Uruguai e Argentina.

Gráfico 2: Número de ocorrências das formas tratamentais em função da variável audiência em textos de teatro da Argentina e do Uruguai.



Fonte: Elaboração própria

Ao analisarmos o gráfico sobre a categoria audiência, observamos que com presença de audiência prevaleceu o uso das formas *tú*: Uruguai (200 casos) e Argentina (141 casos) e *vos*: Uruguai (77 ocorrências) e Argentina (242 ocorrências), que representam as relações de solidariedade, demonstrando que os personagens possuem relações de confiança, carinho, ou seja, são íntimos.

Por outro lado, examinando o fator com ausência de audiência, no Uruguai predominou o uso do *tuteo*, com 224 ocorrências, confirmando nossa hipótese e as relações entre os personagens são simétricas e representam ações de intimidade, enquanto que na Argentina favoreceu a forma *ustedeo*, com 101 casos, as relações são assimétricas, com maior incidência para os casos de ascendência (filho – pai/mãe; empregado – chefe, entre outros).

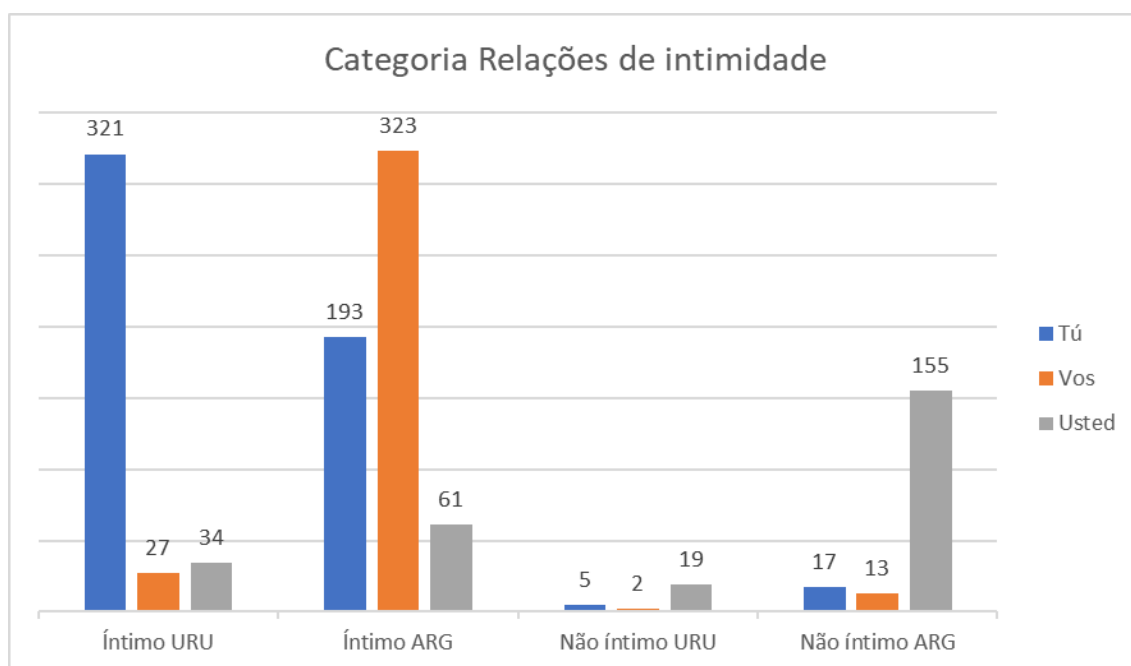
4.3.2.2 Relações de intimidade

Na categoria relações de intimidade, Ramos (1989), categorizou a forma *tu* para casos de intimidade e a forma *você* ao tratamento entre distantes, Lucca (2007), relatou em sua pesquisa, quando tinha menor distanciamento entre as pessoas ocorria

uma maior tendência ao uso do pronome tu, e Fontanella de Weinberg (1970), observou nas relações afetivas com distanciamento o uso da variante *usted*, enquanto que nas relações mais próximas, a variante *vos*.

O gráfico a seguir traz uma comparação com os resultados que obtivemos entre os países: Uruguai e Argentina.

Gráfico 3: Número de ocorrências das formas tratamentais em função da variável relações de intimidade em textos de teatro da Argentina e do Uruguai.



Fonte: Elaboração própria

A respeito dessa categoria, nas relações com intimidade, ocorreu o predomínio da forma pronominal *tú*, no Uruguai, com 321 ocorrências e na Argentina, a variante *vos*, com 323 casos. Dessa forma, nas relações íntimas entre os personagens favorece ao uso de forma que expressam informalidade ou aproximação, com relações simétricas e assimétricas descendentes.

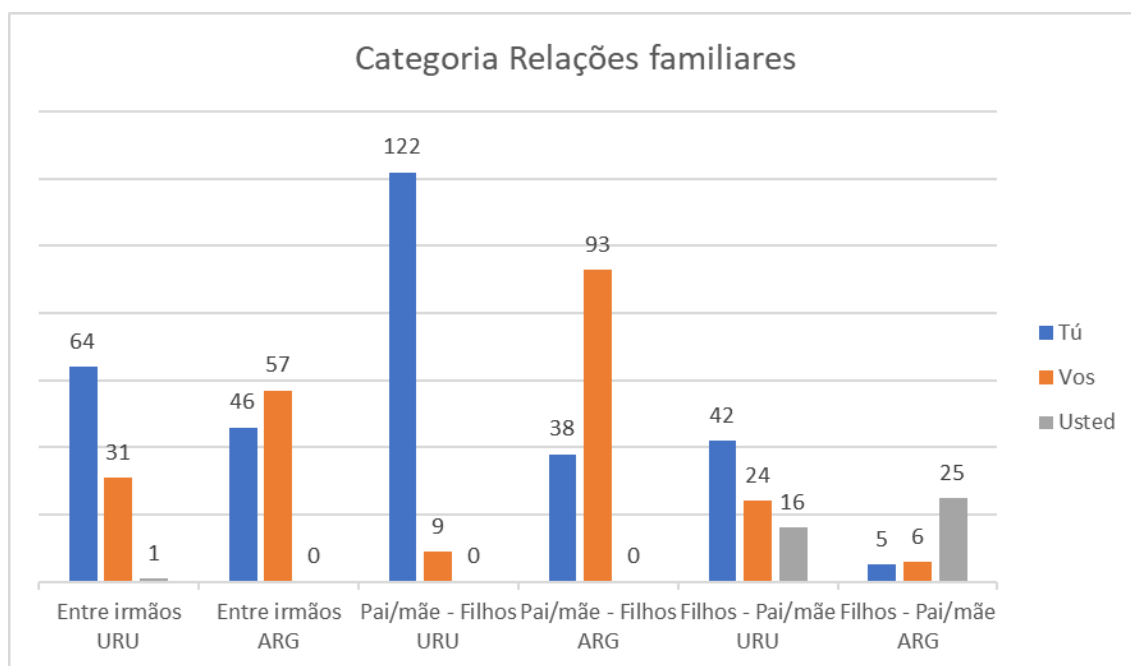
Já nas relações sem intimidade, a maior incidência foi da variante *usted*, em ambos países: com 19 dados, no Uruguai, e 155 casos, na Argentina, confirmando nosso estudo que não íntimos tendem a utilizar formas com dimensão de poder ou respeito, no qual suas interações demonstraram assimetrias, principalmente, nos casos ascendentes.

4.3.2.3 Relações familiares

Em relação à categoria relações familiares, Brown e Gilman (1960), demonstraram que nas relações de solidariedade ocorreria o uso de forma que indicam confiança, como entre irmãos, pai/mãe – filhos, e nas relações de poder utilizaria forma que prevalecem respeito, como sobrinhos – tios, filhos – pai/mãe, e Sanromán Vilas (2010), observou no que se refere ao âmbito *familiar*, a forma *tú* foi generalizada ao se referir aos pais e companheiros.

O gráfico a seguir traz uma comparação com os resultados que obtivemos entre os países: Uruguai e Argentina.

Gráfico 4: Número de ocorrências das formas tratamentais em função da variável relações familiares em textos de teatro da Argentina e do Uruguai.



Fonte: Elaboração própria

Analisando o gráfico da categoria relações familiares, no subgrupo: entre irmãos, Uruguai teve a superioridade da forma *tú*, com 64 casos e Argentina, a dominância de *vos*, com 57 dados. Ponto marcante para esse subgrupo, é o domínio das formas *tú* e *vos*, variantes que indicam a dimensão de companheirismo, confiança, algo comum entre irmãos.

As interações entre pais e filhos (relações descendentes), no Uruguai, a soberania foi da variante *tú*, com 122 ocorrências, na Argentina, a ascendência foi da forma *vos*, com 93 dados e não teve nenhum caso de *usted*, categorizando que os pais,

tios, avós, pessoas mais velhas utilizam formas mais solidárias para tratar seus filhos, sobrinhos ou netos.

Cabe ressaltar, que nas duas primeiras categorias, ocorreu praticamente a ausência do uso da forma *usted*, tendo apenas um caso entre irmãos, no qual foi usado com cunho irônico como foi exemplificado na subseção 5.1.1.1, ocorrência (1).

Por último, a categoria entre a interação dos filhos com pais (relações ascendentes), no Uruguai ocorreu o predomínio da forma *tú*, com 42 casos e na Argentina, a variante *usted*, com 25 dados. Nesse caso, na Argentina, os filhos ainda, utilizam a forma de respeito para se dirigir aos pais, o que está mudando com as novas gerações, conforme Fontanella de Weinberg (1970) e a ocorrência da subseção 5.2.2.3 (Oco – 2), em que Josefina usa o *voseo* para falar com sua tia Elena.

Já no Uruguai, a forma mais utilizada foi o *tuteo*, seguida do *voseo*, o que podemos classificar como forma inovadora e de prestígio, mas é necessário um estudo mais detalhado com as novas gerações para confirmar ou refutar os dados adquiridos por meio das peças teatrais.

4.3.2.4 Países

Nossa previsão para esse grupo de fator fundamenta-se na constatação de Pereira, Coan e Pontes (2016), que investigaram a variação linguística diatópica com os pronomes *tú*, *vos* e *usted* em obras teatrais do fim do século XIX e da primeira metade do século XX em quatro países hispano-americanos. Relacionado à variante *vos*, no grupo de fatores, apenas Argentina teve o maior número de ocorrências, com 29/140 (20,7%), porém, o Uruguai teve um peso relativo maior do que Argentina, 0,922. Referente à variante *tú*, os países com maior possibilidade de uso da forma foram Chile (0,736) e Porto Rico (0,756) de peso relativo, enquanto que no Uruguai (0,075) e Argentina (0,132) indicam uma forte restrição do uso. Por fim, a variante *usted*, os países com maior incidência de ocorrências foram: Porto Rico, com 89,6% e Argentina, 77,9%.

A tabela a seguir traz os resultados que obtivemos:

Tabela 13: Proporção das formas de tratamento por países da escrita das obras teatrais.

Países	Argentina		Uruguai	
	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	216/771	28,02%	431/576	74,83%
<i>Vos</i>	340/771	44,10%	92/576	15,97%
<i>Usted</i>	215/771	27,88%	53/576	9,20%
<i>Total</i>	771		576	

Fonte: Elaboração própria

Retomamos, a seguir, a nossa hipótese relativa à variável Países:

Esperamos que, em relação aos países, a variante *vos* deve ser mais frequente na Argentina; enquanto que a variante *tú* deve aparecer com maior número de dados no Uruguai, já *usted* deve ter o menor indício em ambos os países.

Em relação à categoria países, nossa hipótese foi totalmente confirmada. Referente a Argentina, observamos que a variante *vos* teve a maior incidência de ocorrências, totalizando 44,10% dos 771 dados, o segundo maior percentual foi para a forma *tú*, com 28,02%, mostrando que as interações entre os personagens tendem às relações de solidariedade e com 27,88%, a variante *usted*, deteve o menor percentual.

No caso do Uruguai, a frequência de maior predominância foi a forma *tú*, com 74,83% dos 576 casos, categorizando também, a dimensão de solidariedade, como a mais usada entre os personagens, pois o segundo maior percentual foi da forma *vos*, com 15,97%, e com apenas, 9,20% das ocorrências de *ustedeo*.

Assim, o menor percentual do uso da forma *usted*, nas peças teatrais argentinas e uruguaias, mostram que os personagens tem mais intimidade entre eles, o que favorece ao uso do *tuteo/voseo* e que os casos de *usted* foram nas seguintes categorias: nas relações familiares, relações não íntimas e sem audiência.

4.3.2.5 Períodos

Nossa previsão para esse grupo de fator fundamenta-se na constatação de Nunes de Souza (2011), que ao analisar a distribuição das formas de tratamento por períodos de 50 anos, observou a ascensão do uso da forma *você*, que parte de zero na primeira metade do século XIX e chega a 60% de uso na segunda metade do século XX, passando por um pico de 65% na primeira metade do mesmo século; e o declínio no uso da forma *tu*, que parte de um índice de uso de 49% na primeira metade do século XIX, atinge seu ápice com 56% na segunda metade desse século e chega à frequência de 11% na segunda metade do século XX. Também, o tratamento *zero* persistiu em uso em todos os intervalos de tempo, sempre com porcentagens baixas, nunca ultrapassando o índice de 6%. Já a forma *o senhor*, também, acompanhou todo o período em análise, mas com taxas de uso mais altas, entre 23 e 31%, mostrando um leve declínio na primeira metade do século XX, quando atingiu 12%.

A tabela a seguir traz os resultados que obtivemos:

Tabela 14: Proporção das formas de tratamento por período da escrita das obras teatrais.

Intimidade	1901-1920		1921-1940	
	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	356/866	41,11%	51/125	40,80%
<i>Vos</i>	314/866	36,26%	26/125	20,80%
<i>Usted</i>	196/866	22,63%	48/125	38,40%
<i>Total</i>	866		125	

Fonte: Elaboração própria

Retomamos, a seguir, a nossa hipótese relativa à variável Períodos:

Esperamos que, no primeiro período, as variantes associadas à dimensão de solidariedade – *tuteo/voseo* – devem aparecer com maior número de dados em detrimento as variantes associadas à dimensão de poder – *ustedeo*; já no segundo período, podem seguir o mesmo padrão ou o inverso.

Observamos que nossa hipótese foi totalmente confirmada, pois em ambos os períodos demarcados, a variante com maior predominância foi o *tuteo*, com 356

casos (41,11%) para o período de (1901 – 1920) e 51 ocorrências (40,80%), no período de (1921 – 1940).

Cabe ressaltar, a discrepância dos dados computados entre os períodos analisados, enquanto que em um período possui 866 casos, o outro apenas 125 ocorrências. Esse fato ocorreu, por conta dos anos das obras, em que seis estão dentro da primeira faixa e apenas 2 na segunda. Dessa forma, uma lacuna para futuros trabalhos é ampliar a quantidade de obras do segundo período, para verificar se realmente seguirá esse contexto de prevalência do *tuteo*.

Outro ponto importante é analisar a bidimensionalidade (*vos – usted*), nos dois períodos, em que no primeiro ciclo encontramos uma maior incidência de *vos*, com 314 ocorrências, (36,26%) frente a *usted*, com 196 casos, (22,63%), justificado pelas obras, que grande parte dos personagens tem intimidade entre eles, o que favorece ao uso da variante *vos*. Já no segundo ciclo encontramos uma maior incidência de *usted*, com 48 ocorrências, (38,40%) frente a *vos*, com 26 casos, (20,80%), demonstrando que, mesmo em obras argentinas, permaneceu o predomínio da variante *usted*, indicando que entre os personagens há relações de poder e assimétricas.

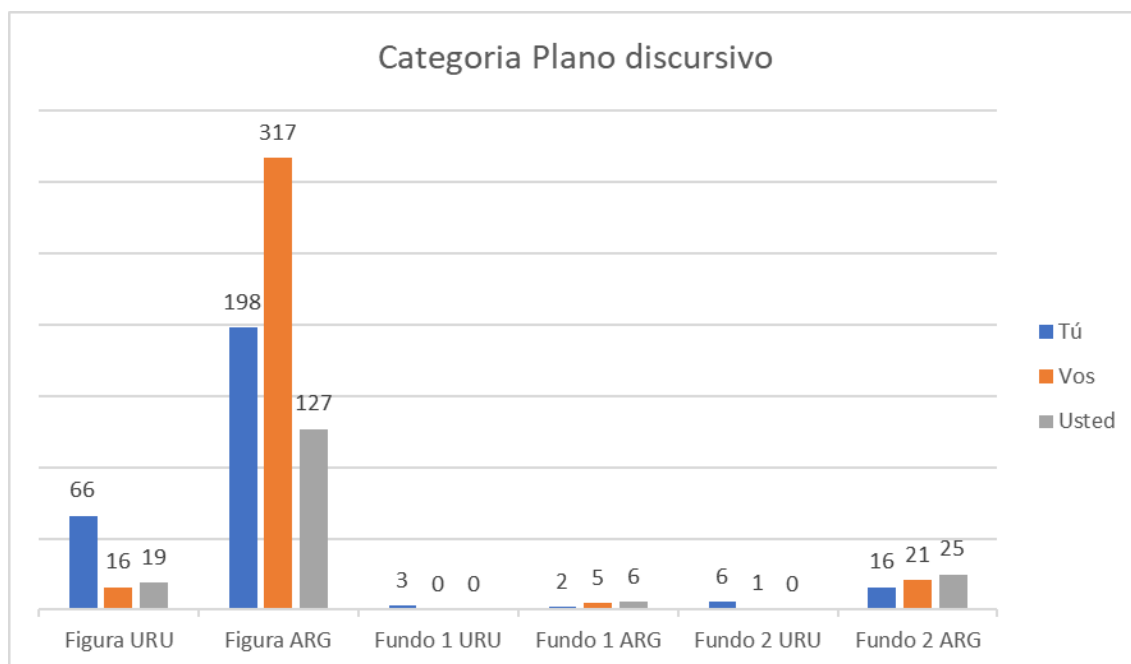
4.2.3 Grupos de fatores linguísticos

4.2.3.1 Plano discursivo

Por fim, na categoria plano discursivo, Chedier (2007), subdivide em três graus de figuridade: figura, fundo 1 e fundo 2 e Givón (1995), as formas de tratamento mais informais e, menos complexas estruturalmente e cognitivamente são: *vos* e *tú*, ou seja, estruturas menos marcadas e tendem a aparecer em contextos menos complexo cognitivamente, ou seja, na figura e no fundo 01, já em contexto não marcado e aparecem em contextos mais complexo cognitivamente, ou seja, fundo 02.

O gráfico a seguir traz uma comparação com os resultados que obtivemos entre os países: Uruguai e Argentina.

Gráfico 5: Número de ocorrências das formas tratamentais em função da variável plano discursivo em textos de teatro da Argentina e do Uruguai.



Fonte: Elaboração própria

Na categoria plano discursivo, o fator figura, na Argentina, predominou o uso dos pronomes de tratamento *tú* (198 casos) e *vos* (317 ocorrências). Por outra parte, no Uruguai, os pronomes de tratamento *tú* e *vos* aparecem significativamente com 66 e 16 respectivamente para figura, aparecem significativamente, indicando que as variantes menos marcadas foram mais frequentes no contexto de figura (menos marcado).

No caso de Fundo 1, na Argentina, obtivemos 13 ocorrências, sendo 2 para a variante *tú*, 5 para *vos* e 6 para *usted*, enquanto que no Uruguai, obtivemos apenas 03 ocorrências, o que contempla parcialmente a nossa hipótese inicial. Nesse contexto, considerado, também, menos marcado, encontramos ocorrências de uma das formas de tratamento menos marcada, no Uruguai e as duas formas na Argentina.

O plano discursivo fundo 2 teve 78 casos de *usted*, na Argentina, no que tange ao contexto prototípico da forma de tratamento *usted*, visto que hipotetizamos que a sua ocorrência, predominantemente, dar-se-ia nesse plano discursivo. No caso do Uruguai, há 6 ocorrências de *tú*, refutando totalmente a nossa hipótese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa deteve-se no estudo da variação entre as formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted* em peças teatrais argentinas e uruguaias, analisando o efeito de variáveis linguística e extralinguísticas no uso dessas formas. Para concluirmos, retomamos o percurso realizado nesse trabalho desde as asserções iniciais à análise e discussão dos resultados, apontamos suas principais contribuições e possíveis desdobramentos para investigações futuras.

A primeira seção foi dedicada aos elementos introdutórios. Nele, realizamos a apresentação e contextualização da temática. Apontamos alguns trabalhos mais recentes que se debruçaram sobre o estudo das formas de tratamento no mundo hispano, como as pesquisas de Pedroviejo Esteruelas (2003, 2003a), Nunes de Souza (2011), Pereira, Coan e Pontes (2016), e Pontes e Lima (2018). Destacamos algumas lacunas no estudo dessas formas como a necessidade de diversificação metodológica e a escassa bibliografia de estudos dessa natureza no espanhol da região rioplatense. Por fim, apresentamos os objetivos da pesquisa, que se voltaram para a análise das formas *tú*, *vos* e *usted*, considerando fatores linguísticos, sociais e estilísticos em peças teatrais argentinas e uruguaias, a questão norteadora e as hipóteses.

A segunda seção foi dedicada à apresentação dos sistemas pronominais de tratamento no mundo hispano. Pautamo-nos nos trabalhos de Carricaburo (1997) e Fontanella de Weinberg (1999) para apresentar, em um primeiro momento, o sistema pronominal de tratamento em língua espanhola e o uso feito das formas que compõem esse sistema, em vários países desse território. De modo símile, em seguida, expomos o sistema pronominal de tratamento relativo à Argentina e Uruguai, contextualizando um breve percurso sobre a história das formas de tratamento em cada país.

Na terceira seção, primeiramente, expusemos o aparato teórico que embasou a nossa pesquisa, em seguida, para sedimentar a análise estilística em nosso trabalho, apresentamos as principais abordagens dessa dimensão da variação, com o trabalho pioneiro de Labov e os seus mais recentes desdobramentos teóricos e, concluímos essa seção abordando, sobre o Sociofuncionalismo, com ênfase no princípio de marcação e plano discursivo.

Na quarta seção, expusemos os procedimentos metodológicos que guiaram a nossa pesquisa e foram embasados no aporte teórico anteriormente mencionado. Nesse

momento, explicitamos a classificação da pesquisa com base no método de abordagem, nos objetivos e nos procedimentos técnicos utilizados; a composição da amostra, formada a partir da seleção de 8 peças teatrais (4 argentinas e 4 uruguaias), sendo 2 autores de cada país, considerado como precursor do teatro ou parte integradora, bem como ao universo da pesquisa e o envelope de variação, com apresentação da variável dependente e conjunto das variáveis independentes selecionadas e, por fim, como os dados coletados foram submetidos.

Na quinta seção, apresentamos e realizamos a discussão dos dados obtidos a partir da contagem das ocorrências das peças teatrais. Baseado nos estudos resenhados, na hipótese e elaboração da tabela e análise. Obtivemos um total de 771 dados, dos quais 216 das ocorrências foram de *tú* (28,02%), 340 de *vos* (44,10%) e 215 (27,88%) de *usted*, na Argentina e um total de 576 casos, dos quais 431 das ocorrências foram de *tú* (74,83%), 92 de *vos* (15,97%) e 53 (9,20%) de *usted*, no Uruguai.

A seguir, retomamos os resultados para essas variáveis, a partir das categorias elencadas por nós, ao discutirmos esses resultados no capítulo de análise.

Instigados a verificar o comportamento das formas *tú*, *vos* e *usted* na presença da categoria *classes sociais*, controlamos os fatores *classe alta – classe alta*, *classe alta – classe baixa*, *classe baixa – classe alta* e *classe baixa – classe baixa*. Hipotetizamos que, nas relações ascendentes, predomine o uso das variantes associadas à dimensão de poder; nas relações descendentes e simétricas deve predominar o uso das variantes correlacionadas à dimensão de solidariedade. Confirmamos, parcialmente, a nossa hipótese, já que no Uruguai a *classe baixa* favoreceu o uso da variante *tú*, conforme percentual 62,28%, mas o mesmo não aconteceu com a *classe baixa*, na Argentina, indicando um percentual de 43,63%, para *usted*. Já a *classe alta*, como supúnhamos, apresentou mais o uso da forma *tú*, no Uruguai, com 76,19% e na Argentina, a variante *vos*, com 46,38%. Ao analisarmos essa categoria, percebemos que na classe alta predominou as relações de confiança entre eles e ascendentes e, na classe baixa, os personagens argentinos demonstraram ser mais resistente a forma de poder, enquanto os uruguaios um tratamento mais simétrico.

Com a categoria *audiência*, buscamos analisar a influência dos fatores *ausência de audiência* e *presença de audiência* no fenômeno variável. Ponderamos, a princípio, que, na presença de audiência, as variantes associadas à dimensão de poder – *ustedeo* – devem ser mais frequentes; já na ausência de audiência, as variantes

associadas à dimensão de solidariedade – *tuteo/voseo* – devem apresentar maior número de dados. Os dados contrariaram, totalmente, a nossa expectativa inicial, pois apenas o fator: *sem audiência*, no Uruguai, foi confirmada na hipótese, com um percentual de 81,46%, para a forma *tú*. Na Argentina, *sem audiência*, desfavoreceu a variante *tú* ou *vos*, tendo um percentual de 38,11% para *usted*. No entanto, *com audiência* aconteceu o inverso do que prevíamos, pois, as formas que favoreceram, moderadamente, o uso de *tú* (65,15%), no Uruguai e a variante *vos* (49,19%), na Argentina, sendo que acreditávamos na utilização da forma *usted*.

Procurando analisar a categoria *relações de intimidade*, adotamos os fatores *com intimidade* e *sem intimidade*. Ponderamos que, nas relações entre não íntimos, predomine o uso da variante *usted* associadas à dimensão de poder; nas relações entre íntimos deve predominar o uso das variantes (*tú* e *vos*) correlacionadas à dimensão de solidariedade. Os resultados corroboraram a nossa hipótese inicial, revelando que, em relações de intimidade, na Argentina prevaleceu a forma *vos*, com percentual de 55,48% e no Uruguai, a variante *tú*, com 84,03%. Já nos contextos não íntimos, *usted* apresentou mais ocorrências, tanto na Argentina (83,78%), como no Uruguai (73,08%).

Em relação à categoria *relações familiares*, controlamos os subgrupos *entre irmãos*, *pai/mãe – filhos* e *filhos – pai/mãe* e hipotetizamos que os contextos de entre relações descendentes (de pai para filho) e nas relações simétricas (entre irmãos), predomine o uso das variantes *tú* ou *vos* associadas à dimensão de solidariedade e nos contextos de relações sem parentesco e nas relações ascendentes (de filho para pai), predomine o uso da variante *usted*, relacionadas à dimensão de poder. Confirmamos quase totalmente nossa hipótese, pois os dados revelaram que *entre irmãos e pais e filhos*, na Argentina, teve o predomínio da forma *vos*, com (55,34%) e (70,99%), respectivamente, e no Uruguai, a variante *tú*, com (66,67%) e (93,13%). Já *entre filhos e pais*, na Argentina, ocorreu a maior incidência de *usted*, com um percentual de 69,44% e no Uruguai, a forma *tú*, com 51,22%. Como podemos observar, os filhos argentinos fazem mais uso da variante *usted* e, por outro lado, os personagens uruguaios predominam no uso da variante inovadora, dando, assim, indícios de uma mudança em progresso em direção ao *tuteo*.

Com a categoria *paises*, buscamos analisar a influência dos países *Argentina* e *Uruguai* no fenômeno variável. Ponderamos, a princípio, que, a variante *vos* deve ser mais frequentes na Argentina; enquanto que a variante *tú* deve aparecer com maior

número de dados no Uruguai e *usted* deve ter o menor indício em ambos os países. Os dados, confirmam totalmente, a nossa expectativa inicial, pois na *Argentina*, a variante *vos*, deteve o maior percentual com 44,10%. Enquanto, no *Uruguai*, a forma *tú*, teve o maior percentual com 74,83%.

No que tange à categoria *períodos* em fatores: 1901 – 1920 e 1921 – 1940, foi hipotetizado que no primeiro período, as variantes associadas à dimensão de solidariedade – *tuteo/voseo* – devem aparecer com maior número de dados em detrimento as variantes associadas à dimensão de poder – *ustedeo*; já no segundo período, podem seguir o mesmo padrão ou o inverso. Em relação aos períodos favoreceu a forma *tú*, com (41,11%) no primeiro período e, com (40,80%), no segundo período, confirmando, assim, a nossa hipótese.

No que toca à categoria *plano discursivo*, controlamos os fatores *figura*, *fundo 1* e *fundo 2*. A nossa hipótese inicial era a de que as formas de tratamento informais e, portanto, menos complexas estruturalmente e cognitivamente (*vos* e *tú* – estruturas menos marcadas) tendem a aparecer em contextos menos complexo cognitivamente, ou seja, na *figura* e no *fundo 01*, o qual é o contexto não é marcado em relação ao *fundo 02*. De fato, os dados se alinharam às nossas suposições iniciais, na *Argentina*, pois para *figura*, a forma *vos*, apresentou um percentual de 49,38%, e para *fundo 1* e *fundo 2*, a variante *usted*, com 46,15% e 67,83%, respectivamente. No caso do *Uruguai*, ocorreu o predomínio da forma *tú*, nas três categorias, com 66,02% para *figura*, 100% para *fundo 1*, e 85,71% para *fundo 2*.

Em suma, os resultados apresentados ao longo desse trabalho constataam a preferência das variantes *tú* e *vos* nas peças teatrais uruguaias e argentinas. Além disso, contribuem com o que asseveram autores como Couto e Kulikovski (2011), Carricaburo (1997, 2010), Bertolotti e Coll (2006) e Fontanella de Weinberg (1970, 1999) sobre a extensão do *tuteo/voseo* nos contextos analisados.

Sendo assim, consideramos como contribuições desse trabalho, os seguintes aspectos:

a) análise, à luz do Sociofuncionalismo, a variação entre as formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted* em peças teatrais rioplatense, acionando grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos. Dessa forma, acreditamos preencher, ainda que minimamente, lacunas sobre o reduzido número de trabalhos, dessa natureza, nessa variedade do espanhol, quando comparada a outras variedades.

b) a diversificação da abordagem metodológica nesse tipo de estudo, pois a maioria das pesquisas no âmbito das formas de tratamento, em espanhol, têm trabalhado com as variáveis sociais (*idade, sexo, escolaridade* etc.) e, como pudemos perceber, muitos trabalham com questionários e *corpus* oral. Em nossa pesquisa, a amostra foi constituída a partir de um *corpus* escrito (peças teatrais) e apresentamos um conjunto de grupo de fatores.

c) a atenção dada à dimensão da variação estilística, estudo que ainda se apresenta timidamente nas pesquisas sociolinguísticas que envolvem as formas de tratamento no mundo hispano e ao sociofuncionalismo, com o princípio de marcação e plano discursivo. Desse modo, acreditamos colaborar com essas demandas, ainda que em menor escala.

Por fim, como desdobramentos, sugerimos que pesquisas futuras possam aumentar o número de obras teatrais, períodos, autores por países e inserir peças paraguaias, tornando a amostra ainda mais representativa. Além disso, chamamos a atenção para o controle do fator *idade*, não considerada em nossa análise porque em certas obras, não havia as faixas etárias dos personagens, algo que seria bem interessante de analisar, para saber se a idade iria influenciar no uso.

Outra questão relevante é a ampliação das variáveis sociais e estilísticas, como, por exemplo, o controle da variável *idade, escolaridade ou ocupação* dos personagens. Conforme Moreno Fernández (2009), a variável estilística tem influência direta na variação linguística. Segundo esse autor, as pessoas que atuam em profissões de maior prestígio tendem a fazer um maior uso da norma linguística e, conseqüentemente, a utilizar as variedades de prestígio. E, também, acrescentar mais variáveis linguísticas, como: preenchimento de sujeito, concordância verbal híbrida, entre outras.

Por último, como é sabido, abordamos a variação entre as formas *tú, vos* e *usted*, nas peças teatrais rioplatense, considerando apenas as formas que estivessem em posição de sujeito na oração. Portanto, recomendamos a análise das supramencionadas formas para além dessa posição, abordando, por exemplo, as formas que aparecem como adjetivo ou pronome possessivo, pronomes oblíquos átonos ou tônicos e as formas híbridas. Um trabalho que assumisse essa perspectiva ofereceria, sem dúvida, uma amostra considerável e um mapeamento bastante relevante de uso dessas formas, nessa comunidade de fala.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, Ana Luiza. *¿De vos, de tú, de usted? Las formas de tratamientos entre los jóvenes guatemaltecos.* In: COUTO, Leticia Rebollo.; LOPES, Célia Regina dos Santos. **As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais.** Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 409-436.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BELL, Allan. Language style as audience design. **Language in Society**, n. 13, v. 2, 1984, p. 145-204.
- BENAVIDES, Carlos. La distribución del voseo en Hispanoamérica. **Hispania**, v. 86, p. 612-623, 2003.
- BERTOLOTI, Virginia; COLL, Magdalena. Apuntes sobre el español en el Uruguay: historia y rasgos caracterizadores. **Revista de Estudios de: Ciencias Sociales y Humanidades.** p. 31-40, n. 16, 2006.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (ed.) **Sociolinguistics. The Essential Readings.** United Kingdom: Blackwell, 2003 [1960]. p. 156-176.
- CALDERÓN CAMPOS, Miguel. Formas de tratamiento. In: ALEZA IZQUIERDO, Milagros.; ENGUITA UTRILLA, José. María. (coord.), **La lengua española en América: normas y usos actuales.** Universidad de Valencia, Valencia: 2010, p. 225-236.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- CAMPOS, Simone. N.; RODRIGUES-MOURA, Enrique. Formal o Informal? He ahí la cuestión... las formas de tratamiento en las clases de E/LE para alumnos brasileños. **ASELE**, Actas IX, 1998. <http://goo.gl/PVVz1N> Acesso em: 12 fev. 2021.
- CARRICABURO, Norma. **Las fórmulas de tratamiento en el español actual.** Madrid: Arco Libros, S. A., 1997. 83 páginas. (Cuadernos de Lengua Española)
- CARRICABURO, Norma. El ustededeo, un fenómeno que avanza en la Argentina. In: HUMMEL, Martin; KLUGE, Bettina; VÁSZQUEZ LASLOP, María Eugenia. (org.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico.** México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 887-900.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolingüística. MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). 2. ed., 2ª reimp. **Manual de lingüística.** São Paulo: Contexto, 2013. p. 141-155.

CEZARIO, Maria Maura; MARQUES, Priscilla Mouta; ABRAÇADO, Jussara. Sociofuncionalismo. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JR, Celso. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto. 2016, p. 45-61.

CHEDIER, Carolina Moreira. **Perfil de figura/fundo em crianças com e sem queixas escolares**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuhl; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. Uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos. *In*: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria (org.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 163-199.

COELHO, Izete Lehmkuhl. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. (Coleção para conhecer linguística)

COUTO, Leticia Rebollo.; KULIKOVSKI, Zulma Moriondo. El voseo argentino y el voseo chileno: diferencias sociolinguísticas e conversacionales a través de diálogos cinematográficos y textos en internet. *In*: COUTO, Leticia Rebollo.; LOPES, Célia Regina dos Santos. **As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**. Niterói: Editora da UFF, 2011. p 497-531.

CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. Sequências didáticas para o ensino de ínguas. *In*: DIAS, Reinildes; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. **O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas**. Mercado de Letras: Campinas, SP, 2009. p. 305-344.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da *et al.* Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura.; CUNHA, Maria Angélica Furtado da (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, p. 13-40.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Funcionalismo. MARTELLOTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

ECKERT, Penelope. Variation, convention, and social meaning. Paper Presented at the **Annual Meeting of the Linguistic Society of America**. Oakland CA. Jan. 7, 2005.

ERVIN-TRIPP, Susan M. An analysis of the interaction of language, topic and listener. *In*: GUMEPRZ, John; HYMES, Dell (ed.). **The ethnography of communication**, p. 86-102, 1964.

FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. Sistemas pronominales de tratamiento usados en el mundo hispánico. *In*: Bosque, Ignacio. Demonte, Violeta. (ed.): **Gramática descriptiva de la lengua española**, 1. Madrid: RAE, 1999, p. 1399-1425.

FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. **El español de América**. Madrid: Mapfre, 1992.

FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. La evolución de los pronombres de tratamiento en el español bonaerense. PATIÑO, R. P. (org.) **Thesaurus – Boletín del Instituto Caro Y Cuervo**. Santafé de Bogotá: Tomo I, Lingüística, 1993, p. 429-439, 1970.

FRANCOM, Jerid. **Variación estilística y dialecto**. El 7 de mayo, 2001. Disponible em: <http://www.academia.edu/>. Acesso em: 20 mai. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIVÓN, Talmy. Tense-Aspect-Modality. *In*: GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984. p. 269-320.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar: a prospectus**. New York, University of Oregon, 1991. 167 p.

GIVÓN, Talmy. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. *In*: **English Grammar: a functional-based introduction**. Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing Co., vols. I e II. 1995.

GRANERO, Vic Vieira. **Como usar o teatro na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011.

GUIRAUD, Pierre. **A estilística**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Language as a social semiotic: the social interpretation of language and meaning**. London: Edward Arnold, 1978.

HOPPER, Paul. Aspect and foregrounding in discourse. *In*: GIVÓN, Thomas (org.) **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

HORA, Dermeval da; WETZELS, Leo. A variação linguística e as restrições estilísticas. **Revista da ABRALIN**, vol. Eletrônico, n. especial, p. 147-188, 1ª parte 2011. Disponível em: <http://www.abralin.org/revista/RVE1/v4.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2019.

HUMMEL, Martin, KLUGE, Bettina y LASLOP, María Eugenia Vázquez (ed.), **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**, México D.F: El Colegio de México (Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios); Karl-Franzens Universität 2010. 1194 páginas.

HYMES, Dell. Models of the interaction of language and social life. *In*: GUMPERZ, John; HYMES, Dell (ed.). **Directions in Sociolinguistics**. New York: Holt, Reinhart and Winston, p. 35-71, 1972.

INGARDEN, Roman. “As funções da linguagem no teatro”. *IN*: CARDOSO, Reni Chaves; GUINSBURG, Jacob; NETTO, Teixeira Coelho (org). **Semiologia do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

KANY, Charles Emil, **Sintaxis Hispanoamericana**, Madrid: Gredos, 1970.

KRAMSCH, Claire. **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. De Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. **Where does the Linguistic variable stop?** A response to Beatriz Lavandera. Sociolinguistic Working Papers, p. 43-88, 1978.

LABOV, William. Building on Empirical Foundations. *In*: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (ed.) **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins: p. 17-92, 1982.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Cambridge University Press, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. São Paulo: Atlas, 1992.

LAPESA, Rafael. **Historia de la lengua**. Octava edición refundida y muy aumentada, Madrid, Gredos. 1980.

LIMA, José Victor Melo de. **Análise socioestilística da variação entre as formas de tratamento tú e usted no espanhol oral de Valência**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, 2018.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. O estatuto do tu no português do Brasil. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 5., 2007, Belo Horizonte, 2007. **Comunicação [...]**. Belo Horizonte: ABRALIN, 2007.

MAMBRINI, Ester. **Teatro e variação: a colocação pronominal em duas versões de A viúva Pitorra, de João Simões Lopes Neto**. 2004. 195p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2004.

MARTÍNEZ PÉRSICO, Marisa. Presentación de un caso de alternancia voseo-ustedeo como forma de tratamiento vigente en la variedad culta del español rioplatense. *In: Dialectología*, n.15, 2015, p. 111-115.

MAY, Guilherme Henrique. Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo. *Work.pap.linguíst.*, Florianópolis, v. 10, n.2, p. 69-79, jul. dez., 2009.

MELIÀ, Bartolomeu. **Ese famoso (y dichoso) bilingüismo paraguayo**, en **Anuario 2005 del Instituto Cervantes**. El español en el mundo, [en línea], em https://cvc.cervantes.es/lengua/anuario/anuario_05/melia/, Acesso em: 28 jun. 2019.

MENDOZA, Reinhild B. **Der voseo im Spanischen Uruguays**. Eine pluridimensionale Makro-und Mikroanalyse, Kiel: Westensee-Verlag, 2005.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Las variedades de la lengua española y su enseñanza**. Madrid: ArcoLibros, 2010.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. 4. ed. Barcelona: Ariel Letras, 2009.

MORÍN RODRÍGUEZ, Adela; ALMEIDA, Manuel; RODRÍGUEZ, Juana. Variación y cambio en el sistema pronominal de trato: el caso del español canario. *In: HUMMEL, Martin; KLUGE, Bettina; VÁSZQUEZ LASLOP, María Eugenia*. (org.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010, p. 717-734.

NEVES, Maria Helena de Moura. Estudos funcionalistas no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. esp., 1999, p. 71-104.

NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. **Poder e Solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX**: uma análise sociolinguística das formas de tratamento. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

PÁEZ URDANETA, Iraset. Vos. **Boletín de la Academia Venezolana de la lengua** 47, p. 69-70, 1981.

PEDROVIEJO ESTERUELAS, Juan Manuel. **Formas de tratamiento pronominales y nominales en el siglo XX**. Análisis de dos obras de teatro: Historia de una escalera y Bajarse al moro, 2003.

PEDROVIEJO ESTERUELAS, Juan Manuel. Formas de tratamiento en la primera mitad del siglo XX. Análisis de Historia de una escalera. **Hispanista**, n. 14, 2003(a).

PEDROVIEJO ESTERUELAS, Juan Manuel. Un estudio sociolingüístico. Sistemas de tratamiento de la juventud de Valladolid. **Revista de estudios filológicos**, n. 11, jul. 2006.

PEREIRA, Lyvia Lea de Oliveira, COAN, Márluce, PONTES, Valdecy de Oliveira. Variação linguística no uso das formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted* em peças teatrais hispano-americanas. **Veredas atemática**, v. 20, n. 2, 2016.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em Linguística. MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, v. 3, São Paulo: Cortez, 2004.

PONTES, Valdecy de Oliveira, LIMA, José Victor Melo de. Proposta de análise estilística para o estudo da variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted*. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli** v. 7, n. 1, p. 143-166, jan.-abr. 2018.

PONTES, Valdecy de Oliveira. A correlação entre as formas verbais imperfectivas e os planos discursivos sob a ótica da marcação e do processo de gramaticalização. **Calidoscópico** v. 14, n. 2, p. 184-198, mai/ago 2016.

PONTES, Valdecy de Oliveira. **O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol: um estudo sociofuncional**. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, 2012

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RAMOS, Myrian Pereira Botelho. **Formas de tratamento no falar de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

RONA, José Pedro. **Geografía y morfología del voseo**. Tesis doctoral, Porto Alegre: Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1967.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Introdução à análise do teatro**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 192p.

SANT'ANA MARTINS, Nilce. **Introdução à estilística: a expressividade da língua portuguesa**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

SANROMÁN VILAS, Begoña. El uso de *tú* y *usted* en los jóvenes de Cádiz. In: HUMMEL, Martin; KLUGE, Bettina; VÁSZQUEZ LASLOP, María Eugenia. (org.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 735-754.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington, DC: Georgetown University Press, 2001.

SILVEIRA, Elisabeth. **O aluno entende o que se diz na escola**. Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

STEFFEN, Joachim. El tratamiento en el Uruguay. *In*: HUMMEL, Martin; KLUGE, Bettina; VÁSZQUEZ LASLOP, María Eugenia. (org.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 449-464.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, aí, dai e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC.

TAVARES, Maria Alice; GÖRSKI, Edair Maria. Variação e sociofuncionalismo. *In*: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 249-270.

UBERSFELD, Anne. **Para ler o teatro**. Tradução de José Simões (coord.). São Paulo: Perspectiva, 2005.

VÁSZQUEZ LASLOP, María Eugenia. Formas de tratamiento parlamentario entre el poder legislativo y el poder ejecutivo en Mexico (1862-2005). *In*: HUMMEL, Martin; KLUGE, Bettina; VÁSZQUEZ LASLOP, María Eugenia. (org.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 619-648.

OBRAS LITERARIAS ANALISADAS

ARLT, Roberto. **Saverio el cruel**, Argentina. 1936.

_____. **La isla desierta**, Argentina. 1937.

HERRERA, Ernesto. **El estanque**, Uruguay. 1910.

_____. **La moral de Misia Paca**, Uruguay. 1913.

LAFERRÈRE, Gregorio de. **Locos de Verano**, Argentina. 1905.

_____. **Las de Barranco**, Argentina. 1908.

SÁNCHEZ, Florencio. **En familia**, Uruguay. 1905.

_____. **La Tigra**, Uruguay. 1907.